

LILIAN MARIA BARBOSA FERRARI

**ADOLFO CASAIS MONTEIRO E A LITERATURA BRASILEIRA
EM PORTUGAL (1932-1954)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

F375a
2019
Ferrari, Lilian Maria Barbosa, 1985-
Adolfo Casais Monteiro e a literatura brasileira : em
Portugal (1932-1954) / Lilian Maria Barbosa Ferrari. – Viçosa,
MG, 2019.
vi, 98 f. ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Joelma Santana Siqueira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 56-59.

1. Literatura brasileira - História e crítica.
2. Monteiro, Adolfo Casais, 1908-1972. 3. Literatura portuguesa.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. B869.09

LILIAN MARIA BARBOSA FERRARI

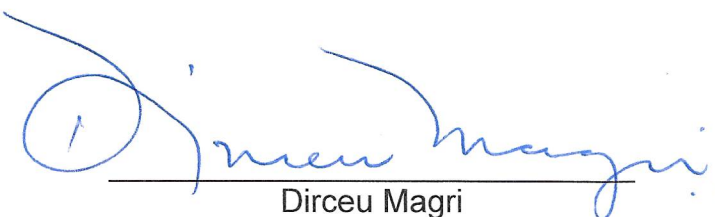
**ADOLFO CASAIS MONTEIRO E A LITERATURA BRASILEIRA EM
PORTUGAL (1932-1954)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de março de 2019.




Gerson Luiz Roani



Dirceu Magri



Amaldo Baptista Saraiva



Joelma Santana Siqueira
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

À professora Joelma Santana Siqueira, pela ajuda decisiva para a boa definição desta dissertação, pelos valiosos apoios, desde a graduação, às minhas pesquisas, pela cuidadosa e exigente orientação e pela leitura muito atenta do que fui escrevendo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante o mestrado.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Viçosa, pelo auxílio financeiro que viabilizou a realização de parte da pesquisa em Portugal.

Aos funcionários do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa, em especial à Adriana Gonçalves e ao Ralph de Oliveira, pela gentileza e prontidão com que sempre me atenderam.

Ao professor Arnaldo Saraiva, pelo incentivo ao meu projeto desde a fase de qualificação do meu mestrado, por ter acompanhado a evolução das minhas investigações, empenhando-se em que eu tivesse livre acesso a bibliotecas e espólios portugueses, e pelas sugestões críticas e bibliográficas.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, com os quais muito aprendi.

Aos professores Gerson Roani e Dirceu Magri, por terem estimulado, de forma generosa, os meus conhecimentos e por disponibilizarem-se para fazer parte da banca.

A todos os amigos com quem tive a felicidade de compartilhar as dúvidas e alegrias do caminho que me trouxe até aqui.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I.....	4
Adolfo Casais Monteiro, as razões do seu exílio no Brasil e o início da sua relação com a literatura brasileira.....	4
CAPÍTULO II	13
Os primeiros textos sobre literatura brasileira	13
2.1 Na revista <i>Presença</i>	13
2.2 Na <i>Revista de Portugal</i>	15
CAPÍTULO III.....	20
Os primeiros escritores brasileiros privilegiados por Adolfo Casais Monteiro	20
3.1 Rui Ribeiro Couto	20
3.2 Manuel Bandeira.....	24
3.3 Jorge de Lima.....	30
3.4 José Lins do Rego.....	35
3.5 Jorge Amado.....	41
CAPÍTULO IV	45
Adolfo Casais Monteiro e o intercâmbio intelectual luso-brasileiro	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
BIBLIOGRAFIA.....	49
I – Obras de Adolfo Casais Monteiro.....	49
II – Obras de autores brasileiros criticadas por Adolfo Casais Monteiro (ainda em Portugal)	55
III – Referências bibliográficas.....	56
IV – Cartas de escritores brasileiros a Adolfo Casais Monteiro referidas nesta dissertação	58
APÊNDICE.....	60
1. TEXTOS DISPERSOS DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO SOBRE LITERATURA BRASILEIRA	60
1.1 Em publicações portuguesas	60
1.2 Em publicações brasileiras.....	60
1.3 Textos contemplados nesta dissertação.....	60
2. CONTRIBUIÇÃO PARA UM INVENTÁRIO DE OUTROS TEXTOS DISPERSOS ..	62

3. ALGUMAS DEDICATÓRIAS DE ESCRITORES BRASILEIROS A ADOLFO CASAI MONTEIRO (antes do seu exílio no Brasil).....	85
---	-----------

RESUMO

FERRARI, Lilian Maria Barbosa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2019. **Adolfo Casais Monteiro e a literatura brasileira em Portugal (1932-1954)**. Orientadora: Joelma Santana Siqueira.

A presente dissertação objetiva analisar a ação relevante que em favor da literatura brasileira desenvolveu em Portugal o escritor Adolfo Casais Monteiro nos seus primeiros tempos de vida literária, antes de vir para o Brasil, em 1954. Essa ação traduziu-se na publicação, em jornais e revistas portuguesas, de textos sobre ou de autores brasileiros, na defesa e promoção do intercâmbio cultural e literário luso-brasileiro e na correspondência regular com escritores do Brasil. Assim, o trabalho contempla alguns dos primeiros textos de incidência brasileira que Casais Monteiro publicou em prestigiados órgãos da imprensa literária portuguesa – nas revistas *Presença* e *Revista de Portugal*, sem esquecer *O Diabo*, *Brasil Cultural*, *Portucale* e o suplemento literário de *O Primeiro de Janeiro* e colaborações de autores brasileiros nessas revistas, algumas pedidas ou promovidas por Casais Monteiro; também são contemplados os estudos iniciais que ele dedicou aos escritores brasileiros Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, José Lins do Rego e Jorge Amado; ainda, são registradas várias dedicatórias a Casais Monteiro em livros de autores brasileiros que agora se guardam no Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), assim como são referidas algumas cartas que lhe remeteram escritores brasileiros, guardadas no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal.

ABSTRACT

FERRARI, Lilian Maria Barbosa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2019. **Adolfo Casais Monteiro and the Brazilian literature in Portugal (1932-1954)**. Advisor: Joelma Santana Siqueira.

This study aims to analyze the relevant action that, in favor of the Brazilian literature, was developed by the writer Adolfo Casais Monteiro in Portugal during his early literary life, before coming to Brazil, in 1954. This action was expressed in the publication, in Portuguese newspapers and magazines, texts on or by Brazilian authors, in the defense and promotion of Luso-Brazilian cultural and literary exchange and in regular correspondence with writers from Brazil. In this way, this research contemplates some of the first texts of Brazilian incidence that Casais Monteiro published in prestigious Portuguese literary press organs – in the magazines *Presença* and *Revista de Portugal*, also in *O Diabo*, *Brasil Cultural*, *Portucale* and in the literary supplement of *O Primeiro de Janeiro*, besides collaborations of Brazilian authors in these magazines, some requested or promoted by Casais Monteiro. The initial studies that he dedicated to the Brazilian writers Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, José Lins do Rego and Jorge Amado are considered as well. There are still several dedications registered to Casais Monteiro in Brazilian authors' books, which are currently kept in the Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Furthermore, some letters addressed to Casais Monteiro by Brazilian writers, now kept in the Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal, are also referred.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho incide sobre a ação relevante que em favor da literatura brasileira desenvolveu em Portugal o escritor Adolfo Casas Monteiro nos seus primeiros tempos de vida literária, antes de vir para o Brasil, em 1954. Essa ação traduziu-se na publicação, em jornais e revistas portuguesas, de textos sobre ou de autores brasileiros, na defesa e promoção do intercâmbio cultural e literário luso-brasileiro e na correspondência regular com escritores do Brasil.

O estudo dessa ação obrigou a uma pesquisa que por limites de tempo e de condições de trabalho não pôde ser tão completa como desejaria, mas que quis suficientemente expressiva e a que em futuro próximo tentarei dar continuidade, assim como tentarei investigar e analisar também o que Casais Monteiro escreveu sobre literatura brasileira depois de se fixar no Brasil.

Embora alguns dos dispersos de Casais Monteiro tenham sido, avulsamente, recolhidos em livro por ele mesmo ou - conjuntamente - por outras pessoas (cf. por exemplo os dois volumes *Artigos de Adolfo Casais Monteiro*, 1983), nunca foi feita a inventariação, nem a avaliação global de todos os textos que em livro, revista ou jornal, de Portugal e do Brasil, ele dedicou à cultura e à literatura brasileira, que com muitas dificuldades de informação, mas com grande empenho e clarividência começou a estudar e divulgar em terra portuguesa muitos anos antes de se exilar no Brasil. Aliás, também está por fazer um bom balanço do seu trabalho em favor da literatura portuguesa, que não suspendeu depois de se instalar no Brasil.

Com ou sem alterações, Casais Monteiro recolheu alguns dos seus primeiros dispersos em livros como *O romance e os seus problemas* (1950), *O romance* (teoria e crítica), de 1964 e *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea* (1972), mas ele próprio lembrou em 1972 que essa recolha era muito limitada: “se este livro pretendesse tornar patente a história da minha ‘descoberta da poesia brasileira’ [...] não só teria incluído algumas breves notas publicadas já em 1932, mas até artigos posteriores”¹.

Nesta dissertação irei ocupar-me de alguns dos primeiros textos de incidência brasileira que Casais Monteiro publicou em prestigiados órgãos da imprensa literária

¹ *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, 1972, p.171.

portuguesa – nas revistas *Presença* e *Revista de Portugal*, sem esquecer *O Diabo*, *Brasil Cultural*, *Portucale* e o suplemento literário de *O Primeiro de Janeiro*, e sem esquecer colaborações de autores brasileiros nessas revistas, algumas pedidas ou promovidas por Casais Monteiro; mas também me ocuparei dos estudos iniciais que ele dedicou aos escritores brasileiros Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, José Lins do Rego e Jorge Amado, alguns dos quais viria a reproduzir e prolongar em livros; e recolherei várias dedicatórias a Casais Monteiro em livros de autores brasileiros que agora se guardam no Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), assim como me valerei das cartas que lhe remeteram escritores brasileiros, guardadas no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal.

Para nortear as pesquisas em revistas e jornais portugueses, tendo em vista o levantamento de textos críticos de Casais Monteiro publicados desde o início da década de 1930, foram consultadas as obras: *Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX* (1986) e o *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX - 1900-1940* - (1996), ambos da autoria de Daniel Pires. Mas também me vali de preciosas referências a publicações e colaborações no livro *Cartas em família* (2008), que reúne a correspondência do autor trocada com os seus pais, de 1929 a 1943.

A maioria dos periódicos listados no “inventário de outros textos dispersos” foi consultada integralmente. No caso de alguns periódicos tal não foi possível, por razões que me foram alheias; por exemplo, na Biblioteca em que requisitei o jornal *O Primeiro de Janeiro* só eram disponibilizados os exemplares relativos ao período de 1944 a 1949, uma vez que os volumes relativos a anos imediatamente anteriores e posteriores não podiam ser consultados por causa do seu estado de conservação. A pesquisa na maior parte dos periódicos listados no referido inventário foi realizada na Biblioteca Municipal do Porto e na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; mas recorri a hemerotecas digitais sempre que possível.

Na Biblioteca Nacional, em Lisboa, além de pesquisa bibliográfica, empenhei-me na análise do espólio de Casais Monteiro, centrada, sobretudo, nas cartas que lhe escreveram vários escritores brasileiros. Algumas dessas cartas são referidas e usadas ao longo do trabalho.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro traça, em inevitável síntese, a biografia de Adolfo Casais Monteiro, ainda em Portugal, assinalando a sua estreia literária, a sua formação pedagógica em Coimbra, a sua docência no Porto, o seu drama profissional (proibição de lecionar e de dirigir periódicos), o seu exílio, que se tornara inevitável, mas sublinhando também os seus primeiros contatos com a literatura brasileira.

O segundo capítulo evidencia a expressiva presença da literatura brasileira em duas importantes revistas portuguesas do século XX que Casais Monteiro esteve ligado, como colaborador ou não só: a *Presença*, de Coimbra, de que Casais Monteiro foi um dos diretores, ao lado de José Régio e de João Gaspar Simões, e a *Revista de Portugal*, de Lisboa, dirigida por Vitorino Nemésio que viria a ser professor de literatura brasileira na Faculdade de Letras lisboeta.

O terceiro capítulo discorre sobre os primeiros estudos de Casais de incidência brasileira, nomeando as primeiras obras e os escritores privilegiados pela sua crítica e contemplando as suas contribuições originais, ou distintas das expressas por críticos brasileiros, para o entendimento de obras de Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Jorge Amado.

O quarto e último capítulo evidencia o empenho de Casais Monteiro na defesa e valorização de um efetivo intercâmbio cultural luso-brasileiro, que ele não só teorizou como praticou brilhantemente, tendo-se tornado ainda em Portugal, como depois no Brasil, um dos mais distintos e fecundos intelectuais luso-brasileiros.

O apêndice, que dá conta de uma parte expressiva da pesquisa realizada em bibliotecas de Portugal, contém uma relação de publicações com textos dispersos de Adolfo Casais Monteiro e uma lista de seus primeiros textos de incidência brasileira contemplados nesta dissertação, com a indicação dos títulos e da publicação onde saíram. Achei por bem apresentar ainda, em apêndice, o por agora possível inventário de outros textos dispersos de Casais Monteiro em publicações portuguesas e brasileiras, assim como algumas das dedicatórias de livros que escritores brasileiros enviaram a Casais Monteiro antes do seu exílio no Brasil.

CAPÍTULO I

Adolfo Casais Monteiro, as razões do seu exílio no Brasil e o início da sua relação com a literatura brasileira

Adolfo Casais Monteiro nasceu no dia 4 de julho de 1908 no Porto, onde cursou o ensino básico e o secundário, bem como o universitário, tendo concluído, em 1928, a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na antiga Faculdade de Letras, que fora criada em 1919 “graças aos esforços de Leonardo Coimbra e de outros ilustres professores, que todavia não conseguiram evitar a sua extinção [...], por tortuosas razões, logo em 1928”².

Arnaldo Saraiva, em *A Renascença Portuguesa e a sua projeção na cultura brasileira* (2018), apresentando os “vários meios ou modos de intervenção” mobilizados pela “sociedade cultural e editorial chamada Renascença Portuguesa”, fundada no Porto em 1912, defende que sua ação no Brasil – bem como a de seu “órgão privilegiado, a revista *A Águia* (1912-1932)” – deve ser medida pela “insuspeitada presença e ação no Brasil de alguns dos seus principais representantes”³.

De fato, Adolfo Casais Monteiro (que viria a fixar-se e a morrer no Brasil) teve uma estreita relação com *A Águia*, onde se estreou como colaborador em Novembro-Dezembro de 1928 (s.IV, n.º6) com a publicação de “Notas biográficas sobre Eça de Queirós” e, “a partir do n.º7-8 de Março de 1929 e até ao n.º12, como membro da sua direção”⁴.

A sua estreia literária se daria no ano de 1929, com o livro de poemas *Confusão*, mas se tornaria mais conhecido no meio literário através da revista *Presença*, na qual já colaborava desde 1928 e cuja direção passou a integrar a partir de 1931, ao lado de José Régio e de João Gaspar Simões. Nesse contexto, inicia um intercâmbio literário com o poeta brasileiro Rui Ribeiro Couto e com outros escritores brasileiros. E foi, “guiado pelas mãos amigas do poeta [...] Ribeiro Couto,

² In.: *Brasil/Brazil*: “Literatura brasileira em Portugal: a revista *Terceira Margem*”, n.º57, 2018, p.55. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/84030/48503>>. Acesso em 7 fev. 2019.

³ SARAIVA, 2018, p.11.

⁴ *Ibid.*, p.26.

[que] Casais leu numerosos escritores brasileiros e fez publicar, na *Presença*, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e outros”⁵.

Percorrendo o volume *Cartas em família* (2008), publicado no centenário do nascimento de Casais, é possível encontrar informações relacionadas com o período do seu estágio pedagógico em Coimbra, tendo em vista a carreira de professor liceal, bem como suas reflexões sobre o ensino, relatos das suas inúmeras atividades, entre as quais a preparação escolar e crítica, conferências e tarefas de interesse literário e cultural, como a resposta a inquéritos e artigos para revistas.

As suas preocupações com o ensino e com o trabalho crítico ou dos críticos iriam manifestar-se sempre ao longo de sua vida e em várias de suas obras; alguns dos seus textos de teoria crítica teriam grande repercussão, como por exemplo, os que publicou em *O Estado de S. Paulo*: “Comentário de comentários” (1957), “Crítica e cultura geral” (1957), “Mistérios da arte de escrever” (1958), os dois primeiros reunidos sob o título “A crítica e o ensino universitário”⁶, no livro que não por acaso intitulou *Clareza e mistério da crítica* (1961).

O seu empenho crítico não se fixava apenas no campo literário, os seus textos saíam em revistas e jornais muito distintos, alguns dos quais nem foram listados⁷ no já referido *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*; e é notória a sua preocupação com o ensino superior mesmo quando estava ainda longe de ser professor universitário:

Creio que ainda não lhes disse que fui convidado para colaborar regularmente numa nova revista de cinema – *Animatógrafo* – que vai começar a sair semanalmente em Lisboa. Aceitei porque me agrada, e muitas vezes tenho deixado de escrever sobre cinema por não ter onde. [...] A não ser que a censura a deite abaixo, deve sair na *Voz da Justiça*⁸ de amanhã a minha resposta ao inquérito que lá se abriu sobre a Universidade, a crise e o remédio a dar-lhe. Creio que não saiu mal⁹.

O seu espírito crítico e o seu amor à liberdade cedo o empurraram para a militância política, e mais o estimularia a chegada ao poder de um ditador como

⁵ PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A crítica viva de Casais Monteiro”. In.: *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*, 2003, p.56.

⁶ *Clareza e mistério da crítica*, 1961, pp. 195-202.

⁷ É o caso de *Animatógrafo*, *Diário da Noite* e *Humanidade*, citados por Casais nas *Cartas em família* (2008), nas páginas 158, 184 e 248, respectivamente.

⁸ A resposta de Adolfo Casais Monteiro ao inquérito foi publicada, como comprova a carta que os pais lhe dirigiram em 23 março de 1933.

⁹ *Cartas em família*, 2008, p.150.

Salazar. Uma de suas primeiras notórias manifestações de natureza política foi a sua adesão ao movimento de orientação liberal conhecido como *Renovação Democrática* (1932-1935). Como lembrou Carlos Leone, um estudioso da vida e da obra de Casais Monteiro, esse movimento denunciava “a influência de Leonardo Coimbra junto de uma juventude com formação filosófica” (LEONE, 2005, p.9). De fato, Leonardo Coimbra – fundador e professor de filosofia na antiga Faculdade de Letras da Universidade do Porto – exerceu grande influência em vários jovens, entre os quais Casais Monteiro, que publicou no volume *Leonardo Coimbra: testemunhos de seus contemporâneos* (1950) um texto a que deu o expressivo título: “O meu mestre Leonardo Coimbra”.

Em outubro de 1934, Casais foi nomeado professor do Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto, mas não tardaria a iniciar a sua “via crucis” de perseguido político: foi preso, juntamente com Alice Gomes, com quem era casado, acusados de colaborarem com o Socorro Vermelho, organização que se dedicava a ajudar os presos políticos. Anos depois, em 1937, escreveria aos pais: “Recebi hoje notícias de Lisboa, capítulo situação professoral. É o seguinte: não fui demitido, mas não fui ainda colocado, e *parece* que o não serei este ano”¹⁰.

Esse drama pessoal e profissional se estenderá: em novembro de 1939, Ribeiro Couto intervém junto às autoridades portuguesas para que Casais obtivesse uma espécie de “nada consta” na polícia, tendo em vista um “diploma para ensinar particularmente”¹¹. No mesmo mês, Casais começa a ensinar no Colégio Infante de Sagres, de Lisboa mas, já em janeiro de 1940, o professor titular da vaga do referido Colégio retorna à Lisboa: “o Álvaro Salema não se pode aguentar no Porto, vê-se obrigado a voltar para Lisboa, e, claro está, volta a ocupar o lugar em que eu estava a substituí-lo”¹².

Nessa altura, em consequência das determinações limitadoras de sua liberdade profissional – uma vez que fica proibido de lecionar em estabelecimentos públicos e privados e de dirigir qualquer periódico – passa a se dedicar intensamente à atividade de tradutor, tendo traduzido Alexis Carrel, Tolstoi, Balzac, Sartre, Hemingway, Bergson, entre outros, que referirei na bibliografia.

¹⁰ Ibid., p.240.

¹¹ Ibid., p.332.

¹² Ibid., p.337.

Ainda assim, estaria à frente, anonimamente, do semanário *Mundo Literário*, sob a direção nominal de Jaime Cortesão Casimiro. Paradoxalmente, ou talvez não, a perseguição política determinou o incremento e a fecundidade de sua produção literária, repartida pela poesia, pelo ensaio e crítica, pela ficção, pela crônica, pela tradução, tendo-se tornado uma das mais apreciadas e respeitadas personalidades literárias das décadas de 1930 e 1940.

Em 1942, recebe uma carta-convite de Ribeiro Couto para lecionar em uma universidade dos Estados Unidos, mas acaba por não aceitar a proposta, julgando-se, sem poder imaginar a ironia do destino que uma dúzia de anos depois o traria ao Brasil – já em idade pouco favorável a viagens.

As inúmeras restrições profissionais, as sucessivas perseguições políticas e, sobretudo, a opressão intelectual vivida em Portugal, tornariam a permanência de Casais Monteiro em seu país natal insustentável. Tanto que, em 1946, escreve a sua mãe:

[...] consegui pôr de pé uma coisa que mais ninguém era capaz de fazer – o *Mundo Literário*. Devia estar orgulhoso, vaidoso, e tudo. E estou apenas – com vontade de me ir embora de Portugal. Começo a sentir, com efeito, que nem a minha *coragem* é suficiente para aguentar isso. E eu tenho conseguido suportar estes 20 anos de tirania, de miséria moral, de perseguição, com uma coragem tanto maior quanto tenho um imenso desprezo por isto¹³.

E mais adiante, na mesma carta, pondera: “Estou pensando em ir para o Brasil – mas lembro-me de todas as complicações que isso envolve – e vou adiando”¹⁴. Em 1948, a vida de Casais em Portugal torna-se ainda mais insuportável, pois “nem na Inquérito”, uma editora com a qual colaborara, havia trabalho para ele. Veja-se o que diz à mãe: “O Castro Soromenho, que deve ir em breve para o Brasil, tem-me entusiasmado a ir para lá, tanto mais que, no Rio ou em S. Paulo, talvez eu pudesse ser professor de uma das cadeiras de literatura portuguesa.”¹⁵ E arremata: “Creio, aliás, que sou mais “importante” no Brasil do que em Portugal, a fazer fé numa jornalista brasileira, que me entrevistou em Paris”¹⁶.

¹³ *Cartas a sua mãe*, 2008, p.61.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*, p.86.

¹⁶ *Ibid.*

Nestas condições, o exílio de Casais Monteiro parece inevitável, como o fora e seria o de outros intelectuais brilhantes. Carlos Leone falou em vagas de “estrangeiramento” no século XX português:

Na segunda vaga do século: depois de uma primeira vaga nos anos 30, em que quase todos eram mais velhos (Proença, Sérgio, Cortesão, Quintanilha, p. ex.), a vaga que sai de Portugal nos anos 1940-1960 **constitui um êxodo cultural que marca o século**: Fidelino de Figueiredo, Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa, [...], Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Barradas de Carvalho, enfim, é um elenco imenso [...]¹⁷. (grifos meus)

Nessa segunda vaga, curiosamente, entraram figuras marcadas sobretudo pela sua capacidade e atividade crítica.

Em 1953, Paulo Duarte escreve uma carta a Casais Monteiro, informando-o que dera o seu nome “à lista de sugestões aos prováveis convidados para o próximo Congresso de Escritores a realizar-se aqui [São Paulo] em 1954”¹⁸. Paulo Duarte, presidente da Sociedade Paulista de Escritores e, também, do referido Congresso, remeteria meses depois a carta-convite a Casais:

No programa de comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo, acha-se previsto um Congresso Internacional de Escritores, a realizar-se nesta cidade de 9 a 15 de agosto de 1954. [...] Temos o prazer de comunicar-lhe que o seu nome foi escolhido para tratar do tema nº 3, sobre “Problema da crítica de arte”. [...] Como dissemos acima, a sua colaboração interessa-nos vivamente, pois o Congresso Internacional de Escritores dificilmente poderá substituí-lo por outra pessoa com os mesmos títulos¹⁹.

Casais Monteiro aceitou o convite, e pensou na hipótese que já antes pusera de se fixar no Brasil, que via sem a resistência que o impedira de partir para os Estados Unidos. E foi no ano do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo e, depois da realização de um Congresso Internacional de Escritores²⁰, que ele escolheria viver num país cuja literatura e cultura já conhecia e apreciava havia

¹⁷ LEONE, Carlos. *O essencial sobre Adolfo Casais Monteiro*, 2005, pp.58-9.

¹⁸ Carta reunida no espólio de Adolfo Casais Monteiro, guardado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), datada de 25 de junho de 1953, São Paulo.

¹⁹ Carta de Paulo Duarte a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 18 fevereiro de 1954.

²⁰ Para informações mais detalhadas acerca da vinda de Casais Monteiro para o Brasil, cf.: GALVÃO, Walnice Nogueira, “O Congresso Internacional de Escritores de 1954: a chegada de Adolfo Casais Monteiro”, In.: *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*, 2003, pp.23-6.

muito, e depois de a servir em Portugal passaria a servir *in loco*, ainda que como “estrangeiro definitivo”, até a sua morte, em 23 de Julho de 1972.

A proclamação da independência do Brasil não impediu que muitos brasileiros continuassem empenhados na leitura e no estudo da literatura portuguesa e muitos portugueses continuassem empenhados na leitura e no estudo da literatura que na segunda metade do século XIX passou a chamar-se brasileira.

A generalidade dos escritores e dos leitores dos dois países, que usavam a mesma língua, só poderia ver vantagens no bom ou estreito relacionamento cultural e literário entre eles. Mas já em tempos modernistas, alguns escritores defenderam o afastamento ou mesmo a ruptura cultural e literária entre o país que fora colonizador e o país que era uma ex-colônia. Além disso, muitos estudiosos concordaram com Antonio Candido (1985, p.112) em que durante o modernismo a literatura brasileira “desconheceu” a literatura portuguesa, e “o diálogo perdera o mordente”, não indo “além da conversa de salão”²¹.

Contra essa visão se rebelaram, na teoria e na prática, várias personalidades do Brasil e de Portugal. O estudioso e divulgador da literatura brasileira em Portugal, Arnaldo Saraiva, em trabalho fundamental sobre as relações entre o modernismo brasileiro e o modernismo português, destacou a importância da publicação do volume *Literatura brasileira*, de José Osório de Oliveira, em 1926 e acrescentou que, “juntamente com Ribeiro Couto, que no final da década de 1920 esteve em Portugal, e com Adolfo Casais Monteiro, [Osório de Oliveira] foi o grande responsável pela popularização que a literatura brasileira moderna conheceria em Portugal nas décadas seguintes”²². Mas Adolfo Casais Monteiro cedo ganhou, como crítico e divulgador da literatura brasileira, e não só, um prestígio ou uma autoridade que poucos viam no voluntarioso José Osório de Oliveira.

Com boa formação universitária, com a sua ligação a publicações como a *Presença*, com a estima de grandes personalidades literárias como a de Fernando Pessoa, com a sua coragem de militante democrático, que o levou à prisão e ao exílio, com os seus talentos de escritor eclético, Casais Monteiro ainda hoje, mais de um século depois do seu nascimento, está à espera do estudo global e extenso que merece. Apesar da atenção que lhe deram estudiosos portugueses como Carlos Leone

²¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, 1985, p.112.

²² SARAIVA, Arnaldo. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português...*, 2004, p.40.

ou brasileiros como Nádya Batella Gotlib, e do trabalho editorial ou reeditorial de sua obra levado a cabo em Lisboa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, podemos afirmar que a historiografia literária – portuguesa ou brasileira – ainda não fez a devida avaliação da sua produção literária, ainda não o colocou no lugar ímpar que tal produção justifica, talvez porque, como acontece com exilados, se pensa que essa tarefa competiria ao outro país.

Mesmo na faceta que mais o projetou em vida, a de ensaísta ou de crítico, o seu nome quase só é destacado pelos seus estudos sobre Fernando Pessoa, que poucos meses antes de morrer lhe endereçou a famosa carta sobre a heteronímia. É curioso notar que o nome de Casais Monteiro, raras vezes se impôs com plena autonomia: “mesmo aqueles elementos que passaram para um público mais alargado fizeram esse trajecto associado a outros nomes”²³; a sua importante carta a Pessoa só é lembrada por causa da de Pessoa, e o seu poema *Europa*, parece ter de ser associado à intervenção que António Pedro fazia na BBC de Londres, em 1945.

Os primeiros contatos de Casais com a literatura brasileira, nomeadamente com a obra de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e de “tantos outros que até aí não eram sequer [...] simples nomes vagamente fixados”, deveram-se, de acordo com o testemunho do próprio Casais, ao encontro de Ribeiro Couto – que em 1929 era colaborador no Consulado do Brasil em Marselha²⁴ – com o professor francês Pierre Hourcade, que revelou ao brasileiro a revista *Presença* e o apresentou a Casais Monteiro, que em 1931 passou a ser um dos diretores dessa revista, em que publicaria as suas primeiras críticas a obras de autores brasileiros.

Assim, em 1932, Casais publica no n.º 34 da revista, o texto “Notas sobre poetas novos do Brasil”, em que contemplava Ribeiro Couto e Manuel Bandeira. De Ribeiro Couto referia especialmente os *Poemetos de ternura e de melancolia* (1924) e *Um homem na multidão* (1926); e de Manuel Bandeira distinguia o recente *Libertinagem* (1930). Os dois poetas determinariam, poucos anos depois, a publicação dos seus primeiros livros sobre autores brasileiros: *A poesia de Ribeiro*

²³ LEONE, Carlos. “A presença de Casais Monteiro na Biblioteca Nacional e o seu significado cultural”, s/p.

²⁴ Segundo Bezerra (2010), em 1928, o presidente Washington Luís nomeou Ribeiro Couto auxiliar extranumerário e sem vencimentos no Consulado do Brasil em Marselha. In.: BEZERRA, Elvia. *Ribeiro Couto: cadeira 26, ocupante 4*, 2010, p.21.

Couto (1935) e *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética, seguido de uma antologia* (1943).

Mas o seu interesse não se limitou a poetas; num pequeno artigo que publicou na *Revista de Portugal*, em 1937, debruçou-se sobre “Lúcio Cardoso, Amando Fontes e José Américo de Almeida”, ou sobre as suas respectivas obras: *Salgueiro* (1935), *Os Corumbas* (1933), e *A bagaceira* (1928)²⁵. Nesse artigo, Casais também lamentava a “impossibilidade em que se está em Portugal de adquirir a maior parte dos livros brasileiros”²⁶; mas já no ano anterior publicara n’*O Diabo*, de Lisboa, sugestões “Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro”, em que afirmava que “quando um artigo despertava em qualquer leitor interesse por determinado livro brasileiro [havia] noventa e nove probabilidades contra uma que esse livro se não [encontrasse] em nenhuma livraria portuguesa”²⁷.

Ao integrar a direção da *Presença*, Casais iniciara um intenso intercâmbio literário com escritores brasileiros, a quem enviava as suas obras poéticas e críticas, como se comprova, por exemplo, por uma carta de Mário de Andrade, datada de 12 de fevereiro de 1937:

Acabo de receber *Sempre e sem fim* [1937], em que você continua a linha admirável de *Poemas do tempo incerto* [1934]. Não sei qual deles preferir, qualquer dia destes em que me sobre tempo vou reler ambos juntos; mas poemas como o 9 de ‘Vita breve’ ou o ‘Desfloramento’ me deram a impressão de que você ainda avançou mais fundo no poder duplicado e tão difícil de fazer coincidir: o lirismo interior com a ressonância externa das palavras. [...] Ai vão os livros que me pede. Isto é, alguns dos que pede e outro que não pediu. Você desejaria os que considero importantes para minha evolução, mas ando tão desleixado de minha literatura que já não sei me amar dentro dela e muito menos escolher²⁸.

Conforme afirmou Luís Bueno, “a literatura brasileira só passa a ser comentada na própria *Presença* depois de 1932, quando Casais Monteiro passa a

²⁵ “*Salgueiro* (1935), por Lúcio Cardoso; *Os Corumbas* (1933), por Amando Fontes; *A bagaceira* (1928), por José Américo de Almeida”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º1, Out.1937, pp.138-41. Reproduzido em *O Romance e os seus problemas*, 1950, pp.173-76.

²⁶ *Ibid.*, p.138.

²⁷ “Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro”, *O Diabo*, n.º130, 20 dez.1936, p.1. Reproduzido em *Casais Monteiro: uma antologia*, 2012, pp.97-101.

²⁸ Carta de Mário de Andrade a Casais Monteiro, São Paulo, 12 de fevereiro de 1937. In.: *Casais Monteiro: uma antologia*/Rui Moreira Leite (org.), 2012, p.282.

integrar a direção da revista”²⁹, o que não é bem exato³⁰, porque já antes a revista *Presença* publicara, no n.º 31-32, de março/junho de 1931, quatro poemas do Ribeiro Couto e, no n.º 33, de julho/outubro de 1931, também da autoria de Couto, as notas “Dois poetas de Alagoas”; mas o codiretor Casais Monteiro favoreceria decerto a presença da literatura brasileira na revista. Bueno também notou que, ao contrário de Mário Dionísio, que parecia “entregar-se ao acaso”, fazendo crítica de obras que lhe vinham às mãos, Casais parecia ser movido por dois objetivos: “um prático, de divulgar a literatura brasileira em Portugal, o outro crítico, já que faz um movimento de incorporar o romance brasileiro às suas concepções acerca da evolução do romance”³¹.

Apesar de toda a dificuldade que referira em obter livros brasileiros ou de brasileiros em Portugal, Casais estaria o mais possível atento ao que no Brasil ia sendo publicado não só em matéria poética ou romanesca, mas também ensaística, tornando-se decerto o mais importante estudioso e, com José Osório de Oliveira, o maior divulgador da literatura brasileira em Portugal.

Mais tarde, em 1954, ele viria para o Brasil, aproveitando, como foi dito, o convite para participar no I Congresso Internacional de Escritores, no âmbito das comemorações do IV Centenário de São Paulo. Já bem conhecido em Portugal, mas também estimado por muitos autores brasileiros, ele pôde estabelecer boas relações com universidades e editores do Brasil, e distinguir-se como professor, como autor de livros ou como colaborador de publicações como o Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo* que, segundo Artur Anselmo, foi “o mais importante – do ponto de vista da sua audiência de leitura – suplemento que se publicou, na língua portuguesa, nos meados do século XX”³².

²⁹ BUENO, Luís. “O romance brasileiro na visão de dois críticos portugueses”, s/p. In.: *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt56/06.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2019.

³⁰ Casais Monteiro integra a direção da *Presença* a partir do n.º33, jul./out. 1931, no qual encontra-se assinalado: “Adolfo Casais Monteiro faz parte, desde este número, da direção da *Presença*”, p.15.

³¹ *Ibid.*, s/p.

³² ANSELMO, Artur. “No tempo em que os jornais portugueses tinham suplementos ou páginas literárias”, 2011, p.74.

CAPÍTULO II

Os primeiros textos sobre literatura brasileira

2.1 Na revista *Presença*

Os primeiros textos de incidência brasileira³³ de Adolfo Casais Monteiro apareceram desde 1932 na revista coimbrã *Presença*³⁴ de que foi codiretor e na qual por sua iniciativa passariam a colaborar vários escritores brasileiros.

Assim, na *Presença* de 1931, número 31-32, publica de Ribeiro Couto: “São Vicente”, “Mercado”, “Padroeira” e “Paquetá”. No mesmo ano, a número 33, além de trazer “O filho pródigo”, de Jorge de Lima, divulga uma nota de Ribeiro Couto sobre “Dois poetas de Alagoas”, Jorge de Lima e Aloysio Branco, em que afirma a existência de “grupos regionais” no “movimento moderno da literatura brasileira”, para o qual Alagoas contribuía com o crítico José Lins do Rego, além dos dois poetas citados. Na n.º37, de fevereiro de 1933, Guilherme de Almeida colabora com o poema “Com s ou com z?”, contrariando a informação de que Ribeiro Couto teria sido “um dos únicos três brasileiros que até 1938 colaboraram na *Presença*”³⁵, ao lado de Jorge de Lima e Cecília Meireles.

Em 1935, no número 45, publicam Cecília Meireles - “Cantiga”, “Amor”, “Descrição”; Ribeiro Couto - “Carícia Noturna”; e Jorge de Lima, texto dedicado à “Defesa da poesia”. Já seu “Poemas às ingenuas meninas” é estampado no número 51, de 1938, e o último número da primeira série, 53-54/1938, homenageia Cecília Meireles, dedicando quatro páginas a sua poesia - “Anunciação”, “Cantiga”, “A mulher e o seu menino”, “Música”, “Eco”, “Memória”, “Carta” – que contou ainda com uma introdução de José Régio.

³³ Cf.: “Notas sobre poetas novos do Brasil: I – Ribeiro Couto. II – Manuel Bandeira”, *Presença*, vol.2, n.º34, Nov.-Fev. 1932, pp.14-5.

³⁴ “*Folha de arte e crítica* publicada em Coimbra, datando o primeiro número de 10 de Março de 1927. Foi dirigida e editada por João Gaspar Simões, José Régio e Branquinho da Fonseca, escritor que, a partir do n.º 27, deixa de fazer parte da direcção, [...]. Com o n.º 33, de Julho/Dezembro de 1931, Adolfo Casais Monteiro adere à direcção da revista.” A primeira série da revista teve 54 números e a segunda série, 2. Publicou inéditos de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e “em 1993, a editora Contexto publicou o fac-símile integral da revista” em três volumes. In.: Pires, Daniel. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa...*, 1996, vol.1, pp.289-293.

³⁵ SILVEIRA, Pedro da. “Cartas inéditas de Manuel Bandeira a Adolfo Casais Monteiro”. In.: *Revista Colóquio/Letras*, n.º 18, Mar. 1974, p.44.

Na 2ª série, 1939, a revista publicou poemas de Alphonsus de Guimarães Filho - “Sonata da minha dor” e de Manuel Bandeira - “Soneto inglês”. Também a poesia de Vinícius de Moraes aparece na *Presença*, em seu último número, de 1940, que lhe dedica três páginas para a divulgação dos poemas “O riso”, “Epitáfio”, “Soneto I”, “Soneto II”, “Soneto III” e “Soneto IV”. De Mário de Andrade, é publicado “Trecho do idílio ‘Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma’”, ao qual são dedicadas também três páginas.

Em pesquisa no catálogo eletrônico do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), o acervo de Mário de Andrade registra a existência de uma carta de Casais Monteiro, 2fl, datada de 3 de janeiro de 1939, com a seguinte síntese de seu conteúdo: “Notícia da censura, em Portugal, de trecho de *Balança, Trombeta e Battleship*, ficção de MA por ele enviada à revista *Presença*”³⁶. Uma nota da pesquisa esclarece que a revista enviara “à censura obrigatória, o excerto sem o título original, *Como eles perderam a virgindade*. O censor salazarista, contudo, vetara a publicação que ocorrerá em 1940, após a troca do título para “Riacho de chuva”³⁷, feita pelo autor.

Entretanto, uma segunda nota registrada no catálogo eletrônico esclarece o que de fato se verifica, ou seja, que na *Presença* “não saiu o título ‘Riacho de chuva’. Saiu: ‘Trecho do idílio Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma’”³⁸.

Também Casais Monteiro comentaria a respeito desse episódio, envolvendo a publicação de Mário de Andrade. Foi graças a sua intervenção junto ao diretor da censura que o trecho pôde ser publicado: “quando a redação da *Presença* teve que ser transferida para Lisboa, procurei o diretor da censura, do qual consegui que fosse levantada a proibição do texto de Mário de Andrade”³⁹, embora não tenha conseguido o seu “objetivo principal”, que era o de suspender a sujeição da revista à censura. Ainda em relação ao “Trecho do idílio...”, Casais afirmava não ter visto “qualquer referência à obra de Mário de Andrade deste título, que não figura na lista

³⁶ Acervo Mário de Andrade (IEB): Disponível em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=32027>. Acesso em 7 fev. 2019.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

³⁹ “Uma História da *Presença*”, S.L. *O Estado de S. Paulo*, n.º96, 30 ago. 1958, p.2. Reunido nos *Cadernos de teoria e crítica literária*, n.º12, vol I, 1983, p.309.

dos volumes anunciados das *Obras Completas*, e seria curioso saber se aquele trecho é tudo quanto dele resta, ou se é, de fato, um ‘trecho’⁴⁰.

Na *Presença* deixou o próprio Casais Monteiro quatro textos da sua autoria, a saber:

- “Notas sobre poetas novos do Brasil: I – Ribeiro Couto. II – Manuel Bandeira”, *Presença*, vol.2, n.º34, Nov.-Fev. 1932, pp.14-5.
- “O Anjo por Jorge de Lima”, *Presença*, vol.2, n.º43, 1934, p.13.
- “Pureza, romance de José Lins do Rego”, *Presença*, vol.3, n.º50, 1937, pp.13-4.
- “Estado presente do intercâmbio intelectual Luso-Brasileiro”, *Presença*, vol.3, n.º53/54, 1938, p.29.

De cada um deles falarei mais adiante, na parte referente a cada um dos respectivos autores, relacionando-os com outros textos sobre os autores respectivos ou, no caso do último, em um capítulo especial. Aqui o que se impõe dizer é que esses textos denunciam o gosto seletivo do jovem crítico – pois se trata de autores e problemas de grande relevância – o esforço que terá feito para obter as suas informações em condições difíceis, a sua invulgar capacidade de análise, sobretudo dos níveis de conteúdo, e uma admirável sensibilidade a questões que poderiam ser estranhas ou vedadas a não-brasileiros ou a europeus.

2.2 Na Revista de Portugal

Não foi só na *Presença* que Casais Monteiro, antes de vir para o Brasil, publicou textos de incidência brasileira. Ele foi um dos colaboradores da *Revista de Portugal* fundada pelo reconhecido escritor e professor Vitorino Nemésio que a dirigiu de 1937 a 1940, tendo publicado um total de 10 números. Embora se intitulasse “de Portugal”, essa revista dedicou desde o seu primeiro número, em que já aparecia Casais Monteiro, especial atenção à literatura e à cultura brasileiras, por meio da seção crítica reservada à “Literatura brasileira”.

Entre os seus colaboradores contavam-se os brasileiros Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Lúcio Cardoso, Jorge Amado, Alphonsus de Guimaraens Filho, Adalgisa Nery, Lúcia Miguel Pereira, quase todos também colaboradores da *Presença*. Mas entre os colaboradores

⁴⁰ Ibid.

contavam-se também outros portugueses empenhados no estudo e divulgação da literatura brasileira em Portugal, como José Osório de Oliveira, que assinou, por exemplo, a “Nota sobre Gilberto Freyre” e a crítica “*Vovô Morungaba*, romance de Galeão Coutinho”, ou como Albano Nogueira, que criticou *Capitães de areia* (1937), de Jorge Amado e, Guilherme de Castilho, que criticou *Pureza* (1937), de José Lins do Rego.

Logo no primeiro número, Casais Monteiro ocupou-se de obras *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*⁴¹, organizada por Manuel Bandeira, *Salgueiro* (1935), de Lúcio Cardoso, *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes e *A bagaceira* (1928)⁴², de José Américo de Almeida.

A propósito da *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, obra publicada pelo Ministério da Educação do Brasil, Casais rende elogios a esse Ministério pela iniciativa da publicação e pela escolha de Manuel Bandeira, pois “o gosto dum grande poeta soube reunir o que mais importa, destacando-o duma produção enorme onde o leitor se perderia, arriscando-se a concluir, de muito mau verso lido, a falta de interesse de toda a poesia romântica brasileira”⁴³.

E em relação aos três romances, Casais notou que, embora diferentes entre si, eles evidenciavam, por isso mesmo, a “amplitude da renovação literária brasileira”⁴⁴.

Salgueiro revelou-se diferente de tudo que ele já conhecia do romance brasileiro, assinalando a semelhança que o fez lembrar do escritor português Raul Brandão, “por aquela bruma em que envolve as personagens, como se a sua vida real, as relações de uns com os outros, não passassem de ilusão, e real fosse apenas o drama íntimo que os vai arrastando para a escuridão”⁴⁵.

A bagaceira mereceu a Casais algumas restrições (“foi dos três o que menos me agradou”), sem deixar de assinalar “o entusiasmo que o acolheu no Brasil” por razões “que me são forçosamente estranhas, pois há no livro dois problemas de

⁴¹ “*Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, organizada por Manuel Bandeira”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º1, Out. 1937, pp.137-8.

⁴² “*Salgueiro* (1935), por Lúcio Cardoso; *Os Corumbas* (1933), por Amando Fontes; *A bagaceira* (1928), por José Américo de Almeida”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º1, Out. 1937, pp.138-41. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, 1950, pp.173-6.

⁴³ “*Antologia dos poetas brasileiros...*”, p.138.

⁴⁴ “*Salgueiro, Os Corumbas, A bagaceira...*”, p.138.

⁴⁵ *Ibid.*, p.139.

interesse vital para os brasileiros: o da seca e o da racionalização do trabalho agrícola, e respectivas consequências sociais”⁴⁶.

O que terá desagradado a Casais foi o “estilo empolado” da obra, que contrastava com os dos “romancistas modernos”; no entanto, não deixou de observar que “sob certos aspectos, lembra o Aquilino Ribeiro das *Terras do Demo* [...]. Mais romancista, contudo, do que Aquilino, embora menos artista”⁴⁷.

Casais assinalou o “estilo híbrido” do romance, ou o contraste entre a prosa artificial, atribuída ao autor, e a fala regionalista, reservada às personagens; e admite que os pontos fracos do romance decorrem do fato de ele ser o primeiro do autor. O que não impediu que ele se tornasse um marco da literatura social nordestina, não tanto por seus “méritos intrínsecos”, mas por ter “definido uma direção formal (realista) e um veio temático: a vida dos engenhos, a seca, o retirante, o jagunço”⁴⁸.

Os Corumbas é considerado o mais belo pelo crítico, que lhe reserva mais linhas, e que pondera como mais atual e universal. Ao recolher o texto que publicou na revista, em 1937, na obra *O Romance e os seus problemas* (1950), Casais suprimiu a parte em que elogiava a capacidade do autor Amando Fontes em criar uma obra com profunda “interpretação psicológica” e que manifestava o dom de compreensão do homem, a capacidade de traduzir a sua experiência. No entanto, na “Nota” final do livro assinalava que “mesmo as críticas mais antigas não foram alteradas, ainda quando o autor, a escrevê-las hoje, as tivesse orientado de maneira muito diferente.”⁴⁹. Casais, para preservar a “cor do tempo”, manteve até alusões a circunstâncias históricas, como a que informava que em 1937 não eram encontrados livros brasileiros nas livrarias portuguesas.

No n.º 3 da *Revista de Portugal*, de abril de 1938, apareceram dois textos de Casais: um dedicado à obra *O amanuense Belmiro*, romance de Ciro dos Anjos e outro a “Manuel Bandeira”, que teria continuidade no n.º4, de julho de 1938.

Sobre *O amanuense Belmiro* penitencia-se Casais por dizer pouco, “talvez [...] por uma espécie de pudor em tocar naquela atmosfera tão viva, tão recatada, tão

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 1994, p.395.

⁴⁹ *O Romance e os seus problemas*, 1950, p.324.

íntima”⁵⁰; mas defende a importância do romance e de sua leitura pelos portugueses, que assim escapariam ao equívoco de duas impressões reducionistas: a de que a literatura brasileira caminhava “toda no sentido de que Jorge Amado e Lins do Rego [eram] os mais notáveis representantes”⁵¹, e a da inexistência de representantes da “linha da pura intimidade, [da] feição interiorista”⁵².

Em “Manuel Bandeira” e “Manuel Bandeira (continuação)”⁵³, artigos que recolheria também em livro, Casais ocupou-se das obras *A cinza das horas*, *Carnaval*, *O ritmo dissoluto*, *Libertinagem* e *Estrela da manhã*. No mesmo ano, Bandeira remeteria uma carta a Casais em que dizia:

Li nos numeros 3 e 4 da ‘Revista de Portugal’ o seu estudo sobre a minha obra poética. [...] Muita gente aqui tem escrito sobre os meus versos notas interessantes, mas estudo assim minucioso e cavado como o seu só o fez o Mario de Andrade na ‘Revista do Brasil’ [...] a proposito da publicação de Poesias⁵⁴.

De fato, um estudo “minucioso e cavado”, dividido em duas partes, nos referidos números da *Revista de Portugal*, totalizando cerca de duas dezenas de páginas, (o mais longo de Casais dedicado à literatura brasileira na *Revista*) e em que Casais Monteiro centra-se na posição iniciadora de Bandeira, por meio de sua obra poética, no contexto do modernismo brasileiro.

Como ficou assinalado, a publicação da *Revista de Portugal* contou com 10 números, tendo Casais Monteiro apresentado colaborações expressivas, porém em “apenas” três deles: n.º1 (out.1937), n.º3 (abr.1938) e n.º4 (jul.1938). Essa constatação pareceu-nos relevante e uma das razões para que Casais não tenha colaborado nos demais números parece residir, entre outras, num desentendimento ocorrido entre os representantes da *Presença*, particularmente José Régio e Casais Monteiro, e o diretor da *Revista de Portugal*.

Percorrendo a obra *Correspondência com Vitorino Nemésio* (2007), depreende-se que o desentendimento teria começado quando o nome de Nemésio não fora mencionado numa nota publicada na *Presença*, que informava sobre o

⁵⁰ “*O amanuense Belmiro* de Ciro dos Anjos”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º3, Abr.1938, p.479.

⁵¹ *Ibid.*, p.477.

⁵² *Ibid.*

⁵³ “Manuel Bandeira”, pp.425-33, n.º3 e “Manuel Bandeira (continuação)”, pp.597-608, n.º4, *Revista de Portugal*, vol.1, Abr.1938 e Jul.1938. Estudos reunidos na obra *Manuel Bandeira: um estudo de sua obra poética seguido de uma antologia* (1943). Revista e aumentada com um quarto capítulo.

⁵⁴ Carta de Manuel Bandeira a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 5 agosto de 1938.

lançamento da *Revista de Portugal*, fato interpretado negativamente por Nemésio que chega a acusar os envolvidos de “agirem intencionalmente contra ele e contra a revista [*de Portugal*]”⁵⁵. Após uma longa polêmica entre os correspondentes, Casais Monteiro, em carta de agosto de 1938, chega então a “dar por findas” as suas “intervenções” na *Revista de Portugal*.

⁵⁵ RÉGIO, José. *Correspondência com Vitorino Nemésio*, 2007, p.11.

CAPÍTULO III

Os primeiros escritores brasileiros privilegiados por Adolfo Casais Monteiro

3.1 Rui Ribeiro Couto

No texto “Casais e o Brasil”, incluído em *Intelectuais portuguesas e a cultura brasileira* (2002), Nádya Gotlib destaca a importância de se reconhecer “um marco divisório” na vida e obra do escritor, referindo-se à década de 1950 e, mais especificamente, o ano de 1954 (quando Casais chega ao Brasil), e chama a atenção para o fato de que “é preciso considerar como, ainda em Portugal, sua obra revela a presença viva do Brasil como tema instigador de questões de caráter intelectual e artístico” (2002, p.114).

Assim, percorrendo sua extensa produção crítica, verifica-se em especial a dedicação do crítico em conhecer e divulgar nomes e obras de escritores brasileiros, iniciada com a publicação, na revista *Presença* (n.º34, nov./fev. 1932), das “Notas sobre poetas novos do Brasil”, como dissemos, dedicadas a Ribeiro Couto e Manuel Bandeira.

Três anos depois, publicaria um estudo, sob a chancela “edições *Presença*”, intitulado *A poesia de Ribeiro Couto* (1935), abordando do poeta e romancista brasileiro⁵⁶ toda a obra até então publicada⁵⁷, estudo que se encontra reunido em *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea* (1972) – volume dedicado exclusivamente à literatura brasileira – acrescido de mais dois breves capítulos dedicados a Couto: “II parte” (1963) e “Para um retrato de Ribeiro Couto” (1948). Ainda, a “A poesia de Ribeiro Couto - Introdução”, reunido na obra de 1972, fora publicado na revista *Portucale*, em 1935, com o título “Introdução ao ensaio ‘Ribeiro Couto - Poeta da intimidade’”.

⁵⁶ Rui Ribeiro Couto (Santos, SP, 1898 – Paris, 1963). Poeta, contista, romancista, magistrado e jornalista. Seu primeiro livro de poesias *O jardim das confidências* foi publicado em 1921. Mais tarde, em 1928, passaria a viver fora do Brasil, tendo trabalhado em Portugal, França, Holanda, Iugoslávia - onde empenhou-se na divulgação da literatura brasileira. Seu romance mais famoso é *Cabocla* (1931), tendo sido, inclusive, adaptado para a televisão. Também escreveu: *Chão de França*, 1935; *Cancioneiro de Dom Afonso*, 1939; *Cancioneiro do ausente*, 1943; *O dia é longo*, 1944; *Entre mar e rio*, 1952; *Dois retratos de Manuel Bandeira*, 1960; *Sentimento lusitano*, 1961; *Longe*, 1961. Nota: Para esta e outras brevíssimas notas biobibliográficas vali-me de histórias recentes da literatura e dicionários de autores.

⁵⁷ *O jardim das confidências*, 1921; *Poemetos de ternura e de melancolia*, 1924; *Um homem na multidão*, 1926; *Canções de amor*, 1930; *Noroeste e outros poemas do Brasil*, 1933; *Província*, 1933.

Por um lado, admite-se que Casais enquadra o estudo de Ribeiro Couto “num campo de preocupações voltado para a consideração da literatura brasileira em processo de conquista de uma ‘autonomia’ em relação a outras, colonizadoras – como a portuguesa e a francesa”⁵⁸. Assim, Couto é situado ao lado dos modernistas brasileiros:

quando Ribeiro Couto, e os outros poetas que a seu lado figuram como renovadores da poesia brasileira, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Tasso da Silveira, Mário de Andrade, entraram em campo, a luta mais difícil que tinham de empreender era contra a desafinação dos ouvidos, [...].⁵⁹

Entretanto, a percepção de Casais em relação a obra de Couto leva-o a afirmar, no estudo publicado em 1935, que este seria “uma das personalidades mais curiosas da moderna literatura do Brasil”, uma vez que, ao contrário de um Mário de Andrade, “[sua] poesia não assume formas de violência torrencial, de áspera luta com as palavras: é, pelo contrário, um canto doce, seja alegre ou melancólico, [...]”⁶⁰.

De certa forma, Casais evidencia “atitudes” do poeta que levariam à reflexão do próprio conceito de *modernista* e, mais tarde, assim pontuaria: “a denominação é péssima”⁶¹, pelo inconveniente de supor ou de fazer supor uniformidade, a qual não se verifica nem no Brasil, com suas várias “tendências”, nem entre os diferentes países. Lembra Casais Monteiro que a “‘personalidade poética’[...] não se afigurará porventura a muitos a dum modernista, categoria na qual só entraria por um critério de geração ou de grupo”⁶², mas ele não deixa de criticar a atitude de quem “só veja o modernista em termos de agressividade”, já que “a coerência do modernismo não [seria], porém, escolástica. A sua liberdade não impede sequer os ecos de António Nobre, e mesmo de Camões”⁶³.

⁵⁸ GOTLIB, Nádya Batella. “Casais e o Brasil”. In.: *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*, 2002, p.116.

⁵⁹ *A poesia de Ribeiro Couto*, 1935, p.21-2. Reproduzido, em *Figuras e problemas da literatura brasileira*, 1972, pp.145-62.

⁶⁰ *A poesia de Ribeiro Couto*, 1935, p.16.

⁶¹ “Sobre o ‘Chão Ancestral’”, *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, ano VI, n.º265, 20.01.1962, p.1. Reproduzido juntamente com “Um modernista reticente”, sob o título “II parte”, em *Figuras e problemas...*, 1972, pp.163-68.

⁶² “Um modernista reticente”, *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, ano VI, n.º263, 06.01.1962, p.1. Reproduzido, em “II parte”, de *Figuras e problemas*, 1972, pp.163-68.

⁶³ *Ibid.*, p.1.

De qualquer modo, não são exclusivamente “considerações referentes ao grupo modernista brasileiro que movem Casais na sua leitura de Ribeiro Couto”⁶⁴; ele até inscreve o poeta brasileiro numa tradição literária em língua portuguesa: o crítico vê afinidades entre a poesia de Ribeiro Couto e a dos portugueses, Cesário Verde e António Nobre, principalmente quando trata de obras como *O jardim das confidências* (1921) e *Poemetos de ternura e melancolia* (1924).

Lembremos que nas “Notas sobre poetas novos do Brasil”, publicadas na *Presença*, tendo em conta os poemas publicados em 1924, mas também o livro *Um homem na multidão* (1926), Casais já notava⁶⁵:

se nos *Poemetos de ternura e de melancolia* é possível constatar por vezes certos ecos de Cesário e de Nobre, temos em *Um homem na multidão* uma poesia tendendo para o mais completo abandono do ritmo musical, aspirando a liberta-se de todas as seduções da rima, procurando a expressão mais directa [...].

Na sensibilidade de Nobre, Ribeiro Couto teria apreendido a liberdade de expressão do “ritmo liberto de limites”, enquanto que em Cesário ele acabara encontrando a valorização do cotidiano.

Nessa linha de considerações, Casais discorre sobre questões referentes a influência/afinidade, defendendo que a afinidade pode existir com ou sem influência e que “não implica que um autor seja modificado por outro, mas significa que ele encontrou em outrem o fermento que lhe abriu novas perspectivas sobre o conhecimento de si próprio, ou o dos seus meios de expressão”⁶⁶, os quais revelaram a “identidade de certos estados emotivos, e a identidade de certos processos formais”⁶⁷.

Mas a identidade não impede algumas diferenças. Por exemplo, nos estratos melódicos e rítmicos. Em *Um homem na multidão* (1926) é possível notar elementos que indicam as mudanças ou transformações:

bastante preso, no seu primeiro livro, à melodia embaladora das rimas, das assonâncias, em suma, aos artifícios da forma, o poeta procura,

⁶⁴ GOTLIB, Nádia Batella. “Casais e o Brasil”, 2002, p.116.

⁶⁵ In.: *Presença*, n.º34, 1932, p.14.

⁶⁶ *A poesia de Ribeiro Couto*, 1935, p.24.

⁶⁷ *Ibid.*

[neste], libertar-se deles, criando um ritmo ténue, sem contrastes violentos, um ritmo subtil e aéreo; aqui, é já o poeta liberto de qualquer ritmo que nos surge⁶⁸.

Passadas algumas décadas e com a obra de Ribeiro Couto ampliada, Casais dá-se conta de que, afastado do Brasil desde 1929 por exigência da sua carreira diplomática, o poeta pôde aprofundar as linhas mestras de sua poesia e produzir um livro amadurecido como *Longe* (1961), que contém “todas as notas da canção de Ribeiro Couto. As confidências, a ternura e a melancolia, o homem na multidão, a província, o ausente”⁶⁹.

Casais não se limitou a analisar e a situar a poesia de Ribeiro Couto, também prestou atenção ao papel que ele desempenhou na divulgação da obra de companheiros e amigos seus em Portugal. Em “Para um retrato de Ribeiro Couto”⁷⁰, texto que publicou em 21 de julho de 1948 no caderno de literatura d’*O Primeiro de Janeiro*⁷¹, Casais conta como Couto chega aos homens da *Presença* e lhes revela os nomes e as obras dos novos autores brasileiros que eles e Portugal devem conhecer. Foi a partir do encontro, em Marselha, de Ribeiro Couto com o então jovem universitário francês Pierre Hourcade, já iniciado na moderna literatura portuguesa de “que viria a ser o mais inteligente intérprete, em França”⁷², que Couto tomou conhecimento da existência da revista coimbrã e dos seus principais colaboradores. E viajando para Portugal relacionou-se com os presencistas, e em especial com Casais Monteiro, que deixaria este testemunho:

De um momento para o outro, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Drummond de Andrade, tantos outros que até aí não eram sequer, para muito de nós, simples nomes vagamente fixados, revelaram-nos uma literatura - e um país. Dentro em breve iam aparecer os grandes livros de Jorge Amado, de Lins do Rego. Depois seriam Graciliano Ramos, Erico Veríssimo, o grande esplendor novelesco seguindo-se ao surto magnífico da poesia ‘modernista’⁷³.

⁶⁸ Ibid., p.31.

⁶⁹ “Sobre o ‘Chão Ancestral’”, *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, ano VI, n.º265, 20.01.1962, p.1. Reproduzido na “II parte”, de *Figuras e problemas*, 1972, pp.163-68.

⁷⁰ Reunido em *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, 1972, pp.169-70.

⁷¹ O jornal fundado em 1868, no Porto, contava entre seus cadernos, com um dedicado à literatura, intitulado “Das Artes Das Letras”. Tornou-se o mais antigo diário do norte de Portugal, em 2005, após o encerramento de *O Comércio do Porto*. Mas em 2008, o jornal centenário, que publicou António Nobre, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e outros escritores portugueses, encerrou também suas atividades. Notícia disponível em.: <<https://www.publico.pt/2008/08/03/jornal/o-primeiro-de-janeiro-um-jornal-de-cultura-porto-do-fim-271144#gs.tlDhPOKy>>. Acesso em 7 fev. 2019.

⁷² Ibid., p.169.

⁷³ Ibid.

Casais sublinha com razão o que Gotlib definiu como “uma espécie de generosidade intelectual”⁷⁴, pois Ribeiro Couto não se preocupou com a sua promoção mais do que com a de outros escritores brasileiros⁷⁵ e revelou um grande empenho na divulgação e na relação da nova literatura do Brasil e de Portugal convencido, como poeta, mas também como diplomata, da importância que isso teria para as duas comunidades. Casais chega mesmo a afirmar: “sob este ponto de vista, foram ele e Supervielle os poetas em que vi tão alta expressão de amor pela poesia, tão sincero fervor em comunicar as suas descobertas”⁷⁶.

Não admira, assim, que Casais Monteiro prestasse homenagem a Ribeiro Couto, à memória de quem dedicou *Figuras e problemas*: (“À memória de Ribeiro Couto”) e de quem recebera livros de autores como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, mas também da sua autoria, o que o levou a confessar: tais obras foram “o ponto de partida do interesse que desde então, mais de vinte anos antes de vir para o Brasil, sempre teve para mim a literatura deste país”⁷⁷.

Na dedicatória impressa do referido livro, Casais transcreveu o verso de Ribeiro Couto que para ele se tornou “profético”: “Ah, com que comoção pisarás um dia a terra da nova nação”⁷⁸. Na transcrição há uma pequena variante, pois o original dizia: “Com que amor pisarás um dia a terra da nova Nação!” Casais Monteiro citou certamente de memória. Mas a sua memória foi sempre integralmente fiel a Ribeiro Couto, nunca se esquecendo do poeta que soube analisar e louvar e do amigo que marcou a sua vida, pessoal e literária.

3.2 Manuel Bandeira

Como já foi referido, nas “notas” publicadas na *Presença*, em 1932, Casais Monteiro também se ocupou de Manuel Bandeira⁷⁹ e de sua obra *Libertinagem*

⁷⁴ GOTLIB. “Casais e o Brasil”, 2002, p.119.

⁷⁵ *Figuras e problemas...*, 1972, p.170.

⁷⁶ Ibid.

⁷⁷ Ibid., “Dedicatória”, s/p.

⁷⁸ *Correspondência de família* (1933), escrito em colaboração com Casais Monteiro.

⁷⁹ Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (Recife, 1886 - Rio, 1968). Escreveu poesia, crônica literária e foi também tradutor. Algumas de suas obras: *Cinza das horas*, 1917; *Carnaval*, 1919; *Poesias* (incluindo *Ritmo dissoluto*), 1924; *Libertinagem*, 1930; *Estrela da manhã*, 1936; *Estrela da*

(1930). Apesar de até então não ter lido nenhum outro livro de Bandeira, como confessou, esse foi suficiente para provocar “um tão grande entusiasmo” como o que teve ao descobrir a poesia de Ribeiro Couto. A leitura de Bandeira leva-o a afirmar que no poeta “revela-se esplendidamente esta força que deu aos poetas brasileiros a descoberta [...] dum sentido da vida propriamente brasileiro”⁸⁰.

Dando as suas notas como “simples notas apressadas”, ditadas pela urgência de assinalar a publicação do livro de Manuel Bandeira, Casais prometia “para mais tarde os mais demorados comentários que merece um dos grandes poetas do Brasil”. A verdade é que não viriam somente comentários, mesmo que extensos, pois hoje sabemos que o crítico português se dedicou longamente à obra de Bandeira, com quem aliás manteve assídua correspondência, pelo menos desde 1932 até 1964, a ponto de ser Bandeira um dos seus correspondentes brasileiros com maior número de missivas, com dezessete documentos catalogados no espólio do crítico.

Nas *Cartas em família* (2008), obra que reúne parte da correspondência entre Casais Monteiro e seus pais, Vitorina Casais Monteiro e Adolfo de Paiva Monteiro, a mãe de Casais faz a seguinte provocação: “escreveste a tua nota sobre o Bandeira com mais *amor* do que a do Ribeiro Couto?”⁸¹. E o crítico explica:

A verdade é que eu senti esse menos *amor* na maneira como escrevi a nota sobre o Ribeiro Couto; o mais engraçado é que gosto ainda mais dele do que do Bandeira. A explicação é a seguinte: escrevi-a em péssimas condições, já com a preocupação das aulas.⁸² Espero desferrar-me quando as desenvolver para as publicar⁸³.

De fato, quando publica *Manuel Bandeira: estudo da sua obra poética, seguido de uma antologia* (1943) pela Editorial Inquérito de Lisboa, Casais expande sensivelmente seu estudo, e ainda acrescenta uma antologia, que inclui poemas de todas as obras publicadas até então.

Bandeira seria um autor sempre contemplado por Casais; depois de *Manuel Bandeira: estudo da sua obra poética*, publicaria já no Brasil *Manuel Bandeira*

tarde, 1958; *Estrela da vida inteira*, 1966. Estudaram a sua obra: Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Ledo Ivo, Davi Arrigucci, entre outros.

⁸⁰ In.: *Presença*, n.º34, 1932, p.15.

⁸¹ *Cartas em família*, 2008, p.73.

⁸² Nessa altura, 1932, Adolfo Casais Monteiro estava em Coimbra, editando *Presença* e frequentando curso de formação de professores.

⁸³ *Cartas em família*, p.74.

(1958), em que incorporou o estudo anterior, acrescentando outros quatro textos e *A poesia de Manuel Bandeira* (1968).

Na obra de 1943, o crítico começa por situar Bandeira na história do modernismo, afirmando ter sido ele “muito mais do que ‘um dos poetas que iniciaram o movimento moderno na literatura brasileira’”; foi na verdade “o S. João Batista do modernismo”⁸⁴, como lhe chamou Mário de Andrade. Por isso mesmo, ele revelará um especial interesse pelo “Bandeira iniciador”, que, como Jorge de Lima, começara por evidenciar marcas típicas da estética parnasiana, evoluindo sem saltos, com a intermediação de *A cinza das horas* (1917), até à estética modernista que domina em *Libertinagem* (1930). Casais Monteiro assinala com razão que Bandeira não desvalorizou essa sua primeira produção poética:

Aliás, bastaria o fato de Bandeira ter recolhido nas *Poesias Escolhidas* produções de todos os seus livros, para se dar como provado que ele entende *salvar* qualquer coisa de pessoal, mesmo nas fases da sua obra das quais, à primeira vista, se nos possa afigurar que deveria estar hoje mais distante⁸⁵.

Mas assinala também que é em *Carnaval* (1919) que o “grande Manuel Bandeira surge”, mesmo sem romper completamente com algumas tendências evidenciadas em obras anteriores. De *O ritmo dissoluto* (1924) diz Casais: “é uma obra que me produz certo mal-estar; embora nas suas páginas pareça afirmar-se quase definitivamente a nova orientação da poesia de Manuel Bandeira”⁸⁶. E acrescenta: “muitas são as poesias sem ritmo de espécie alguma; mais do que o ritmo dissoluto, portanto. Mas a maioria delas oscila entre a notação sucessiva de impressões desagregadas umas as outras e a repetição de certos temas *já cansados*”⁸⁷. Isso explicaria bem, segundo o crítico, o fato de serem vazias as crenças de renovação com incidência apenas na forma.

Bandeira foi sensível ao juízo de Casais, a que se refere algum tempo depois, em cartade 1944, ou seja, no ano seguinte ao da publicação do referido estudo:

⁸⁴ *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética, seguido de uma antologia* (1943), p.13. Reproduzido, em *Figuras e problemas...*, 1972, pp.95-119.

⁸⁵ *Manuel Bandeira...*, 1943, pp.23-4

⁸⁶ *Ibid.*, p.25.

⁸⁷ *Ibid.*

Achei muito curiosa a sensação de mal-estar que lhe produz *O Ritmo Dissoluto*. A mim também certos poemas do livro me causam o mesmo mal-estar: sempre o atribuí ao fato de estar ainda neles a caminho do verso-livre. Na verdade, não é ainda o ritmo dissoluto, mas o ritmo em dissolução⁸⁸.

Já *Libertinagem* (1930) merece a Casais os maiores elogios: é um “livro em que definitivamente se afirma a sua autêntica e completa mensagem de poeta modernista”. E vai até ao ponto de escrever:

contém mais poesia do que os anteriores todos juntos; e não será ousado considerá-lo o mais rico de todos os livros ‘modernistas’ - pois há nele, pode dizer-se, tudo o que de mais rico essa fase da poesia brasileira nos deu - embora esse ‘tudo’ esteja em fulgurações breves, reduzido a essências, porque Bandeira não se repete nem insiste: a sua voz só sabe dizer uma vez. Repugna-lhe passar duas vezes pelo mesmo sítio⁸⁹.

Entre os poemas ou trechos que transcreve ou comenta, aparecem “Cacto”, “Porquinho da Índia”, “Evocação do Recife”, “Vou-me embora pra Pasárgada”, alguns suprimidos no volume de 1972. Tal supressão pode ser explicada pelo fato de se dirigir a um público brasileiro para o qual já não teriam – como tiveram em Portugal, ainda para mais na década de 1940 – o impacto da novidade. Um dos poemas privilegiados por Casais é “Evocação do Recife”, e explica porquê:

uma grande data da literatura brasileira, visto que foi talvez esse seu poema que deu o toque de alvorada para uma literatura romanesca que se ia propor revelar as histórias simples dum Brasil que não era apenas a capital dos homens de todos os cantos da grande nação, apresentados na simplicidade das suas vidas bem quotidianas⁹⁰.

Mas em *Estrela da manhã* (1936) são distintos os motivos do elogio: a criação de uma “atmosfera ultra-realista” e a sábia fusão de duas linhas estéticas representadas por dois poemas anteriores: o “mais rico do livro está nos poemas em que continua, simultaneamente, a linha de ‘Noturno da Rua da Lapa’ e de ‘Vou-me embora pra Pasárgada’”⁹¹.

A última obra estudada por Casais no volume de 1943 é a *Lira dos cinquent’anos*, que diz composta por uma “multiplicidade de planos poéticos” e

⁸⁸ Carta de Manuel Bandeira a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 12 abril de 1944.

⁸⁹ *Ibid.*, p.32.

⁹⁰ *Ibid.*, p.36.

⁹¹ *Ibid.*, pp.45-6.

surpreendente pelas “cordas que se foram acrescentando” e que revelam “um constante enriquecimento”, “uma constante depuração”⁹².

Casais Monteiro entendeu, e bem, fazer acompanhar o seu arguto estudo de uma antologia, que contemplava *A cinza das horas*, 1917 (4P); *Carnaval*, 1919 (1P), *O ritmo dissoluto*, 1924 (3P), *Libertinagem*, 1930 (5P) e *Estrela da manhã*, 1936 (8P). Se ela foi importante para o público português, que passou a ver em Manuel Bandeira um dos seus poetas modernos mais estimados, o próprio Bandeira diria em carta já referida que lhe agradou muito a seleção dos poemas, achando que refletiam muito bem todas as faces de sua poesia.

Já no Brasil, dedicando algumas páginas aos “50 poemas de Manuel Bandeira”, publicados em 1955, numa edição dos “Cadernos de Cultura” do Ministério da Educação, Casais assinala que essa antologia organizada pelo próprio poeta não contém nenhum poema de *A cinza das horas*”, e “inclui número ínfimo de poemas dos dois que se lhe seguem: 3 de *Carnaval*, 4 de *O ritmo dissoluto*, apenas”⁹³.

Em função das obras e textos contemplados por esta antologia, Casais deduziu, com uma “pequena satisfação”, que Bandeira concordava com o que ele tinha escrito no já citado estudo publicado em 1943, e valorizava o poder de expressão alcançado a partir de *Libertinagem*. Para Casais, a questão não seria a de haver nos versos antigos menos poesia, nem de haver mais compromisso com a tradição lírica da língua portuguesa, mas sim a de haver outra forma de expressão. Bandeira, ao ter de escolher entre sua produção, cinquenta poemas, obviamente escolheria os melhores ou, pelo menos, os que julgava serem os mais importantes para marcar uma nova etapa na lírica brasileira que, como disse Murilo Mendes, se “manuelizou”. Casais foi decerto um dos primeiros críticos a proclamar que a poesia de Bandeira modernizou e fecundou a poesia brasileira, “arrancando-a simultaneamente das seduções parnasianas e das seduções simbolistas – realmente seu S. João Batista, como certamente disse um dia Mário de Andrade”⁹⁴.

Mas Casais também não ignorou os ataques a poetas modernistas, em particular a Manuel Bandeira e a Carlos Drummond de Andrade, feitos por algum

⁹² Ibid., p.50.

⁹³ *Figuras e problemas...*, 1972, p.121.

⁹⁴ Ibid., p.123.

crítico anônimo ou na revista carioca *Orfeu*. Evidentemente que ele não concordava com esses “ataques”, mas defendia que, na literatura assim como na vida, as polêmicas estimulavam o progresso e evidenciavam as divergências ideológicas ou estéticas. Nesse sentido, defendia o embate de ideias, desde que o mesmo representasse, de fato:

a expressão de um choque de atitudes perante a vida e perante a arte, uma reação criadora, que [tivesse] por trás de si aquela necessidade de ir mais longe, mais fundo, de abrir novos caminhos, que faz a força dos movimentos vivos da literatura⁹⁵.

O início da polêmica parece ter sido uma suposta afirmação de Bandeira de que os novos poetas resultavam da geração de 22. Casais assumiu sempre uma posição a favor das inovações estéticas da geração de 22, argumentando que essa geração foi responsável pela conquista de “regiões inexploradas da alma, da linguagem e do verso” e pelo desvendamento de “possibilidades que [...] a geração de não sei quantos (enfim, a daqueles para quem de Bandeira só se salva a *Cinza das horas*, e que não é por força a geração de 45, generalização que seria injusta para alguns) não foi capaz de explorar”⁹⁶.

Aliás, ele não se eximiu a louvar um estudo de um dos mais qualificados representantes da geração. Em “Meandros duma poesia” ocupou-se da obra *O preto no branco - exegese de um poema de Manuel Bandeira* (1955), de Ledo Ivo, recomendando sua leitura, não só por iniciados, pois conseguia estabelecer a “atmosfera própria do poeta estudado” e transmitir “ao leitor a mesma vibração profunda que palpita na obra daquele, e lhe dá vida”⁹⁷.

Por último, deve sublinhar-se que Casais Monteiro é também um dos primeiros ensaístas a assinalar, nos poetas de 22, “o aparente ou real prosaísmo da expressão”⁹⁸, exemplificando esse aspecto com o poema “A Virgem Maria”, de *Libertinagem* (1930) e dando Manuel Bandeira, “extraordinário artífice do verso”,

⁹⁵ Ibid., p.125.

⁹⁶ Ibid., p.126.

⁹⁷ Ibid., p.129.

⁹⁸ Ibid., p.131.

como modelo do “poeta ‘modernista’ que encontra no que anteriormente era reservado à prosa novo elemento da estrutura do poema”⁹⁹.

3.3 Jorge de Lima

Em “Carta inédita de Jorge de Lima para Adolfo Casais Monteiro”¹⁰⁰, Arnaldo Saraiva informa que o sucesso que o poeta brasileiro conheceu no Brasil “a partir da publicação dos *Poemas* (1927), mas, sobretudo, do poema “Essa negra fulô” (1928), que passaria a fazer parte obrigatória de todas as antologias e de todos os recitais de moderna poesia brasileira”¹⁰¹, também o conheceria em Portugal.

Jorge de Lima¹⁰² iniciaria, na década de 1930, certamente por intermédio de Ribeiro Couto, a troca de cartas com modernos escritores portugueses, entre eles os homens da *Presença*. E Casais Monteiro seria, nesse caso, um dos primeiros admiradores e estudiosos da obra de Lima. Talvez não seja por acaso que o primeiro texto que este publicou em Portugal, o poema “O filho pródigo”, tenha aparecido na revista *Presença*, exatamente no mesmo número 33, de julho-outubro de 1931, em que foi anunciada a entrada de Casais Monteiro para a direção da revista de que já era colaborador desde o número 17, de dezembro de 1928.

Outras colaborações de Jorge de Lima seriam publicadas na mesma revista: em junho de 1935, no número 45, um denso texto ensaístico em “defesa da poesia”, e no número 51, de março de 1938, o “Poema às ingênuas meninas”. Mas foi logo no número 43, de dezembro de 1934, que apareceu a primeira crítica portuguesa ao autor alagoano, uma crítica de Casais Monteiro ao romance *O anjo*, dado como “um dos mais belos livros de ‘poesia de romance’”, que mergulha na “realidade concreta” e fala de coisas “que sabem a Brasil de verdade”, escrito com “intensidade e *beleza de estilo*, sem se fazer estilo”.

⁹⁹ Ibid., p.132.

¹⁰⁰ Carta publicada, com uma introdução, na *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n.º 50, Jul. 1979, p.61-4.

¹⁰¹ Ibid., p.61.

¹⁰² Jorge Mateus de Lima (Alagoas, 1893 - Rio de Janeiro, 1953). “Estudou Humanidades”; “foi professor de Literatura [brasileira] na Universidade do Brasil”; “fez política nos anos que se seguiram à queda da ditadura [...]. Fatos capitais do seu roteiro espiritual foram o contato com o Modernismo nacionalista em 1925 e, dez anos depois, a conversão a uma forma dramática e moderna de Catolicismo”. Publicou na década de 1930: *Poemas escolhidos*, 1932; *O anjo*, 1934; *Calunga*, 1935; *Tempo e eternidade*, 1935; *Quatro poemas negros*, 1937; *A túnica inconsútil*, 1938. Estudaram a sua obra, entre outros, Manuel Anselmo, Tristão de Ataíde, Roger Bastide, Otto Maria Carpeaux, Antônio Rangel, João Gaspar Simões. In.: Bosi, Alfredo (1994), p.451.

Também em dezembro de 1934, Casais publicaria na revista *Portucale*¹⁰³ “Um grande poeta do Brasil: Jorge de Lima”¹⁰⁴, revelando o entusiasmo despertado pela “nova poesia” brasileira, “tão diferente, até, da que constituiu uma das expressões mais vivas da [sua] própria geração”¹⁰⁵, abordando os volumes *Poemas* (1927), *Novos poemas* (1929) e *Poemas escolhidos* (1932).

Foi decerto Casais Monteiro quem escreveu o expressivo título-apresentação do texto sobre a “defesa da poesia”, em que fala de Jorge de Lima como “grande poeta brasileiro, que Portugal precisa de conhecer” e qualifica o seu texto como “admirável”.

Tempos depois, a *Presença* publicaria, no n.º51, de março de 1938, uma crítica muito elogiosa ao romance *Calunga* de Jorge de Lima; assinava-a Alberto de Serpa, outro presencista que viria a empenhar-se na divulgação da literatura brasileira, em especial de poesia. Mas foi ainda Casais Monteiro que trouxe o nome de Jorge de Lima a outro número da *Presença*, o número 1 da II série, de novembro de 1939. Aí fez a crítica de um dos primeiros livros dedicados ao autor alagoano, de autoria do português Manuel Anselmo: *A poesia de Jorge de Lima - ensaio de interpretação crítica*, publicado nesse ano. Embora reconhecendo alguns aspectos positivos desse livro, como a boa interpretação de alguns textos e o bom registro da evolução poética de Jorge de Lima, Casais Monteiro não deixa de apontar várias fragilidades do estudo.

Em *Figuras e problemas* (1972), Casais não incorpora nem as breves notas de 1932, sobre Ribeiro Couto e Manuel Bandeira, nem a crítica que fizera ao livro *O anjo* de Jorge de Lima, ambas na *Presença*. Sua justificativa seria o fato de que, quando foram escritas, tinham a “intenção de informar um público para o qual ela[s] era[m] novidade”¹⁰⁶, assumindo um interesse de tipo documental. O que não seria

¹⁰³ “*Revista ilustrada de cultura, literária, científica e artística* fundada no Porto. Teve três séries, num total de 141 números, publicados entre 1928 e 1955. Casais Monteiro apresentou colaboração em todas as séries. “Esta revista arquivou documentos inéditos e artigos relevantes da nossa literatura, tendo ainda versado assuntos tão díspares como a etnografia, a filologia, a educação, a filosofia, a museologia, a pintura, as ciências exactas. Surgiu na linha editorial da *Lusa*, que se extinguiu anos antes.” In.: Pires, Daniel. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa...*, 1996, vol.1, pp.280-81.

¹⁰⁴ *Portucale*, números 41-42, Dez.1934, pp.188-95. Reunido em *Figuras e problemas...*,1972, pp.171-77.

¹⁰⁵ *Figuras e problemas...*,1972, p.171.

¹⁰⁶ *Figuras e problemas...*,1972, p.171.

pouco, pois permitiria verificar como “as perspectivas podem modificar-se, ao longe e ao perto - ou se, pelo contrário, não se alteraram”¹⁰⁷.

A verdade é que seus estudos da década de 1930, e até um pouco mais tarde, justificarão a confissão do próprio autor:

como aparecia a um ‘novo’ crítico português a ‘nova’ poesia brasileira, tão diferente, até, da que constituiu uma das expressões mais vivas da minha própria geração, e que talvez por isso mesmo me tenha despertado o entusiasmo patente nesses escritos que me decido a sacrificar¹⁰⁸.

Percorrendo essa sua crítica dos anos 30, é fácil verificar o seu entusiasmo com a obra de Jorge de Lima, cujo *O anjo* – como já referimos – dá como “um dos mais belos livros” de “poesia de romance”¹⁰⁹.

A riqueza de elementos que caracteriza essa obra é também assinalada: “Há paisagens, notações de conversas, evocações de infância, que dão ao livro uma realidade concreta, que sabem a Brasil de verdade. Há breves assomos de inquietações e de revoltas sociais. É um mundo!”¹¹⁰. O nome e a qualidade da obra de Jorge de Lima são um bom pretexto para que Casais aponte o escândalo da ignorância da literatura brasileira em Portugal, e reclame o intercâmbio a que mais adiante nos referiremos:

Creio ser o primeiro a falar em Portugal deste livro por todos os motivos admirável. As academias fazem acordos, os diplomatas discursos, os jornais falam em intercâmbio intelectual - mas continuamos a ignorar a literatura do Brasil. Quase ninguém sabe cá que Jorge de Lima é um dos maiores poetas do Brasil. Agora continua-se ignorando que ele é um dos grandes criadores em prosa¹¹¹.

Além de estimular a publicação de textos de Jorge de Lima na *Presença* e de lhe fazer várias referências críticas, Casais Monteiro estabeleceu uma interessante correspondência e um intercâmbio livresco com ele (e com outros escritores brasileiros). As cartas guardadas do espólio do crítico português, na Biblioteca

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Ibid.

¹⁰⁹ In.: *Presença*, n.º43, 1934, p.13.

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ In.: *Presença*, n.º43, 1934, p.13.

Nacional de Portugal, comprovam esse diálogo que atravessa os anos de 1930, sendo a última carta aí depositada datada 1952. Além disso, como atesta Saraiva (1979), Jorge de Lima dedicaria a Casais o poema “Os treze dias a caminho do deserto” de *A túnica inconsútil* (1938) e o contemplaria na dedicatória do *Livro dos sonetos* (1949).

Entretanto, a partir da publicação de *A túnica inconsútil*, Casais não prossegue com seus estudos da obra de Lima, pelas razões que são apontadas no texto “Jorge de Lima”¹¹². Se por um lado, a 2.^a Guerra Mundial, que dificultou os contatos, resultou na suspensão de vários projetos, em relação a Jorge de Lima, foi a “feição que sua poesia tomou”, a partir da referida obra que motivou o seu silêncio ou desinteresse:

o Jorge de Lima que me entusiasmou e ao qual permaneci fiel, foi o da segunda fase, da adesão ao popular, ao primitivo, enquanto as efusões místicas da *Túnica*, à exceção de um ou outro poema, me deixaram, digamos, perplexo. [...]. Mais perplexo me deixaria ainda a *Invenção de Orfeu*¹¹³.

Uma das marcas dessa “feição” que a poesia de Lima assume e que Casais menciona na obra de 1972, é o processo de enumeração. “Por via de tal enumeração [...], é que nunca consegui ler *A túnica inconsútil* de cabo a rabo, embora admirasse muito o Jorge de Lima dos poemas anteriores”¹¹⁴.

Nem por isso a relação entre eles foi suspensa, como evidencia a troca epistolar. Na primeira carta, de 1934, Jorge de Lima declara sua admiração pelo “talento” de Casais diante do livro de crítica *Considerações pessoais* e pede a Casais que lhe envie *Presença*. No mesmo ano, recebe *Poemas do tempo incerto*, e escreve: “Você que é o maior crítico de sua terra, é também o poeta número 1”¹¹⁵. Já no ano seguinte, agradece “o excelente estudo”¹¹⁶ que Casais fizera de sua obra, informa não ter alguns livros solicitados por ele – *Dois ensaios* (1929), *Poemas* (1927) e *Salomão e as mulheres* (1927) – e dá notícias do falecimento de Ronald de Carvalho. Também anuncia novas publicações: *Tempo e eternidade*; *Calunga* e a segunda edição de *O anjo*.

¹¹² *Figuras e problemas...*, 1972, pp.171-7.

¹¹³ *Figuras e problemas...*, 1972, pp.171-2.

¹¹⁴ *Figuras e problemas...*, 1972, p.180.

¹¹⁵ Carta de Jorge de Lima a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 28 out. 1934.

¹¹⁶ Carta de Jorge de Lima a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 15 fev. 1935.

Em carta de setembro de 1935, segue a informação da crítica de Tasso da Silveira – juntamente com um recorte de jornal – sobre o livro de ensaio de Casais, *A poesia de Ribeiro Couto*.

Ainda em carta de outubro do mesmo ano, Jorge de Lima solicita a Casais, uma “nota” sobre *Calunga*. Como foi dito, Serpa, que é mencionado na carta, foi quem escreveu sobre o romance para a *Presença*. Jorge de Lima ainda escreveria: “acabo de receber telefonema de Cecília Meireles me pedindo dois poemas inéditos para uma publicação a sair aí, dirigida por Luís de Montalvor”¹¹⁷ e pergunta se Casais saberia de algo a respeito, declarando, na sequência, achar a *Presença* uma linda revista, que desejaria que o Brasil também tivesse uma.

Em carta de janeiro de 1936, publicada na *Colóquio/Letras*¹¹⁸, Jorge de Lima evidencia seu conhecimento da relação que havia entre Casais Monteiro e Leonardo Coimbra, por ocasião da morte daquele que fora professor de Casais na antiga Faculdade de Letras do Porto e menciona a ideia que certamente o crítico português lhe revelara de publicar um semanário. Em nota, Saraiva esclarece que não sabemos exatamente de que projeto se tratou, mas sabemos que em 1946-1947 Casais seria codiretor do semanário *Mundo Literário*, publicado em Lisboa, que contou com 53 números, incluindo o último (maio de 1948), em que aparece a informação de que Casais deixaria seu cargo no corpo diretivo, mas permaneceria como colaborador.

Em 1937, o escritor brasileiro acusa a recepção dos versos de *Sempre e sem fim*, agradece a dedicatória em seu nome, ao lado do de Alberto de Serpa. E, pela primeira vez, o contexto político aparece. É que por essa altura a situação de Casais em Portugal se agravara, como se pode deduzir pela resposta do interlocutor: “há dias, [...], recebi uma tua carta em que me contavas as atribulações tuas e de alguns amigos vítimas dessa confusão horrível, dessa conturbação de espírito em que todo o mundo hoje se debate”¹¹⁹. E a situação no Brasil também não estava favorável para outros: “Aqui também: só a semana passada Graciliano Ramos – o romancista de S. Bernardo saiu da prisão onde estava há mais de um ano sem saber por quê”¹²⁰.

¹¹⁷ Carta de Jorge de Lima a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 10 out. 1935.

¹¹⁸ “Carta inédita de Jorge de Lima para Adolfo Casais Monteiro”, com apresentação e notas de Arnaldo Saraiva, n.º 50, Jul. 1979, p.61-64.

¹¹⁹ Carta de Jorge de Lima a Adolfo Casais Monteiro, BNP, 8 fevereiro de 1937.

¹²⁰ Ibid.

Mas nessa mesma carta, datilografada e mais extensa que as anteriores, tem espaço para algumas considerações acerca de *Sempre e sem fim*:

Vi nele uma verdadeira reforma de lirismo, os grandes temas do amor renovados com um simples toque, como em “Fio da Meada”, “Encruzilhada”, “A Manhã Verdadeira”, “A Noite sem Estrelas”, tantos, tantos. E a vida diferente do poeta, a revelação mútua que ela provoca no mundo eu a senti cantada por uma boca virgem. Os temas da eternidade do começo do livro são profundos e possuem as imensas características da universalidade; o sentido da morte e da nossa origem, as revoltas, tudo facilmente me pôs em transe lírico e me fez considerar esta pobre terra quase sob o ponto de vista da agonia sempre e sem fim. Levaste enfim a poesia a uma fronteira que ela raramente tem atingido¹²¹.

Excerto que revela o poeta brasileiro tecendo suas próprias considerações em relação a obra do poeta e crítico português, a quem ele próprio costumava solicitar o envio de “algumas notas”.

3.4 José Lins do Rego

Em 1937, Casais Monteiro publica na revista *Presença* uma nota sobre *Pureza*¹²², romance de José Lins do Rego¹²³, em que afirmava que a obra “reata[va] a linha quebrada com *O Moleque Ricardo*”¹²⁴, linha que era, no entender de Casais, a da “verdadeira vocação” do escritor brasileiro. É que tal como nos seus três primeiros livros, referindo-se a *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) e *Banguê* (1934), Lins do Rego “volta[va] ao romance de figura central, de acção que se tece em função duma vida, como volta[va] à utilização da primeira pessoa”¹²⁵.

¹²¹ Ibid.

¹²² “*Pureza*, romance de José Lins do Rego”, *Presença*, n.º50, Dez. 1937, p.13-4. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, “Breve nota sobre *Pureza*”, 1950, pp.158-60 e em *O Romance* (teoria e crítica), 1964, pp.179-81.

¹²³ José Lins do Rego Cavalcanti (Paraíba, 1901 - Rio de Janeiro, 1957). “Passou a infância no engenho do avô [...]”. Em Recife, aproxima-se de “intelectuais que seriam os responsáveis pelo clima modernista-regionalista do Nordeste: José Américo de Almeida, Olívio Montenegro e, sobretudo, Gilberto Freyre de quem receberia estímulo para dedicar-se à arte de raízes locais.” Ligaria-se também aos escritores Jorge de Lima e Graciliano Ramos. Publica na década de 1930: *Menino de Engenho*, 1932; *Doidinho*, 1933; *Banguê*, 1934; *O Moleque Ricardo*, 1935; *Usina*, 1936; *Pureza*, 1937; *Pedra bonita*, 1938; *Riacho doce*, 1939; e, em 1943, *Fogo morto*. Estudaram a sua obra, entre outros: Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, Mário de Andrade, José Aderaldo Castello. In: Bosi, Alfredo (1994), p.397.

¹²⁴ In.: *Presença*, n.º50, 1937, p.13.

¹²⁵ Ibid.

Entretanto, *Pureza* diferia dos outros três “que não tinham propriamente o carácter de romances, e principalmente o da confissão. Aqui, por simples que seja a ficção, e a acção reduzida, encontramos-nos de facto ante um romance”¹²⁶.

Casais estabelece, ainda, relações com *Cabocla*, obra de Ribeiro Couto, apontando para o fato de que em ambas o ambiente parece exercer sobre o romancista a “mesma acção que sobre as personagens”, uma vez que, apesar das inúmeras diferenças, afinam-se no fato da mulher e da natureza se aliarem para curar “a alma e o corpo” do cidadão e “esse ar mais puro que cura os corpos, parece também prolongar-se no estilo, na simplicidade da intriga, na leveza do desenho de todas as figuras”¹²⁷.

Por fim, acusa “certa monotonia” da obra que talvez “ganhasse sendo mais breve.” Além disso, a “personalidade apagada de Lourenço, que não tem outro interesse senão o que lhe empresta a doença e o drama que ela provoca em todo o seu ser” não estaria entre as opções que justificassem “o lugar de destaque como figuras centrais dum romance”¹²⁸.

Mais tarde, Casais publicaria na Revista *Brasil Cultural*¹²⁹ uma crítica “Sobre *O Moleque Ricardo e Usina*”¹³⁰, começando por afirmar que com “*O Moleque Ricardo* abr[ia]-se nova fase na obra de José Lins do Rego” que teria “cortado as pontes com os seus três primeiros romances”¹³¹. E, traçando um paralelo entre o estilo de *O Moleque Ricardo*, para ele mais impessoal, e o das três obras anteriores (*Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*), destaca que o autor agora “ergu[ia] personagens em absoluto separadas dele próprio, substituindo a forçosamente subjectiva primeira pessoa pela terceira”¹³², iniciando uma fase de preocupação com a objetividade, “tanto mais que a personagem central está inteiramente *fora* do autor,

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ Ibid., pp.13-4.

¹²⁸ Ibid., p.14.

¹²⁹ “Revista da Biblioteca Gonçalves Dias, [...] publicada no Porto, de Dezembro de 1947 a Agosto de 1948, quatro números. Dar a conhecer a produção literária portuguesa e brasileira e incrementar o diálogo entre ambas as nações no domínio cultural, eram os objectivos exarados no programa.” In.: Pires, Daniel. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa...* vol. 2, 2000, p.115.

¹³⁰ “Sobre *O Moleque Ricardo e Usina*”, Revista *Brasil Cultural*, n.º 2 e 3, Mar-Mai. 1948, pp.20-2. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, “III parte”, pp.153-57.

¹³¹ “Sobre *O Moleque Ricardo e Usina*”, *Brasil Cultural*, 1948, p.20.

¹³² Ibid.

o que não se dá com o Carlos de Melo das obras anteriores. O próprio estilo o testemunha, mais nu, mais depurado, mais seco”¹³³.

Em termos de valor, *Usina* seria superior a *O Moleque Ricardo*, como se notaria pela simples leitura de dois capítulos:

o inicial, que nos descreve a vida de Ricardo no presídio de Fernando de Noronha”, e o XV, em que à volta dum velho negro que morre queimado o povo tece as suas lendas, dá largas à sua ânsia de maravilhoso, de milagre; é um capítulo vivo no meio daquela história apagada¹³⁴.

Em *O Romance e os seus problemas*, Casais além de reunir os referidos artigos publicados em Portugal (nas revistas *Presença* e *Brasil Cultural*), apresenta mais dois estudos dedicados à obra de Lins do Rego, em que se debruça sobre as obras *Menino de Engenho* e *Doidinho*¹³⁵, no primeiro e, mais detidamente, *Banguê*¹³⁶, no segundo.

Embora prevenindo que não pode nem pretende garantir que Lins do Rego tenha transposto a sua infância “tal e qual” para as páginas de *Menino de Engenho*, ousa afirmar:

é evidente haver neste seu livro o essencial da sua própria experiência; pode ele ter introduzido mil e uma modificações, mas, no fundo, o que dá o valor máximo do seu livro é sem dúvida a transposição para as suas páginas da “verdade” da infância do autor, com toda a sua atmosfera particular¹³⁷.

E chama a atenção para as qualidades do escritor e para a universalidade de sua obra:

Lins do Rego está entre os primeiros daqueles que não caíram nos excessos do localismo, do regionalismo. A sua obra, sendo, nitidamente, a de um homem do Nordeste, criando ambientes, descrevendo figuras,

¹³³ Ibid.

¹³⁴ “Sobre *O Moleque Ricardo* e *Usina*”, *Brasil-Cultural*, 1948, pp.21-2.

¹³⁵ “José Lins do Rego e o Ciclo da cana de açúcar - I”. In.: *O Romance e os seus problemas*, 1950, pp.143-47.

¹³⁶ “José Lins do Rego e o Ciclo da cana de açúcar - II”. In.: *O Romance e os seus problemas*, 1950, pp.148-52.

¹³⁷ “José Lins do Rego e o Ciclo da cana de açúcar - I”, p.144.

envolvendo os problemas do Nordeste, nem por isso deixa de ser brasileira e universal¹³⁸.

Nota que em *Doidinho* há um aprofundamento das personagens, maior detalhe e ação mais constante, ou “o aparecimento da verdadeira acção, que bem se pode dizer mal existir em *Menino de Engenho*; em *Doidinho* começa Carlinhos a sua transição para Carlos de Melo; a criança precoce faz a sua aprendizagem das durezas da vida”¹³⁹. Em Carlinhos vê Casais Monteiro uma

das mais perfeitas expressões da criança na literatura moderna; da criança passando para adolescente, descobrindo os prazeres da leitura, da amizade, entrevendo o amor, saindo da anarquia e da irresponsabilidade infantil pela luta com os seus próprios defeitos e as irredutibilidades com o mundo¹⁴⁰.

Apesar das diferenças entre as duas obras, o crítico português termina apontando uma qualidade essencial em ambas que, para ele, teria relação direta com “uma das razões da sua importância na moderna literatura brasileira”, que seria a “viveza que neles conserva a vida contada, a frescura originária que as páginas escritas não deixaram perder”¹⁴¹.

De *Banguê*, o crítico destaca o carácter analítico “duma decadência”, que remete para a obra de Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*: “Efectivamente, o drama é o mesmo: é o drama da decadência, do aniquilamento, não apenas de uma família, porque em ambos os romances a família não passa de símbolo transparente: o que agoniza é de facto uma época, uma forma de civilização”¹⁴².

Para Casais, *Banguê* é um “livro monótono”, que perde por ser excessivamente longo em relação à história que conta, embora conserve “aquelas qualidades de vivacidade, de agudeza, de precisão de imagens, que tão belamente caracterizavam os livros anteriores de Lins do Rego”¹⁴³.

¹³⁸ Ibid., pp.145-6.

¹³⁹ Ibid., p.146.

¹⁴⁰ Ibid., p.147.

¹⁴¹ Ibid., p.147.

¹⁴² “José Lins do Rego e o Ciclo da cana de açúcar - II”, p.148.

¹⁴³ Ibid., p.152.

Em 1951, Casais participaria numa sessão de homenagem a José Lins do Rego, realizada em Lisboa, em que apresentou um texto¹⁴⁴ lembrando o início de sua aproximação com a obra do escritor brasileiro, passados quase vinte anos sobre aquela que fora a sua primeira leitura – a de *Menino de Engenho* – que lhe causara “profunda impressão”. Impressão que se somou àquelas provocadas pela “revelação de duas gerações de escritores brasileiros graças às quais, para ele e para tantos outros, o Brasil passou a ser uma realidade”¹⁴⁵. Essas gerações foram as de “Manuel Bandeira e Gilberto Freyre, Mário de Andrade e Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Jorge Amado, Ribeiro Couto e Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade”¹⁴⁶ e o homenageado.

Apresentando, então, de forma bem abreviada, a série de romances do chamado “Ciclo da Cana-de-Açúcar”, Casais faria esta síntese:

dois extraordinários afrescos da infância e da adolescência nordestina, *Menino de Engenho* e *Doidinho*; o elementar, o instintivo, a seiva subindo ao longo da árvore, uma riqueza só comparável às páginas da *Infância* de Tolstói, o mundo inteiro da infância e da adolescência. Depois *Banguê*: o drama do burguês, deslocado, sem encontrar medida comum entre si e a realidade, perdido do passado e incapaz de conceber um futuro, arrastado para a nevrose, isto é, perdido de si porque perdido do mundo no qual não sabia viver. Depois, em *O Moleque Ricardo* e em *Usina*, já não o drama de homens isolados, mas das classes, das culturas, e economia industrial contra a classe agrária¹⁴⁷.

Quando em 1937 escrevera sobre *Pureza*, na revista *Presença*, Casais afirmara que “literariamente, [*O Moleque Ricardo* e *Usina*] indicavam uma decadência em relação a *Menino de Engenho*, a *Doidinho*, e a *Banguê*¹⁴⁸”. O que estaria em causa na avaliação de Casais, ao acusar certa decadência, seria a equação indivíduo-sociedade: ao longo dos seus diferentes artigos, Casais insistiu no peso das duas constantes da obra de Lins do Rego, concluindo: “não basta [...] encarar o indivíduo isolado”, como também “não serve de nada fingir que o indivíduo não existe, e supor que só a sociedade importa”¹⁴⁹.

¹⁴⁴ “Saudação a José Lins do Rego”, *O Romance* (teoria e crítica), 1964, pp.181-85.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p.181.

¹⁴⁶ *Ibid.*

¹⁴⁷ *Ibid.*, pp.183-4.

¹⁴⁸ In.: *Presença*, n.º50, Dez. 1937, p.13.

¹⁴⁹ “Saudação a José Lins do Rego”, *O Romance* (teoria e crítica), 1964, p.184.

Nos romances em causa e principalmente em *Usina*, o escritor evidencia, segundo Casais, uma maior preocupação em “para lá da história das personagens, representar o conflito de forças a ela superiores”¹⁵⁰. Assim, por exemplo, em *Usina*:

vemos que a história sobreleva à vida. Mais do que os seres humanos, importou ao romancista apresentar-nos a estrutura de uma transformação, historiar os efeitos do progresso mecânico e das suas repercussões económicas na vida dos trabalhadores e dos antigos senhores de engenho¹⁵¹.

De acordo com Casais, além das questões relacionadas com a relação indivíduo-sociedade, Lins do Rego levanta outras questões atinentes à relação natureza-sociedade, e, por “uma espécie de instinto infalível”, consegue dar sempre a esta uma “expressão perfeita e inconfundível”¹⁵², como em *Fogo Morto*, para Casais a obra-prima de Lins do Rego, em que a presença viva da natureza, “faz dela uma personagem essencial”. Concluindo sua “saudação”, Casais Monteiro reafirmava o que escrevera no caderno literário d’*O Primeiro de Janeiro*¹⁵³: “os romances de Lins do Rego não possuem talvez qualidade superior a esta: terem ido ao encontro das multidões anónimas, e tê-las posto a viver na verdade da sua condição humana”.

Em “José Lins do Rêgo e a sua obra”¹⁵⁴, artigo publicado no suplemento literário d’*O Estado de S. Paulo* pouco depois da morte do escritor, Casais Monteiro evoca suas memórias – não do “homem”, que conhecera pouco, nem do escritor, do ponto de vista “propriamente crítico” – mas da “figura”, com um “estilo novo” e “uma voz diferente”¹⁵⁵. E volta a sublinhar a autenticidade inigualável de *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*, obras que “definiram” para ele a “arte” do escritor brasileiro, a “sua imagem do mundo e poder de comunicação”, obras que traduzem “a verdade mais profunda de Lins do Rêgo”, obras repletas de “violência, de brutalidade, crus e nus na revelação duma humanidade”; obras que, apesar das restrições que alguns lhe faziam, tiveram para Casais uma importância fundamental:

¹⁵⁰ In.: *Presença*, n.º50, p.13.

¹⁵¹ “Sobre *O Moleque Ricardo* e *Usina*”, *Brasil Cultural*, n.ºs 2 e 3, 1948, p.22.

¹⁵² “Saudação a José Lins do Rego”, *O Romance* (teoria e crítica), 1964, p.184.

¹⁵³ “O apelo à realidade no romance brasileiro de hoje”, *O Primeiro de Janeiro*, Fev.1945, p.3.

¹⁵⁴ “José Lins do Rego”, S.L. de *O Estado de S. Paulo*, n.º51, Out.1957, p.8. Reunido em *O Romance...*, 1964, pp.185-88. Recolhido também nos *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, Unesp/Araraquara, n.º12, 1983, pp.171-74.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p.185.

a “um português bem mal informado do Brasil em geral, e muito menos do Nordeste, surgiu há pouco menos de 30 anos um escritor que foi desde logo acusado de não saber escrever, e que sempre achei que escrevia admiravelmente”¹⁵⁶.

Casais lembra ainda que, aos portugueses como ele, os livros de Lins do Rego, afirmavam a importância da literatura e revelavam “uma visão do Brasil” – pouco importando que fosse “apenas de um certo Brasil”, já que o Brasil, “isto é, uma coisa que não era Europa, deixara de ser exotismo para ser verdade humana”¹⁵⁷. O Brasil “atrasado” de José Lins do Rego, é para Casais um Brasil autêntico, que “não precisa de procurar uma definição fora da sua humanidade simples, brutal, sangrenta, esfomeada, decadente”¹⁵⁸.

E se podem ser vistos como particulares conflitos de que se ocupa como os das lutas da usina contra o engenho, a verdade é que eles representam outros conflitos que envolvem os indivíduos e as sociedades¹⁵⁹. Casais pode assim concluir que “José Lins do Rego deu à literatura brasileira uma das mais originais de quantas contribuições lhe fizeram alcançar a maioria indiscutível. Não lhe deu um estilo a imitar – mas a expressão inimitável duma verdade poética”¹⁶⁰.

3.5 Jorge Amado

Em 1937, Casais escreveu dois artigos, intitulados “Figuras do novo Brasil: *Jubiabá* I e II”¹⁶¹, em que se debruça sobre o romance que Jorge Amado¹⁶² publicara em 1935, começando por dar o autor como “um dos mais poderosos romancistas do Brasil”. E os romancistas brasileiros eram responsáveis por “algumas das mais pujantes manifestações” de um “novo ímpeto de força criadora”. Essa força criadora do novo romance brasileiro resultaria da superação do “dilema realismo-

¹⁵⁶ Ibid., p.185.

¹⁵⁷ Ibid., p.186.

¹⁵⁸ Ibid., p.187.

¹⁵⁹ Ibid.

¹⁶⁰ Ibid., p.188.

¹⁶¹ Publicado n’*O Diabo*, n.º142, Mar.1937 e n.º145, Abr.1937, p.2. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, 1950, pp.161-72.

¹⁶² Jorge Amado de Faria (Bahia, 1912 - 2001). Seu primeiro romance – *O país do carnaval* – foi publicado em 1931. Ainda na década de 1930 publica *Cacau*, 1933; *Suor*, 1934; *Jubiabá*, 1935; *Mar morto*, 1936; *Capitães de areia*, 1937; obras que foram traduzidas para vários idiomas. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Estudaram a sua obra, entre outros: Antonio Candido, Luiz Costa Lima, Walnice Galvão.

psicologismo” e da invenção do que Casais chamou “realismo lírico”, bem notório em *Jubiabá*: “Poucos romances acumularão, como este, e em tão perfeito equilíbrio, as notações agudas, de uma verdade impiedosamente crua, com a tradução dos mais delicados e íntimos ‘estados poéticos’ do homem”¹⁶³. Neste romance houve lugar para a tradução da “aspereza da vida quotidiana e da luta pelo pão” e da “melodia interior, com o cântico de saudade e de esperança misturadas que na alma de todos os homens vibra ininterruptamente”, contraste que Casais Monteiro diz ser “harmónico, pois nos dá o homem nos seus aspectos essenciais, sem o mutilar”¹⁶⁴.

Após apresentar um resumo do romance, tendo em vista “insinuar qual a linha geral da acção”¹⁶⁵, Casais fixa-se no protagonista de Balduino “já homem” e na forma com que Jorge Amado começa a obraque, em poucas frases, descreve um combate de box, e “toma o pulso” à acção” – diz Casais, impelindo esse e outros personagens para junto do leitor.

Mas o crítico não é só sensível à “matéria humana” – que vê em harmonia com a “matéria verbal” ou com o estilo, o que pode produzir um capítulo como o da “Fuga” de Balduino, “um dos mais belos capítulos do romance”. E, falando da linguagem, parece contrariar os preconceitos de alguns críticos e leitores de Jorge Amado, garantindo que a sua obra não é “dialectal”, e que está escrita num “brasileiro muito acessível”, até por que tem o seu fundamento na “língua falada”. Lembrando o poema manifesto de Manuel Bandeira que fala da “macaqueação” da “sintaxe lusíada” pela generalidade dos escritores brasileiros, o crítico português distingue neles “zonas de purismo, zonas libertárias, e zonas médias, pelo que se refere ao estilo”, e evidenciando invulgar clarividência e até coragem, por se opor ao pensamento de alguns compatriotas, não se escandaliza com “os ousados escritores do Norte”, não vendo neles “empobrecimento nem traição na língua que escrevem”¹⁶⁶.

Casais Monteiro evidencia o seu interesse pela figura de Balduino, que parte de uma “concepção anárquica da vida” e entra num mundo de “convívio, de consciência do que o liga aos outros”, e elogia o modo como Jorge Amado

¹⁶³ In.: *O Diabo*, n.º142, Mar.1937, p.2.

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ In.: *O Diabo*, n.º145, Abr.1937, p.2.

¹⁶⁶ Ibid.

“consegue exprimir o homem dentro da multidão, sem o confundir com ela, mas também não o isolando arbitrariamente”¹⁶⁷.

Casais retomaria, em 1944, a expressão “realismo lírico” para caracterizar o moderno romance brasileiro¹⁶⁸; ele constituiria um dos “novos elementos trazidos ao romance brasileiro por uma geração de escritores que estava em vias de orientar para rumos novos a literatura do seu país”, e que valia como a contribuição “mais original [...] com que os brasileiros enriqueceram o romance universal”¹⁶⁹.

No “realismo lírico” de Jorge Amado, e não só em *Jubiabá*, mas também em *Mar Morto*, *Capitães de Areia*, vê Casais um dos grandes motivos do sucesso que ele obteve entre o público português – que para lá da coloquialidade literária, apreciaria “uma visão da vida em que os valores humanos têm o seu lugar, em que o homem aparece oscilando entre os extremos que o atraem alternadamente, e não planificado, achatado, aniquilado”, ou em que o homem se nega a ser um “títere anódino, sem mais existência do que um pedaço de borracha apertado entre dois cilindros”¹⁷⁰.

As qualidades e os êxitos dos romances de Jorge Amado associou-os Casais Monteiro aos de outros romancistas brasileiros como José Lins do Rego e Graciliano Ramos. No artigo intitulado “O apelo à realidade no romance brasileiro de hoje”¹⁷¹, confessou que por algum tempo o romance brasileiro lhe “parecia como esgotado por um esforço que num breve prazo produzira algumas obras-primas”, nomeadamente *Capitães de Areia* (1937), de Jorge Amado, e *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego, mas que, na verdade, logo descobriu, pelas mãos dos mesmos escritores, outros “dois grandes livros”: *Terras do Sem Fim* (1942) e *Fogo Morto* (1943).

Casais assinala a originalidade de cada um dos romancistas em relação à técnica romanesca, mas também não deixa de chamar a atenção para a importância que neles assume o elemento “real” ou do “apelo à realidade”:

A surpreendente novidade foi a de uma humanidade desconhecida que pela primeira vez surgiu no plano romanesco; do homem brasileiro, e não

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ “O realismo lírico no moderno romance brasileiro”, *O Primeiro de Janeiro*, Mai.1944, p.4. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, “Realismo lírico”, pp.181-84.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ “O realismo lírico no moderno romance brasileiro”, *O Primeiro de Janeiro*, Mai.1944, p.4.

¹⁷¹ “Publicado n’*O Primeiro de Janeiro*, 7 Fev.1945, p.3. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, com o título “Até às raízes do humano”, pp.185-88.

duma simbiose da imagem deformada, adquirida por via literária, do homem português ou francês (segundo as épocas) e do brasileiro. Com eles, o romance volta à origem: à terra, ao elementar, [...], procura readquirir a inocência perdida em tantos anos de imitação da Europa¹⁷².

A mesma novidade ou a mesma problemática seria tema de um artigo publicado n’*O Primeiro de Janeiro*¹⁷³, em 1947, em que Casais volta a falar no sucesso que o romance brasileiro obteve em Portugal para os leitores portugueses.

A “revelação do Brasil” que essas obras traziam não era só a de paisagens naturais e sociais diferentes das portuguesas, era também a da diversidade de “tipos humanos”, que atraía o interesse do leitor português:

para os cariocas e paulistas, para os mineiros, para os nortistas, para os nordestinos, para todo esse quadro de uma humanidade bem diferente [...]. Para os dramas de toda a espécie gerados numa época em que a unidade do povo brasileiro era um processo vivo, e não um acontecimento histórico¹⁷⁴.

Se para o leitor brasileiro, os romances de Jorge Amado, de José Lins do Rego, de Graciliano Ramos, e de outros, incidiam sobre problemas muito distintos dos que compareciam nos admirados romances de Machado de Assis que “parecia avantajarse tanto que à sua sombra não surgiria mais nenhum que não parecesse pequeno”¹⁷⁵, para o leitor português “essa descoberta tinha um sentido muito mais profundo: eram com efeito estes romancistas quem ia trazer aos portugueses leitores de romances a revelação do Brasil”¹⁷⁶. E essa revelação era “total”, mesmo que alguns desses romances pudessem ser acusados, mais tarde, de um “localismo exagerado, recurso a um pitoresco rapidamente esgotado”¹⁷⁷.

¹⁷² Ibid, p.3.

¹⁷³ “O romance brasileiro contemporâneo”, *O Primeiro de Janeiro*, Abr.1947, p.3. Reunido em *O Romance e os seus problemas*, “O leitor português e o romance brasileiro contemporâneo”, pp.139-42.

¹⁷⁴ Ibid, p.3.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ Ibid.

¹⁷⁷ Ibid.

CAPÍTULO IV

Adolfo Casais Monteiro e o intercâmbio intelectual luso-brasileiro

Antes de partir para o Brasil, Adolfo Casais Monteiro não se limitara a escrever sobre obras e autores brasileiros, em revistas, em jornais e também em livros, nem se limitara a convidá-los para publicarem textos em Portugal. Ele também praticou e teorizou sobre o intercâmbio intelectual e cultural entre Portugal e Brasil.

Em 1936, publicou um artigo no “semanário de crítica literária e artística” *O Diabo*, de Lisboa, cujo título “Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro”¹⁷⁸ é sintomático de seu interesse pelo estabelecimento de uma efetiva relação cultural entre os dois países. No artigo, Casais Monteiro reclama “o esforço de compreensão” por parte dos críticos “de ambos os lados do Atlântico”; destaca o empenho com que alguns escritores portugueses se dedicavam à realização de um “programa de aproximação intelectual luso-brasileira” e cita os nomes de João de Barros e de José Osório de Oliveira.

Entretanto, considerava essencial o apoio da imprensa e o trabalho conjunto das casas editoriais, perguntando: “De que servem os livros, as conferências, os artigos, se as revistas, os jornais e as empresas editoras não contribu[em] para coordenar estas atividades dispersas?”¹⁷⁹ E concluía: “nenhuma revista, nenhum jornal, nenhuma casa editora há em Portugal que dedique à expansão da cultura brasileira uma atividade regular e coerente”¹⁸⁰.

Assinalando a dificuldade de acesso às obras brasileiras em Portugal, que só por exceção se viam em alguma livraria – o que inviabilizava um bom diálogo entre as culturas e literaturas portuguesa e brasileira – adianta sugestões para solucionar esse problema, por exemplo: a criação, por parte dos grandes órgãos de imprensa, de “seções confiadas a pessoas de fato competentes”, entre as quais alguns brasileiros, nas quais se abordasse “o estudo da cultura brasileira” e se seguisse “atentamente a sua evolução”; a cuidada atenção dos livreiros portugueses nas escolhas ou nas encomendas de livros, que deveriam ter a qualidade que justificaria a sua boa

¹⁷⁸ “Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro”, *O Diabo*, n.º130, 20 dez.1936, p.1. Reunido em LEITE, R. M. (org). *Casais Monteiro: uma antologia*, 2012, pp.97-101.

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ Ibid.

divulgação e aquisição; e, por fim, a criação de um organismo “composto por autores, críticos e jornalistas de ambos os países” que se incumbissem “de orientar sob todos os pontos de vista a expansão das respectivas culturas”¹⁸¹, e de favorecer o melhor intercâmbio cultural luso-brasileiro.

O texto de 1936 teve continuidade num outro, de 1938, com o título “Estado presente do intercâmbio intelectual luso-brasileiro”, publicado na *Presença*, em que assinala algum progresso nas relações culturais luso-brasileiras, traduzido na “troca de livros, troca de revistas, não ao acaso, mas orientada em geral de modo a que as novas gerações dos dois países se [conhecessem] no que ambas [possuíam] de vivo”¹⁸², e traduzido também na divulgação da literatura brasileira em Portugal, por meio de “ensaios, artigos e notas críticas” que mostravam, “a melhor boa vontade, e em muitos autêntica compreensão”¹⁸³.

Graças a esse trabalho, a nova literatura brasileira foi conquistando os escritores e leitores da geração presencista (mas não só); e garantia Casais Monteiro, não se tratava

duma simpatia teórica, do gênero das habituais manifestações de amizade luso-brasileira, mas dum real interesse provocado por uma realidade viva: as obras desses artistas novos, dos quais nada mais justo do que destacar como principais causadores da atitude dos intelectuais e dos portugueses, José Lins do Rego e mais ainda Jorge Amado¹⁸⁴.

Para tornar mais efetivo o intercâmbio cultural, Casais adiantava outra sugestão: a de que também no Brasil se criasse uma casa editorial que publicasse obras portuguesas e se mobilizassem brasileiros para a sua divulgação.

Teórico do intercâmbio cultural luso-brasileiro, Casais Monteiro foi coerente a praticá-lo como poucos: ele soube promover com competência obras recentes de autores desconhecidos em Portugal e ofereceu os seus próprios livros a alguns deles, com quem aliás se correspondeu (já conhecemos muitas dessas cartas, e referimos algumas) e de quem recebeu livros, com dedicatórias como as que publicamos em apêndice.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² “Estado presente do intercâmbio intelectual Luso-Brasileiro”, *Presença*, vol.3, n.º53/54, 1938, p.29.

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Ibid.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira contou sempre, em Portugal, com o interesse de escritores e intelectuais, mas até ao modernismo não se pode dizer que ela fosse estudada e divulgada sistematicamente. Adolfo Casais Monteiro foi um dos primeiros a distinguir-se como grande estudioso da literatura brasileira em Portugal no século XX.

Ocupando-se da poesia, da ficção ou do ensaio do Brasil (como de Portugal) – em jornais, em revistas e em livros, ele evidenciou grande conhecimento literário e notáveis qualidades críticas que o levaram a merecer o respeito de ensaístas e de leitores brasileiros (como de portugueses) e que o levaram a falar da literatura brasileira com ideias e pontos de vista originais ou distintos dos expressos por críticos brasileiros.

Para nos reportarmos aos textos publicados quando ainda estava em Portugal, notemos o que, a propósito de obras de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira e Jorge de Lima, escreveu sobre influências e afinidades, sobre tradição e modernidade, ou o que, a propósito de obras de José Lins do Rego e de Jorge Amado, escreveu sobre a linguagem e sobre o “realismo lírico” do moderno romance brasileiro.

A sua produção crítica não implicou apenas um contributo importante para o debate sobre a poesia e a prosa modernistas; de algum modo ele foi dos primeiros a por em causa uma visão estreita do movimento modernista brasileiro, pois alargou a suas fronteiras para além de São Paulo e Rio de Janeiro e teve em conta as suas várias direções de que falou Arnaldo Saraiva: “diversidade de manifestações, proliferação de tendências, penetração em espaços do interior ou da província”¹⁸⁵.

Mas o seu mérito maior foi o de, ainda relativamente jovem (não esqueçamos que nasceu em 1908), em tempo de alguns preconceitos culturais mútuos de brasileiros e portugueses, e em circunstâncias difíceis de acesso a obras brasileiras no país que se dizia “irmão”, ter trabalhado intensamente em favor do conhecimento ou da leitura em Portugal de autores brasileiros, seus contemporâneos, como mais tarde fez pelo conhecimento e leitura de autores portugueses no Brasil, e de ter

¹⁸⁵ SARAIVA, Arnaldo. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português...*, 2004, p.262.

desenvolvido enormes esforços para revitalizar o fecundo intercâmbio cultural luso-brasileiro, que só pode trazer benefícios aos dois países.

BIBLIOGRAFIA

I – Obras de Adolfo Casais Monteiro

POESIA

Confusão. Coimbra: Presença, 1929.

Correspondência de família.¹⁸⁶ Lisboa: [s.ed.], 1933.

Poemas do tempo incerto.¹⁸⁷ Coimbra: Presença, 1934.

Sempre e sem fim. Porto: Presença, 1937.

Canto da nossa agonia. Lisboa: Signo, 1942.

Noite aberta aos quatro ventos.¹⁸⁸ Lisboa: Signo, 1943.

Versos.¹⁸⁹ Lisboa: Editorial Inquérito, 1944.

Europa. Lisboa: Confluência, 1946.

Simples canções da terra, seguidas de uma Ode a Gomes Leal. Porto: Marânus, 1949.
Cadernos das Nove Musas sob o signo de Portucal; 2.^a série, vol.3.

Voo sem pássaro dentro.¹⁹⁰ Lisboa: Ulisseia, 1954.

Poesias Completas.¹⁹¹ Lisboa: Portugália, 1969.

ANTOLOGIA

Antología.¹⁹² Madrid: Rialp, 1954.

Poesias escolhidas.¹⁹³ Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960.

Adolfo Casais Monteiro: seleção de poemas.¹⁹⁴ Lisboa: Assírio & Alvim, 1973.

¹⁸⁶ Em colaboração com Ribeiro Couto e prefácio de José Osório de Oliveira.

¹⁸⁷ Poemas escritos entre 1928 e 1932. Dedicados a “Jules Supervielle, au poète, à l’ami, de tout coeur”.

¹⁸⁸ Com cinco desenhos de António Dacosta e uma 2.^a ed., aum. Lisboa: Inquérito, 1959.

¹⁸⁹ Reúne os anteriores *Confusão*, *Poemas do tempo incerto*, *Sempre e sem fim*. “Edição definitiva, precedida de algumas notas para o leitor de 1944”. Com um retrato do autor, por Cícero Dias.

¹⁹⁰ Com dez desenhos de Fernando Lemos.

¹⁹¹ Reúne os anteriores e o inédito *O estrangeiro definitivo*. Com edição/reimpressão, intr. de João Rui de Sousa. Lisboa: INCM, 1994.

¹⁹² Seleção, versão e prólogo por Rafael Morales.

¹⁹³ Prefácio de Jorge de Sena, coleção Tule, 3.^a série, Poesia.

FICÇÃO

Adolescentes.¹⁹⁵ Porto: Ibérica, 1945.

ENSAIOS E CRÍTICA

Considerações pessoais.¹⁹⁶ Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

A poesia de Ribeiro Couto. Porto: Presença, 1935.

Descobertas do mundo interior: a poesia de Jules Supervielle. Porto: Presença, 1938.
(Reed.: *A poesia de Jules Supervielle*. Lisboa: Confluência, 1945).

Introduction à la poésie de Fernando Pessoa. Lisboa: Institut Français, 1938.

Le moderne et l'éternel dans la poésie portugaise contemporaine. Lisboa: Institut Français, 1939.

Sobre o romance contemporâneo. Lisboa: Inquérito, 1940.

De pés fincados na terra.¹⁹⁷ Lisboa: Inquérito, 1940.

Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética seguido de uma antologia.¹⁹⁸ Lisboa: Inquérito, 1943.

O romance e os seus problemas.¹⁹⁹ Lisboa: Casa do Estudante do Brasil, 1950.

Fernando Pessoa e a crítica. Lisboa: Inquérito, 1952.

Fernando Pessoa, o insincero verídico. Lisboa: Inquérito, 1954.

A moderna poesia brasileira.²⁰⁰ São Paulo: Clube da Poesia, 1956.

Uma tese e algumas notas sobre arte moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa.²⁰¹ Rio de Janeiro: Agir, 1958.

¹⁹⁴ Seleção de João Rui de Sousa. Textos de António Ramos Rosa; J. Rui de Sousa e E. M. de Melo e Castro.

¹⁹⁵ 2.^a ed.: Lisboa: IN-CM, 2004. Introdução de Eugénio Lisboa.

¹⁹⁶ 2.^a ed.: Lisboa: IN-CM, 2004. Pref. Carlos Leone.

¹⁹⁷ 2.^a ed.: Lisboa: IN-CM, 2006. Pref. Carlos Leone.

¹⁹⁸ *Manuel Bandeira*. 2.^a ed. aum.: Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.

¹⁹⁹ Inclui o anterior *Sobre o romance contemporâneo* (1940).

²⁰⁰ Conferência pronunciada na sessão de instalação do curso de poesia contemporânea, do Clube de Poesia, no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo, em 13/09/1956.

²⁰¹ Inclui os anteriores *Fernando Pessoa e a crítica* (1952) e *Fernando Pessoa, o insincero verídico* (1954).

*A poesia da presença. Estudo e antologia.*²⁰² Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

*Clareza e mistério da crítica.*²⁰³ Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

*O Romance (teoria e crítica).*²⁰⁴ Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

*A palavra essencial: estudos sobre poesia.*²⁰⁵ São Paulo: Nacional/Edusp, 1965.

*Estrutura e autenticidade como problemas da teoria e da crítica literárias.*²⁰⁶ São Paulo: edição do autor, 1968.

*Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea.*²⁰⁷ São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros USP, 1972.

A poesia portuguesa contemporânea. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

*Artigos de Adolfo Casais Monteiro publicados no Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”.*²⁰⁸ Número especial de Cadernos de Teoria e Crítica Literária, n.º12, edição mimeografada. Araraquara: Unesp, 2 vols., 1983.

O que foi e o que não foi o movimento da presença. Lisboa: IN-CM, 1995.

*Melancolia do progresso.*²⁰⁹ Lisboa: IN-CM, 2003.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas em família: correspondência entre o escritor e seus pais (1929-1943). Lisboa: IN-CM, 2008. Prefácio de Carlos Leone. Seleção e notas de João Paulo Monteiro.

Cartas a sua mãe (1944-1964). Lisboa: IN-CM, 2008. Prefácio de Carlos Leone. Seleção e notas de João Paulo Monteiro.

Correspondência – Casais Monteiro e Ribeiro Couto. São Paulo: Editora Unesp, 2016. Org. Rui Moreira Leite.

²⁰² 2.^a ed.: Lisboa: Moraes Editores, 1972; 3.^a ed.: Lisboa: Cotovia, 2003, com prefácio de Osvaldo Manuel Silvestre.

²⁰³ Inclui o ensaio “Os falsos dilemas da crítica contemporânea”, do volume *O romance e os seus problemas* (1950) e parte de *Uma tese e algumas notas sobre a arte moderna* (1956).

²⁰⁴ Inclui o anterior *O romance e os seus problemas* (1950).

²⁰⁵ 2.^a ed.: Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

²⁰⁶ Tese de livre-docência apresentada na disciplina de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ed. port.: Lisboa: IN-CM, 1984.

²⁰⁷ Inclui *A poesia de Ribeiro Couto* (1935); *Manuel Bandeira estudo de sua obra poética* (1943) e *A moderna poesia brasileira* (1956).

²⁰⁸ Editada em Portugal: *Artigos de O Estado de S. Paulo*. Lisboa: INCM, 2011.

²⁰⁹ Pref. José-Augusto França.

EDIÇÕES

NOBRE, Augusto Ferreira. *António Nobre e as grandes correntes literárias do século dezenove*. Porto [s.n.], 1931.

Cartas inéditas de António Nobre. (Introdução e notas). Coimbra: Presença, 1934.

Cartas de Antero de Quental a António de Azevedo Castelo Branco. (Prefácio e notas). Lisboa: Signo, 1942.

Fernando Pessoa – Poesia. (Seleção e introdução). 2 vols. Lisboa: Confluência, 1942. (2.^a ed., 1945).

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Lisboa: Sociedade Cultural de Intercâmbio Luso-Brasileiro, 1952-53.

PESSOA, Fernando. *Poemas inéditos destinados ao no. 3 de Orpheu*. Lisboa Inquérito, 1953.

_____. *Poesia*.²¹⁰ Rio de Janeiro: Agir (Col. “Nossos clássicos”, 1), 1957.

QUENTAL, Antero de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

BRANCO, Camilo Castelo. *Coração, cabeça e estômago*. (Introdução e notas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

Poesias de Manuel Bandeira. (Seleção e prefácio). Lisboa: Portugália (Col. “Poetas de Hoje”, 30), 1968.

LOPES, Fernão. *Crónicas*. Rio de Janeiro: Agir (Col. “Nossos clássicos”, 89), 1968.

PINTO, Fernão Mendes. “Páginas da Peregrinação”. (Prefácio, fixação e seleção de textos). Lisboa: Verbo, 1972.

PREFÁCIOS

TCHECOV, Anton. *O duelo*. Porto: Vasco Rodrigues, 1938.

COUTO, Ribeiro. *Uma noite de chuva e outros contos*. Lisboa: Inquérito, 1944.

BAPTISTA, Maria da Encarnação. *Hora entendida: poemas*. Lisboa: Inquérito, 1951.

VIOTTI, Sérgio. *Invenção triste: poesia*. Lisboa: Inquérito, 1952.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Poemas Escolhidos*. São Paulo: Clube de Poesia, 1956.

²¹⁰ Com várias reedições.

RIBEIRO, Aquilino. *Quando os lobos uivam*. São Paulo: Anhembi, 1959.

_____. *Quando os lobos julgam, a justiça uiva*. São Paulo: Liberdade e Cultura, 1959.

FERRAZ, Geraldo; GALVÃO, Patrícia. *Dois romances*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

TRADUÇÕES

CARREL, Alexis. *O homem, esse desconhecido*. Porto: Educação Nacional, 1936.

KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano doença até a morte*. (Tradução e prefácio). Porto: Tavares Martins, 1936.

ANIANTE, Antonio. *Vida e aventuras de Marco Polo*. Lisboa: Inquérito, 1938.

TROYAT, Henri. *A aranha*. Lisboa: Inquérito, 1939.

SIMENON, Georges. *O cão amarelo*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1939.

DALADIER, Edouard. *Em defesa da França*. Lisboa: Inquérito, 1939.

UNAMUNO, Miguel de. *Um homem*.²¹¹ Lisboa: Inquérito, 1940.

TOLSTOI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch*. Lisboa: Inquérito, 1940.

HÉRIAT, Philippe. *Filhos rebeldes*. Lisboa: Inquérito, 1940.

TOLSTOI, Leon. *Adolescência*. Lisboa: Inquérito, 1941.

BEVAN, Edwyn. *A civilização greco-romana*. Lisboa: Inquérito, 1941.

TÁCITO. *A Germânia*. Lisboa: Inquérito, 1941.

BALZAC, Honoré de. *O ilustre Gaudissart*. Lisboa: Inquérito, 1941.

DIDEROT. *Paradoxo sobre o actor*. Lisboa: Inquérito, 1941.

ELIOT, Georges. *Silas Marner*. Lisboa: Inquérito, 1941.

DRAULT, Jean. *O corsário*. Porto: Educação Nacional, 1941.

TOLSTOI, Leon. *Infância*. Lisboa: Inquérito, 1941.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*.²¹² Lisboa: Inquérito, 1941.

²¹¹ Com Aníbal de Vasconcelos.

²¹² Tradução e nota preliminar.

- SARTRE, Jean Paul. *As estátuas volantes*. Lisboa: Inquérito, 1941.
- ROBIN, Léon. *Platão*. Lisboa: Inquérito, 1943.
- BRÖNTE, Charlotte. *Os caminhos do amor*. Lisboa: Inquérito, 1943.
- BART, Jean. *Sereia negra: europolis*. Coimbra: Nobel, 1944.
- LACHELIER, Jules. *Psicologia e metafísica*.²¹³ Lisboa: Inquérito, 1945.
- MESSER, August. *História da filosofia*. Lisboa: Inquérito, 1946.
- BLACKMON, Anita. *Rito mortal*. Lisboa: Édipo, 1950.
- PRIOLY, Lucien. *Jogo duplo*. Lisboa: Édipo, 1950.
- PIRENNE, Jacques. *As grandes correntes da história universal*. 7 vol. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileira, 1950-52.
- QUEEN, Ellery. *O mistério dos irmãos siameses*. Lisboa: Édipo, 1951.
- PESSOA, Fernando. *Bureau de Tabac*.²¹⁴ Lisboa: Inquérito, 1952.
- HEMINGWAY, Ernest. *O adeus às armas*.²¹⁵ Lisboa: Ulisséia, 1954.
- MARGERIT, Robert. *O deus nu*. Lisboa: Estúdios Cor, 1954.
- ALGUNS dos “35 sonetos” de Fernando Pessoa.²¹⁶ São Paulo: Clube de Poesia, 1954.
- VILMORIN, Louise de. *Madame de...seguido de Julieta*. Lisboa: Estúdios Cor, 1954.
- Perspectivas dos Estados Unidos: As Artes e As Letras*.²¹⁷ Lisboa: Portugália, 1955.
- STENDHAL. *A cartuxa de Parma*. Lisboa: Estúdios Cor, 1957.
- CALDWELL, Erskine. *A estrada do tabaco*. Lisboa: Inquérito, 1959.
- FLAUBERT, Gustave. *A educação sentimental*. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, 1959.
- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- PESSOA, Fernando. *Poemas ingleses*.²¹⁸ Lisboa: Ática, 1974.

²¹³ Tradução e prefácio.

²¹⁴ Tradução e prefácio; colaboração de Pierre Hourcade.

²¹⁵ Tradução e prefácio.

²¹⁶ Em colaboração com Jorge de Sena.

²¹⁷ Em colaboração com Jorge de Sena.

BRÖNTE, Charlotte. *O professor*. 3.^a ed. Lisboa: Inquérito, 1974.

TEXTOS POLÍTICOS

O País do Absurdo. Textos políticos.²¹⁹ Lisboa: República, 1974.

II – Obras de autores brasileiros criticadas por Adolfo Casais Monteiro (ainda em Portugal)

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1928.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

ANJOS, Ciro dos. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Amigos do Livro, 1937.

Homenagem a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1936.

BANDEIRA, Manuel. *A cinza das horas*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1917.

_____. *Carnaval*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1919.

_____. *O ritmo dissoluto*, 1924. Incluído em *Poesias*. Rio de Janeiro: Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1924.

_____. *Libertinagem*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.

_____. *Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: s. ed., 1936.

_____. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

CARDOSO, Lúcio. *Salgueiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

COUTO, Rui Ribeiro. *O jardim das confidências*. São Paulo: Monteiro Lobato & C.^a, 1921.

_____. *Poemetos de ternura e de melancolia*. São Paulo: Monteiro Lobato & C.^a, 1924.

_____. *Um homem na multidão*. Rio de Janeiro: Odeon, 1926.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

²¹⁸ Tradução, notas e prefácio de Jorge de Sena; traduções adicionais de Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal.

²¹⁹ Com 2.^a ed.: Lisboa: IN-CM, 2007. Prefácio de Carlos Leone.

IVO, Lêdo. *O preto no branco*- exegese de um poema de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1955.

LIMA, Jorge de. *Poemas*. Maceió: Casa Trigueiros, 1927.

_____. *Novos poemas*. Rio de Janeiro: Pimenta de Melo & C.^a, 1929.

_____. *Poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Editorial Andersen, 1932.

_____. *O anjo*. Rio de Janeiro: Cruzeiro do Sul, 1934.

LINS do REGO, José. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1932

_____. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1933.

_____. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

_____. *O Moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Pureza*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

III – Referências bibliográficas

ANSELMO, Artur. “No tempo em que os jornais portugueses tinham suplementos ou páginas literárias”. In.: MORUJÃO, Isabel; SANTOS, Zulmira (Coord.). *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil* - Homenagem a Arnaldo Saraiva. CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. Porto: Afrontamento, 2011, pp.69-74.

BEZERRA, Elvia. *Ribeiro Couto*: cadeira 26, ocupante 4. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36^aed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Luís. “O romance brasileiro na visão de dois críticos portugueses.” In: *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt56/06.pdf>>. Último acesso em: 20/01/2019.

CATÁLOGO ELETRÔNICO IEB/USP. Disponível em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=32027>. Último acesso em: 20/01/2019.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “O Congresso Internacional de Escritores de 1954: a chegada de Adolfo Casais Monteiro”. In.: *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. SP: Edusc, 2003, pp.23-6.

GOTLIB, Nádía Batella. *Casais e o Brasil*. In.: GOBBI, Márcia V. Z.; FERNANDES, Maria L. O.; JUNQUEIRA, Renata (Orgs.). *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*. SP: Edusc/Unesp, 2002, pp.111-31.

LEITE, Rui Moreira (org.). *Casais Monteiro: uma antologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LEONE, Carlos. “A presença de Casais Monteiro na Biblioteca Nacional e o seu significado cultural”. Lisboa, BNP/2008.

PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud (Orgs.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira – biográfico, crítico e bibliográfico*. São Paulo: Cultrix, 1969.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A crítica viva de Casais Monteiro”. In.: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (Orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. SP: Edusc, 2003, pp.53-60.

PIRES, Daniel Brito Rebelo de Sousa. *Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX*. Lisboa: Contexto, 1986.

_____. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*. Vol. 1. Lisboa: Grifo, 1996.

_____. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*. Vol. 2. Lisboa: Grifo, 2000.

PUCHEU, Alberto; MEIRA, Caio. *Guia conciso de autores brasileiros*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

RÉGIO, José. *Correspondência com Vitorino Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

SARAIVA, Arnaldo. “Carta inédita de Jorge de Lima para Adolfo Casais Monteiro”. *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n.º 50, Jul. 1979, pp.61-4.

_____. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. *A Renascença Portuguesa e a sua projeção na cultura brasileira*. Porto: Coleção Folhetos 5, 2018.

SILVEIRA, Pedro da. “Cartas inéditas de Manuel Bandeira a Adolfo Casais Monteiro”. *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n.º 18, Mar. 1974, pp.43-8.

SIQUEIRA, Joelma Santana; FERRARI, Lilian Maria Barbosa. “Literatura brasileira em Portugal: a revista *Terceira Margem*”. *Revista Brasil/Brazil*, n.º57, vol.31, 2018, pp.51-70.

IV – Cartas de escritores brasileiros a Adolfo Casais Monteiro referidas nesta dissertação

ANDRADE, Mário de. [Carta] 12 fev. 1937, São Paulo [para] MONTEIRO, A. C. datilografada. In.: *Casais Monteiro: uma antologia*. LEITE, Rui Moreira (org.), 2012, p.282.

BANDEIRA, Manuel. [Carta] 5 ago. 1938, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. In.: “Cartas inéditas de Manuel Bandeira a Adolfo Casais Monteiro, apresentadas por Pedro da Silveira”. *Colóquio Letras*, n.º 18, Mar. 1974, pp.43-48.

_____. [Carta] 12 abr. 1944, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. Autógrafo em papel seda.

DUARTE, Paulo. [Carta] 25 jun. 1953, São Paulo [para] MONTEIRO, A. C.

_____. [Carta] 18 fev. 1954, São Paulo [para] MONTEIRO, A. C. 1f., datilografada em papel timbrado da Sociedade Paulista de Escritores/Congresso Internacional de Escritores.

LIMA, Jorge de. [Carta] 2 mar. 1934, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. 1f., manuscrita.

_____. [Carta] 28 out. 1934, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. 1f. (Papel cartão), datilografada.

_____. [Carta] 15 fev. 1935, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. 1f. datilografada.

_____. [Carta] 2 set. 1935, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. 1f. datilografada.

_____. [Carta] 10 out. 1935, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. 1f. datilografada.

_____. [Carta] 5 jan. 1936, Rio de Janeiro [para] MONTEIRO, A. C. In.: “Carta inédita de Jorge de Lima para Adolfo Casais Monteiro”. SARAIVA, Arnaldo (Apresentação e notas), *Colóquio Letras*, n.º 50, Jul. 1979, pp.61-64.

_____. [Carta] 8 fev. 1937, Cambuquira/Minas Gerais [para] MONTEIRO, A. C. 2f. datilografada.

APÊNDICE

1. TEXTOS DISPERSOS DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO SOBRE LITERATURA BRASILEIRA

1.1 Em publicações portuguesas

A Águia (4.^a Série), *Animatógrafo*, *Aventura*, *Brasil Cultural*, *Cadernos de Poesia*, *Cadernos do Meio-dia*, *Clareza*, *Fradique*, *Horizonte*, *Litoral*, *Mundo Literário*, *Movimento*, *Notícias do Bloqueio*, *O Diabo*, *O Tempo e o Modo*, *O Globo*, *Suplemento Das artes Das letras de O Primeiro de Janeiro*, *Presença*, *Prisma*, *Portucal*, *Princípio*, *Revista de Portugal*, *Sol Nascente*, *Suplemento literário do Diário Popular*, *Sudoeste – Cadernos de Almada Negreiros*, *Suplemento literário do Diário de Lisboa*, *Távola Redonda*, *Variante*, *Ver e Crer*.

1.2 Em publicações brasileiras

A Ordem, *Diário de Notícias*, *Revista do Livro*, *Suplemento Letras e Artes de Correio da Manhã*, *Suplemento literário d’O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*.

1.3 Textos contemplados nesta dissertação

A) Na revista *Presença*

“Notas sobre poetas novos do Brasil: I – Ribeiro Couto. II – Manuel Bandeira”, *Presença*, vol.2, n.º34, Nov.-Fev. 1932, pp.14-5.

“O Anjo por Jorge de Lima”, *Presença*, vol.2, n.º43, 1934, p.13.

“Pureza, romance de José Lins do Rego”, *Presença*, vol.3, n.º50, 1937, pp.13-4.

“Estado presente do intercâmbio intelectual Luso-Brasileiro”, *Presença*, vol.3, n.º53/54, 1938, p.29.

B) Na *Revista de Portugal*

“Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica, por Manuel Bandeira”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º1, Out.1937, pp.137-38.

“*Salgueiro* (1935), por Lúcio Cardoso; *Os Corumbas* (1933), por Amando Fontes; *A bagaceira* (1928), por José Américo de Almeida”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º1, Out.1937, pp.138-41.

“*O amanuense Belmiro*, romance por Ciro dos Anjos”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º3, Abr.1938, pp.477-79.

“Manuel Bandeira”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º3, Abr.1938, pp.425-33.

“Manuel Bandeira - continuação”, *Revista de Portugal*, vol.1, n.º4, Jul.1938, pp.597-608.

C) Em *O Diabo*

“Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro”, *O Diabo*, n.º130, 20 dez. 1936, p.1.

“Figuras do Novo Brasil. *Jubiabá*, romance de Jorge Amado I”, *O Diabo*, n.º142, 14 mar. 1937, p.2.

“Figuras do Novo Brasil. *Jubiabá*, romance de Jorge Amado II”, *O Diabo*, n.º145, 14 abr. 1937, p.2.

D) Na revista *Brasil Cultural*

“Sobre o *Moleque Ricardo e Usina*, de José Lins do Rego”, *Brasil Cultural*, n.ºs 2-3, Mar./Mai. 1948, pp.20-22.

E) Na revista *Portucale*

“Um grande poeta do Brasil: Jorge de Lima”, *Portucale*, n.ºs 41-42, Set./Dez. 1934, pp.188-195.

“Introdução ao ensaio Ribeiro Couto - Poeta da Intimidade”, *Portucale*, n.ºs 44-45, Mar./Jun. 1935, pp.85-89.

F) No suplemento literário de *O Primeiro de Janeiro*

“O realismo lírico no moderno romance brasileiro”, *O Primeiro de Janeiro*, 24 mai. 1944, p.4.

“O apelo à realidade no romance brasileiro de hoje”, *O Primeiro de Janeiro*, 7 fev. 1945, p.3.

“O romance brasileiro contemporâneo”, *O Primeiro de Janeiro*, 30 abr. 1947, p.3.

“Retrato de Ribeiro Couto”, *O Primeiro de Janeiro*, 21 jul. 1948, p.3.

2. CONTRIBUIÇÃO PARA UM INVENTÁRIO DE OUTROS TEXTOS DISPERSOS

A Águia:

“Notas biográficas sobre Eça de Queirós”, *A Águia*, n.º6, 4ª Série, Nov.-Dez. 1928, pp.177-80.

“Crítica”, *A Águia*, n.º7/8, 4ª Série, Jan.-Mar. 1929, pp.218-20.

“Sobre *Temas*, de João Gaspar Simões”, *A Águia*, n.º9, 4ª Série, Abr./Mai./Jun. 1929, pp.269-72.

“A Arte contra a Ordem”, *A Águia*, n.º3, 5ª Série, Mai./Jul. 1932, pp.140-49.

Animatógrafo:

“Panorama cinéfilo de Coimbra”, *Animatógrafo*, n.º1, 1ª Série, Abr. 1933, p.17.

“Elogio do cinema americano, e o mais que se verá”, *Animatógrafo*, n.º8, 1ª Série, Mai. 1933, p.6.

***Aventura* – Revista bimestral de cultura:**

“Noite impassível (P)”, *Aventura*, n.º1, Mai.1942.

Cadernos de poesia:

“Fado”, *Cadernos de poesia*, n.º1, 1940, p.6.

“Fernando Pessoa”, *Cadernos de poesia*, n.º4, 1941, pp.78-80.

“Fernando Pessoa e a crítica”, *Cadernos de poesia*, n.º10, Out.1951, pp.85-100.

“Pascoaes é um poeta sem contemporâneos...”²²⁰, *Cadernos de poesia*, n.º14, 1953, p.8/28.

²²⁰*Cadernos de poesia*: número dedicado a Teixeira de Pascoaes.

Cadernos do meio-dia – Antologia de poesia, ensaio, crítica:

“Exercícios espirituais”, *Cadernos do meio-dia*, n.º1, Abr.1958, p.1.

Claridade – Revista de literatura²²¹:

“Claridade e obscuridade”, *Claridade*, n.º1, Mar.1929, pp.12-14.

“Poesia pura”, *Claridade*, n.º2, Abr.1929, pp.3-5.

Das artes Das letras – Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*:

“A fecunda diversidade do génio francês”, *O Primeiro de Janeiro*, 12 abr. 1944, p.4.

“O realismo lírico no moderno romance brasileiro”, *O Primeiro de Janeiro*, 24 mai. 1944, p.4.

“O mais português e o mais universal dos poetas deste século”, *O Primeiro de Janeiro*, 9 ago. 1944, p.4.

“A crítica e os seus inimigos”, *O Primeiro de Janeiro*, 4 out. 1944, p.3.

“Jogo de azar (poesia)”, *O Primeiro de Janeiro*, 25 out. 1944, p.3.

“O homem e a sua imagem na literatura portuguesa”, *O Primeiro de Janeiro*, 1 nov. 1944, p.3.

“Trechos dum prefácio inédito”, *O Primeiro de Janeiro*, 29 nov. 1944, p.3.

“Arte e subjectividade”, *O Primeiro de Janeiro*, 27 dez. 1944, p.3.

“Trazer o espírito à terra”, *O Primeiro de Janeiro*, 10 jan. 1945, p.3.

“*Evocação*, de Dominguez Alvarez”, *O Primeiro de Janeiro*, 31 jan. 1945, p.4.

“O apelo à realidade no romance brasileiro de hoje”, *O Primeiro de Janeiro*, 7 fev. 1945, p.3.

“Henri Michaux”, *O Primeiro de Janeiro*, 7 mar. 1945, p.3.

“Progresso da filosofia portuguesa”, *O Primeiro de Janeiro*, 21 mar. 1945, p.3.

²²¹A Biblioteca Municipal do Porto só tem os dois primeiros números, de quatro publicados. O site da BMP informa que também na BN é possível encontrar apenas os dois números. Daniel Pires (1996, pp.108-9) informa que teve acesso aos 2 números finais e registra o título da colaboração de Casais Monteiro no 3.º número: “Os ídolos derrubados”, não indicando colaboração de Casais no 4.º número.

“A ambição de objectividade na crítica contemporânea”, *O Primeiro de Janeiro*, 4 jul. 1945, p.4.

“Cinco minutos de conversa com Adolfo Casais Monteiro a propósito do seu primeiro romance *Adolescentes*”, *O Primeiro de Janeiro*, 19 set. 1945, p.4.

“O romance na encruzilhada”, *O Primeiro de Janeiro*, 24 out. 1945, p.3.

“Realismo e regionalismo no romance”, *O Primeiro de Janeiro*, 14 nov. 1945, p.3.

“Contra a banalidade”, *O Primeiro de Janeiro*, 19 dez. 1945, p.3.

“A poesia na encruzilhada”, *O Primeiro de Janeiro*, 29 mai. 1946, p.4.

“O convívio europeu”, *O Primeiro de Janeiro*, 21 ago. 1946, p.3.

“Ser da terra e ser por ela”, *O Primeiro de Janeiro*, 19 mar. 1947, p.3.

“Literatura e ‘bons sentimentos’”, *O Primeiro de Janeiro*, 16 abr. 1946, p.3.

“O romance brasileiro contemporâneo”, *O Primeiro de Janeiro*, 30 abr. 1947, p.3.

“Caminhos e descaminhos do romance”, *O Primeiro de Janeiro*, 14 mai. 1947, p.3.

“A propósito de Pablo Neruda”, *O Primeiro de Janeiro*, 22 out. 1947, p.3.

“O lugar de Junqueiro”, *O Primeiro de Janeiro*, 19 nov. 1947, p.3.

“A cultura e os aprendizes de feiticeiro”, *O Primeiro de Janeiro*, 14 jan. 1948, p.3.

“O verdadeiro bárbaro”, *O Primeiro de Janeiro*, 7 jul. 1948, p.3.

“Retrato de Ribeiro Couto”, *O Primeiro de Janeiro*, 21 jul. 1948, p.3.

“O editor – inimigo número um da literatura”, *O Primeiro de Janeiro*, 4 ago. 1948, p.3.

“Do surrealismo ao existencialismo”, *O Primeiro de Janeiro*, 29 set. 1948, p.3.

“O surrealismo contra a literatura”, *O Primeiro de Janeiro*, 3 nov. 1948, p.3.

“O romancista, filósofo do homem comum”, *O Primeiro de Janeiro*, 11 mai. 1949, p.3.

Diário de Lisboa – Suplemento Literário²²²

²²² O S.L. do *Diário de Lisboa* começou a ser publicado em 30 de novembro de 1934, tendo-se prolongado pela década de 1930. Mas, segundo Daniel Pires (1996, 349), o suplemento “deverá ter sido suspenso com o eclodir da guerra que agravou de sobremaneira o preço do papel”. Ainda, segundo Pires (1986, p.308), a partir de 1958, o jornal reiniciou com a publicação do suplemento,

“Adolfo Casais Monteiro – director da *Presença*, afirma que a literatura moderna revela um humanismo criacionista”, *Diário de Lisboa*, n.º15, Mar.1935, p.7.

“Morte e transfiguração”, *Diário de Lisboa*, n.º24, Mai.1935, p.5.

“No 2.º aniversário da morte do poeta – o exemplo de Fernando Pessoa”, *Diário de Lisboa*, n.º128, Dez.1937, p.2.

“Rectificando uma afirmação extravagante do sr. Tomaz Ribeiro Colaço”, *Diário de Lisboa*, n.º162, Ago.1938, p.3.

“Três revoluções literárias”, *Diário de Lisboa*, n.º12598, 3 Jan.1958, p.1/2.

“Abstracções confortáveis”, *Diário de Lisboa*, n.º12612, 17 Jan.1958, p.1/7.

“O século das luzes e o espírito histórico”, *Diário de Lisboa*, n.º12602, Jan.1958, p.1/2.

“Mistério da crítica”, *Diário de Lisboa*, n.º12615, Jan.1958, p.1/2.

Diário popular²²³:

“Os poetas contra a poesia”, *Diário popular*, n.º28, Out.1942, p.3.

“Miguel Torga – *Rua*, novelas e contos - Coimbra”, *Diário popular*, n.º48, Out.1942, p.9.

“A voz que desperta”, *Diário popular*, n.º57, Nov.1942, p.3.

“Uma poesia esquecida de Fernando Pessoa”, *Diário popular*, n.º78, Dez.1942, p.5/8.

“Livros novos: Marques Gastão – *Joana e Gabirú*: dois símbolos na obra de Raul Brandão”, *Diário popular*, n.º92, Dez.1942, p.4.

“Relance pelas revistas portuguesas”, *Diário popular*, n.º92, Dez.1942, p.4/15.

“Carlos Sombrio – *O meu romance*”, *Diário popular*, n.º100, Jan.1943, p.5/8.

“Duas poesias de Jorge de Sena”, *Diário popular*, n.º104, Jan.1943, p.5.

então intitulado “Vida literária e artística”, que se prolongou pelos anos 60 e, posteriormente, o “Suplemento literário”, publicado na década de 1960 e primeira metade da de 70. Obs.: Foram consultados, até o momento, os números de novembro de 1934 a dezembro de 1939 e de janeiro de 1958.

²²³Foram consultados, até então, os anos de 1942 a 1944. A respeito do referido jornal, escreve Casais em novembro de 1942: “O *Diário Popular* tem agora uma página literária, que é mais ou menos dirigida por mim, ou antes, que está a ser feita com a prosa que eu tenho tido o trabalho de reunir. Mas não a dirijo oficialmente, porque gosto mais de ficar na sombra, o que é melhor para a página e para mim” (*Cartas em família*, 2008, p.399).

“Sidónio Muralha – *Passagem de Nível* (Novo Cancioneiro)”, *Diário popular*, n.º104, Jan.1943, p.8.

“Uma carta de José Régio sobre *O príncipe com orelhas de burro*”, *Diário popular*, n.º111, Jan.1943, p.4.

“Sobre António Botto”, *Diário popular*, n.º121, Jan.1943, p.5.

“Aldous Huxley e a literatura inglesa”, *Diário popular*, n.º193, Abr.1943, p.4/10.

“João Gaspar Simões – *Caderno de romancista - ensaios*”, *Diário popular*, n.º207, Abr.1943, p.5/8.

“A geração do *Orpheu*”, *Diário popular*, n.º226, Mai.1943, p.3/4.

“*Contos e poemas e Modernos autores portugueses*, volumes organizados e editados por Carlos Alberto Lança e Francisco José Tenreiro”, *Diário popular*, n.º255, Jun.1943, p.5/11.

“Afonso Ribeiro – *Aldeia*, romance e Alves Redol – *Fanga*, romance”, *Diário popular*, n.º281, Jul.1943, p.3.

“João Pedro de Andrade – A poesia da moderníssima geração (genese duma atitude poética), ensaio”, *Diário popular*, n.º297, Jul.1943, p.5.

“Centenário de Eça de Queiroz”, *Diário popular*, n.º297, Jul.1943, p.5.

“Divulgação da literatura portuguesa no Brasil”, *Diário popular*, n.º304, Jul.1943, p.5.

“João Pedro de Andrade – A poesia da moderníssima geração (conclusão)”, *Diário popular*, n.º311, Ago.1943, p.4/8.

“A moral da *República das Letras*”, *Diário popular*, n.º311, Ago.1943, p.4/5.

“Ainda sobre a moral da *República das Letras*”, *Diário popular*, n.º318, Ago.1943, p.5.

“António Madeira *O Barão* (novelas)”, *Diário popular*, n.º339, Set.1943, p.4.

“Manuel do Nascimento *Eu queria viver!* (romance)”, *Diário popular*, n.º339, Set.1943, p.4/8.

“Uma carta de Fernando Pessoa”, *Diário popular*, n.º346, Set.1943, p.4/8.

“Arte, ideias e intenções perante a crítica literária”, *Diário popular*, n.º359, Set.1943, p.7/28.

“O livro e o editor Eça de Queiroz”, *Diário popular*, n.º373, Out.1943, p.4/9.

“Baudelaire – um estudo”, *Diário popular*, n.º395, Out.1943, p.4.

Fradique:

“*Cartas inéditas de António Nobre – Resposta a uma anotação literária*”, *Fradique*, n.º87, 3 Out.1935.

Horizonte:

“Crítica tendenciosa”, n.º8, 13 Jun.1942, p.6.

Revista ***Litoral:***

“Acção de graças” e “Fragmento do poema ‘Europa’”, n.º6, Jan.-Fev. 1945, pp.149-52.

Movimento – Quinzenário cinematográfico:

“Cinema, mundo do instante”, *Movimento*, n.º3, Ago.1933, pp.7-9.

“O cinema e a miopia nacionalista”, *Movimento*, n.º6, Set.1933, pp.3-4.

“Apologia do cinema que se vê e ouve”, *Movimento*, n.º10, Nov.1933, p.6.

“O Cinema à conquista da liberdade”, *Movimento*, n.º12, Dez.1933, p.8.

“Cinema: arte ou espetáculo?”, *Movimento*, n.º16/17, Fev.1934, p.38.

“Cinema, mundo do instante”, *Movimento*, n.º3, Ago.1933, pp.7-9.

“O cinema ao serviço duma classe”, *Movimento*, n.º20, Abr.1934, p.8.

“*Douro, Faina Fluvial – Filme de Vanguarda!*”, *Movimento*, n.º21, 1934, pp.14-15.

Mundo Literário – Semanário de Crítica e Informação Literária, Científica e Artística:

“A Crítica, a História e o Homem”, *Mundo Literário*, n.º1, Mai.1946, p.1-2.

“A mais bela aventura”, *Mundo Literário*, n.º4, Jun.1946, p.7/14.

“Valores humanos e valores estéticos”, *Mundo Literário*, n.º6, Jun.1946, p.1/16.

“Nota sobre Franz Kafka”, *Mundo Literário*, n.º8, Jun.1946, p.6.

- “Guernica”, *Mundo Literário*, n.º10, Jun.1946, p.7.
- “Considerações gerais sobre o espírito de uma exposição”, *Mundo Literário*, n.º11, Jul.1946, p.1/8.
- “Estes dias tumultuosos”, *Mundo Literário*, n.º12, Jul.1946, p.10.
- “O Juízo Estético”, *Mundo Literário*, n.º16, Ago.1946, p.1-2.
- “Cinema –Camões”, *Mundo Literário*, n.º25, Out.1946, p.10.
- “Cinema –Camões”, *Mundo Literário*, n.º26, Nov.1946, p.11.
- “Portugal à vôo de...papagaio”, *Mundo Literário*, n.º27, Nov.1946, p.4.
- “Sobre os desenhos de Júlio”, *Mundo Literário*, n.º31, Dez.1946, p.1/16.
- “Panorama da literatura portuguesa”, *Mundo Literário*, n.º35, Jan.1947, p.2.
- “Fernando Namora, *Minas de San Francisco*, romance”, *Mundo Literário*, n.º36, Jan.1947, p.8.
- “Teatro – Segundoespetáculo essencialista do Teatro-Estúdio do Salitre”, *Mundo Literário*, n.º39, Fev.1947, p.12.
- “Apresentação de Henri Michaux”, *Mundo Literário*, n.º44, Mar.1947, p.3.
- “Pseudo-Mistificação – A propósito de *O mundo é um manicómio*”, *Mundo Literário*, n.º49, Abr.1947, p.13.

Notícias do Bloqueio – Fascículos de Poesia:

- “Parte III do poema Europa”, *Notícias do Bloqueio*, n.º2, Jul.1957.

O Diabo:

- “A voz da inconsciência – Carta ao senhor Carlos de Passos sobre a semelhança da escova de dentes com o elefante”, *O Diabo*, n.º26, Dez.1934, p.8.
- “Epitáfio para o túmulo do Sr. Carlos de Passos”, *O Diabo*, n.º33, Fev.1935, p.5.
- “Carta amável ao Sr. Fernando Pampulha, acerca dos grandes e horríveis crimes da poesia moderna”, *O Diabo*, n.º42, Abr.1935, p.5.
- “Sobre o que a arte é, e sobre algumas coisas que não poderá ser”, *O Diabo*, n.º51, Jun.1935, p.8.
- “O Romance Contemporâneo”, *O Diabo*, n.º105, Jun.1936, p.16.

“Para um verdadeiro intercâmbio cultural lusobrasileiro”, *O Diabo*, n.º130, Dez.1936, p.1.

“Introdução à leitura dos poetas modernos I”, *O Diabo*, n.º132, Jan.1937, p.8.

“Introdução à leitura dos poetas modernos II”, *O Diabo*, n.º133, Jan.1937, p.3.

“Uma grande romancista inglesa – sobre *Intempéries* de Rosamond Lehmann”, *O Diabo*, n.º138, Fev.1937, p.2.

“Figuras do Novo Brasil – *Jubiabá*, romance de Jorge Amado I”, *O Diabo*, n.º142, Mar.1937, p.2.

“Figuras do Novo Brasil – *Jubiabá*, romance de Jorge Amado II”, *O Diabo*, n.º145, Abr.1937, p.2.

“*Outono*, de Manuel Fragoso, no Trindade”, *O Diabo*, n.º226, Jan.1939, p.8.

“A propósito da representação de *The Rivals*, de Sheridan, pela Companhia inglesa Old Vic”, *O Diabo*, n.º228, Fev.1939, p.8.

“*Man and Superman*, de Bernard Shaw, pela Companhia inglesa The Old Vic”, *O Diabo*, n.º229, Fev.1939, p.4.

“*A nódoa negra*, de André Birabeau, tradução de Fernando Santos e Alvaro Santos/Breves notas a propósito de *Cada um em sua casa*” – *Jubiabá*, romance de Jorge Amado I”, *O Diabo*, n.º233, Mar.1939, p.5.

“*O sacrificado*, no Avenida”, *O Diabo*, n.º237, Abr.1939, p.8.

“*A vida é o dia de hoje* – Poemas por Alberto de Serpa”, *O Diabo*, n.º239, Abr.1939, p.2/6.

“Felicidade, Felicidade... (Sobre algumas ingenuidades dum idealista)”, *O Diabo*, n.º297, Jun.1940, p.1.

Revista *A Ordem* – Órgão do Centro Dom Vital:

“Presença de Mário de Andrade”, *A Ordem*, n.º3, Mar.1955, p.34-6.

***Correio da Manhã* (Rio de Janeiro):**

“Um novo Cesário Verde”, *Correio da Manhã*, Mar.1948, p.25.

“Supervielle e Valery”, *Correio da Manhã*, Mai.1948, p.34.

“Apologia do romance português”, *Correio da Manhã*, Jun.1948, p.36.

“Uma literatura à medida do homem”, *Correio da Manhã*, Abr.1949, p.33.

“O surrealismo contra a literatura”, *Correio da Manhã*, Mai.1949, p.11.

“Morte e ressurreição da literatura”, *Correio da Manhã*, Jun.1949, p.12.

“Do saudosismo ao modernismo: um poeta isolado, António de Sousa”, *Correio da Manhã*, 26 Abr.1952, p.13.

“Fernando Pessoa desfigurado”, *Correio da Manhã*, 10 Mai.1952, p.12.

“Entrevista com Adolfo Casais Monteiro”, *Correio da Manhã*, 12 Ago.1952, p.2.

“A revolução continua”, *Correio da Manhã*, 13 Nov.1954, p.8.

“Quem é Almada Negreiros”, *Correio da Manhã*, 27 Nov.1954, p.8.

“Sartre, com e sem existencialismo”, *Correio da Manhã*, 11 Dez.1954, p.8.

“Presença de Mário de Andrade”, *Correio da Manhã*, 26 Dez.1954, p.20.

“Arte e demagogia”, *Correio da Manhã*, 15 Jan.1955, p.8.

“Garrett e o Frei Luiz de Souza”, *Correio da Manhã*, 29 Jan.1955, p.8.

“Utilidade, moral e poesia”, *Correio da Manhã*, 12 Fev.1955, p.8.

“Mediocridade de Eça de Queiroz?”, *Correio da Manhã*, 26 Fev.1955, p.8.

“Reflexões sobre a crítica”, *Correio da Manhã*, 19 Mar.1955, p.8.

“Poder de choque da arte moderna”, *Correio da Manhã*, 16 Abr.1955, p.8.

“Mário de Andrade”, *Correio da Manhã*, 7 Mai.1955, p.8.

“A misteriosa realidade”, *Correio da Manhã*, 21 Mai.1955, p.8.

“Será possível vulgarizar sem adulterar?”, *Correio da Manhã*, 4 Jun.1955, p.13.

“A supertição da forma”, *Correio da Manhã*, 15 Jun.1955, p.8.

“Obras-primas nacionais?”, *Correio da Manhã*, 2 Jul.1955, p.10.

“*Os mandarins*”, *Correio da Manhã*, 16 Jul.1955, p.10.

“O surrealismo e nós”, *Correio da Manhã*, 20 Ago.1955, p.8.

“Situação do modernismo”, *Correio da Manhã*, 12 Nov.1955, p.9.

“O mistério da poesia”, *Correio da Manhã*, 26 Nov.1955, p.9.

“Arte e boas intenções”, *Correio da Manhã*, 24 Dez.1955, p.11.

“Sentir e compreender a arte”, *Correio da Manhã*, 4 Fev.1956, p.8.

“Caracterização da *Presença*”, *Correio da Manhã*, 18 Fev.1956, p.8.

“Em defesa dos poetas portugueses”, *Correio da Manhã*, 14 Abr.1956, p.8.

“Abstrações confortáveis”, *Correio da Manhã*, 28 Abr.1956, p.7.

“Níveis literários e evolução social”, *Correio da Manhã*, 12 Mai.1956, p.8.

“Crítica e ciência”, *Correio da Manhã*, 26 Mai.1956, p.8.

“Cultura e diplomacia”, *Correio da Manhã*, 23 Jun.1956, p.8.

“Literatura nossa e alheia”, *Correio da Manhã*, 21 Jul.1956, p.8.

“Integrar o universal no cerne da paisagem”, *Correio da Manhã*, 8 Set.1956, p.8.

“Traduções para a mesma língua”, *Correio da Manhã*, 22 Set.1956, p.8.

“Cultura e interesse editoriais”, *Correio da Manhã*, 6 Out.1956, p.8.

“Um filósofo e a crítica científica”, *Correio da Manhã*, 20 Out.1956, p.9.

“Cantar as emoções que não se tem”, *Correio da Manhã*, 24 Nov.1956, p.9.

“Irene Lisboa”, *Correio da Manhã*, 8 Dez.1956, p.9.

“As contradições de Antero”, *Correio da Manhã*, 5 Jan.1957, p.9.

“Diversidade e cultura”, *Correio da Manhã*, 19 Jan.1957, p.9.

“Novo mundo, velha cultura”, *Correio da Manhã*, 2 Fev.1957, p.9.

“Ilusão da crítica: dividir para aprofundar”, *Correio da Manhã*, 23 Mar.1957, p.9.

“Razão e sensibilidade na crítica”, *Correio da Manhã*, 27 Abr.1957, p.9.

“Cultura e partido único na Hungria”, *Correio da Manhã*, 1 Jun.1957, p.9.

“Desconcertos da cronologia”, *Correio da Manhã*, 22 Jun.1957, p.9.

“Aquela luminosa Espanha”, *Correio da Manhã*, 20 Jul.1957, p.9.

“Cesário Verde e o realismo”, *Correio da Manhã*, 17 Ago.1957, p.9.

“Sobre o medievalismo dos românticos”, *Correio da Manhã*, 31 Ago.1957, p.10.

“A voz humana e a poesia”, *Correio da Manhã*, 14 Set.1957, p.9.

“Crítica e cultura geral”, *Correio da Manhã*, 19 Out.1957, p.10.

“Para a história da *Presença*”, *Correio da Manhã*, 16 Nov.1957, p.9.

“Dois ritmos de vida na literatura portuguesa”, *Correio da Manhã*, 30 Nov.1957, p.9.

“Meios e fins da literatura”, *Correio da Manhã*, 4 Jan.1958, p.9.

“Os mistérios do real”, *Correio da Manhã*, 18 Jan.1958, p.9.

“Os mistérios do real”, *Correio da Manhã*, 25 Jan.1958, p.10.

“A propósito dum despropósito”, *Correio da Manhã*, 1 Fev.1958, p.9.

“O gosto da palavra”, *Correio da Manhã*, 22 Fev.1958, p.8.

“Desencontros literários luso-brasileiros”, *Correio da Manhã*, 9 Mar.1958, p.9.

“O poeta Afonso Duarte”, *Correio da Manhã*, 22 Mar.1958, p.9.

“Porque a mocidade não lê”, *Correio da Manhã*, 26 Abr.1958, p.9.

“Quixotismo e crítica literária”, *Correio da Manhã*, 17 Mai.1958, p.9.

“Duas nações, uma cultura”, *Correio da Manhã*, 31 Mai.1958, p.9.

“O exemplo de Rouault”, *Correio da Manhã*, 14 Jun.1958, p.9.

“Os desvãos do realismo”, *Correio da Manhã*, 28 Jun.1958, p.9.

“O problema do ensino”, *Correio da Manhã*, 12 Jul.1958, p.9.

“Teatro, impuro e simples”, *Correio da Manhã*, 19 Jul.1958, p.9.

“Críticos, criadores e outros”, *Correio da Manhã*, 16 Ago.1958, p.9.

“Impropriedades críticas”, *Correio da Manhã*, 30 Ago.1958, p.9.

“Mais um andar para a torre...”, *Correio da Manhã*, 13 Set.1958, p.9.

“O romanesco da derrota na *Educação Sentimental*”, *Correio da Manhã*, 25 Out.1958, p.9.

“Mais fundo do que a emoção”, *Correio da Manhã*, 8 Nov.1958, p.9.

“A situação paradoxal da crítica”, *Correio da Manhã*, 22 Nov.1958, p.9.

“A difícil autenticidade”, *Correio da Manhã*, 8 Dez.1958, p.10.

“A inviável objectividade da crítica”, *Correio da Manhã*, 20 Dez.1958, p.11.

“O deslinde estilístico”, *Correio da Manhã*, 3 Jan.1959, p.11.

“Do homem ao autor”, *Correio da Manhã*, 17 Jan.1959, p.10.

“Graciliano sem Nordeste”, *Correio da Manhã*, 31 Jan.1959, p.11.

“A confissão de Graciliano”, *Correio da Manhã*, 28 Fev.1959, p.11.

“Uma antologia dos novíssimos”, *Correio da Manhã*, 27 Mar.1959, p.8.

“Dois contistas”, *Correio da Manhã*, 11 Abr.1959, p.11.

“Poesia em fascículos, e outras coisas”, *Correio da Manhã*, 25 Abr.1959, p.8.

“Um’ Fernando Pessoa”, *Correio da Manhã*, 16 Mai.1959, p.8.

“O ensino da literatura”, *Correio da Manhã*, 6 Jun.1959, p.8.

“José Rodrigues Migueis”, *Correio da Manhã*, 20 Jun.1959, p.8.

“Um contista goiano”, *Correio da Manhã*, 4 Jul.1959, p.8.

“A perigosa enumeração”, *Correio da Manhã*, 8 Ago.1959, p.8.

“Impressionismo?”, *Correio da Manhã*, 15 Ago.1959, p.10.

“Transições”, *Correio da Manhã*, 5 Set.1959, p.9.

“Sensibilidade e dogma”, *Correio da Manhã*, 5 Dez.1959, p.8.

“Um romance da vida política”, *Correio da Manhã*, 19 Dez.1959, p.7.

“O obtuário do modernismo”, *Correio da Manhã*, 30 Jan.1960, p.8.

“Um fantasma do passado”, *Correio da Manhã*, 20 Fev.1960, p.8.

“Mário de Andrade – o doente de escrupulo”, *Correio da Manhã*, 12 Mar.1960, p.8.

“Entre a cruz e a caldeirinha”, *Correio da Manhã*, 26 Mar.1960, p.8.

“No país das vaguidades”, *Correio da Manhã*, 7 Mai.1960, p.8.

“Da obra-prima nacional”, *Correio da Manhã*, 21 Mai.1960, p.8.

“Duas revoluções”, *Correio da Manhã*, 4 Jun.1960, p.9.

“Cultura a vapor”, *Correio da Manhã*, 18 Jun.1960, p.8.

“Supervielle”, *Correio da Manhã*, 2 Jul.1960, p.9.

“Sociologia da mediocridade”, *Correio da Manhã*, 30 Jul.1960, p.8.

“Ainda Sartre”, *Correio da Manhã*, 10 Set.1960, p.11

“Literatura e povo”, *Correio da Manhã*, 8 Out.1960, p.8.

“Um caminho à parte”, *Correio da Manhã*, 26 Nov.1960, p.8.

“Onde o método não basta”, *Correio da Manhã*, 17 Dez.1960, p.8.

“Em torno do valor estético”, *Correio da Manhã*, 31 Dez.1960, p.8.

“Traduzir”, *Correio da Manhã*, 14 Jan.1961, p.10.

“Euclides: História ou Literatura?”, *Correio da Manhã*, 28 Jan.1961, p.8.

“Ideologia e romance”, *Correio da Manhã*, 31 Mar.1961, p.8.

“O romance e o povo”, *Correio da Manhã*, 15 Abr.1961, p.7.

“Omissões da crítica”, *Correio da Manhã*, 29 Abr.1961, p.7.

“A impossível História da Literatura”, *Correio da Manhã*, 13 Mai.1961, p.8.

“Angola no romance português”, *Correio da Manhã*, 3 Jun.1961, p.8.

“A exceção e a mediana”, *Correio da Manhã*, 24 Jun.1961, p.8.

“A crítica de sempre e as outras”, *Correio da Manhã*, 22 Jun.1961, p.9.

“Sobre Supervielle e um suposto mito”, *Correio da Manhã*, 19 Ago.1961, p.8.

“Singularidades da crítica”, *Correio da Manhã*, 2 Set.1961, p.8.

“A poesia de 22”, *Correio da Manhã*, 16 Set.1961, p.8.

“O espírito de 22”, *Correio da Manhã*, 30 Set.1961, p.8.

“Situação da poesia”, *Correio da Manhã*, 21 Out.1961, p.8.

“Avanço ou recuo concretista”, *Correio da Manhã*, 4 Nov.1961, p.8.

“O intelectualismo de Otávio de Faria”, *Correio da Manhã*, 16 Dez.1961, p.8.

“Humanidade e simplificação em *O retrato da morte*”, *Correio da Manhã*, 30 Dez.1961, p.8.

“Um modernista reticente: Ribeiro Couto”, *Correio da Manhã*, 13 Jan.1962, p.8.

“Poesia recente de Ribeiro Couto”, *Correio da Manhã*, 10 Fev.1962, p.9.

“Segredos do Alto Sertão”, *Correio da Manhã*, 9 Jun.1962, p.8.

“Quem são os críticos?”, *Correio da Manhã*, 7 Jul.1962, p.8.

“A triste condição de morto célebre”, *Correio da Manhã*, 28 Jul.1962, p.9.

“Legitimidade teórica”, *Correio da Manhã*, 10 Nov.1962, p.9.

“A poesia de Alexandre O’Neill”, *Correio da Manhã*, 9 Fev.1963, p.8.

“Rodrigues Miguéis, romancista”, *Correio da Manhã*, 4 Mai.1963, p.25.

- “Os três mundos de Aquilino”, *Correio da Manhã*, 8 Jun.1963, p.8.
- “A odisseia de Baudelaire”, *Correio da Manhã*, 22 Jun.1963, p.8.
- “Sobre a falsa oposição matéria-forma”, *Correio da Manhã*, 20 Jul.1963, p.16.
- “O primeiro dos modernos”, *Correio da Manhã*, 7 Set.1963, p.14.
- “Palavras velhas para critérios novos”, *Correio da Manhã*, 9 Nov.1963, p.14.
- “A incômoda verdade da literatura II”, *Correio da Manhã*, 15 Fev.1964, p.14.
- “Nosso mestre Fernão Lopes I”, *Correio da Manhã*, 20 Fev.1964, p.14.
- “Nosso mestre Fernão Lopes II”, *Correio da Manhã*, 4 Abr.1964, p.12.

Diário de Notícias (Rio de Janeiro) – Suplemento Literário:

- “Política e cultura”, *Diário de Notícias*, 5 Ago.1956, p.1/4.
- “Um defensor do sr. Salazar”, *Diário de Notícias*, 26 Mar.1959, p.5.
- “O livro português no Brasil”, *Diário de Notícias*, 9 Abr.1961, p.1/2.
- “Análise objetiva de *Missão em Portugal*”, *Diário de Notícias*, 7 Mai.1961, p.3/5.
- “As ‘Obras Incompletas’ de Eça de Queiroz”, *Diário de Notícias*, 28 Mai.1961, p.1.
- “As hipotéticas obras completas de Eça”, *Diário de Notícias*, 4 Jun.1961, p.3.
- “O realismo impossível”, *Diário de Notícias*, 25 Jun.1961, p.1.
- “Romance e poesia”, *Diário de Notícias*, 9 Jul.1961, p.1.
- “A Literatura e a História”, *Diário de Notícias*, 30 Jul.1961, p.3/5.
- “Inconformismo e Literatura”, *Diário de Notícias*, 10 Set.1961, p.1.
- “Quem são os intelectuais”, *Diário de Notícias*, 29 Out.1961, p.1/6.
- “Privilégio e miséria dos intelectuais”, *Diário de Notícias*, 12 Nov.1961, p.1/3.
- “As fronteiras em literatura”, *Diário de Notícias*, 17 Dez.1961, p.4/6.
- “Sobre a irresponsabilidade dos ‘responsáveis’”, *Diário de Notícias*, 4 Fev.1962, p.1/5.
- “As ‘condições’ e os ‘fatos’ como superstição”, *Diário de Notícias*, 29 Jul.1962, p.1.

Jornal do Brasil:

- “Da lei na evolução literária”, *Jornal do Brasil*, 29 Jul.1956, p.2.
- “Pré-crítica a *Montanha*”, *Jornal do Brasil*, 5 Ago.1956, p.1.
- “Em redor da *Montanha*”, *Jornal do Brasil*, 12 Ago.1956, p.7.
- “Quatro poetas portugueses modernos – apresentação e seleção de Adolfo Casais Monteiro”, *Jornal do Brasil*, 29 Jul.1956, p.2.
- “Sentido humano da literatura”, *Jornal do Brasil*, 26 Ago.1956, p.2.
- “Torga e o seu diário”, *Jornal do Brasil*, 2 Set.1956, p.2.
- “O direito de inovar”, *Jornal do Brasil*, 9 Set.1956, p.1.
- “Sobre o Estado Natural”, *Jornal do Brasil*, 16 Set.1956, p.1.
- “Sobre as revoluções literárias”, *Jornal do Brasil*, 23 Set.1956, p.1.
- “As presenças insuportáveis”, *Jornal do Brasil*, 30 Set.1956, p.1.
- “Simbolistas à força”, *Jornal do Brasil*, 7 Out.1956, p.1.
- “Simbolismo ou modernismo?”, *Jornal do Brasil*, 10 Out.1956, p.2.
- “Sobre a crítica aos poetas jovens”, *Jornal do Brasil*, 21 Out.1956, p.2.
- “Das ideias na poesia”, *Jornal do Brasil*, 28 Out.1956, p.1.
- “Música e arquitetura na poesia de Fernando Pessoa”, *Jornal do Brasil*, 4 Nov.1956, p.2.
- “Os objetivos do surrealismo”, *Jornal do Brasil*, 18 Nov.1956, p.2.
- “Mais vale compreender do que não poder explicar”, *Jornal do Brasil*, 25 Nov.1956, p.1.
- “Panúrgio e o seu espírito”, *Jornal do Brasil*, 2 Dez.1956, p.2.
- “Para a história do modernismo em Portugal”, *Jornal do Brasil*, 9 Dez.1956, p.1.
- “Tradição e revolução”, *Jornal do Brasil*, 23 Dez.1956, p.1.
- “Apontamento sobre a poesia de José Gomes Ferreira”, *Jornal do Brasil*, 6 Jan.1957, p.3.
- “Fernando Pessoa e a rotina editorial”, *Jornal do Brasil*, 20 Jan.1957, p.2.
- “Apologia da diversidade na ficção brasileira”, *Jornal do Brasil*, 27 Jan.1957, p.2.
- “Os subterrâneos da literatura”, *Jornal do Brasil*, 10 Fev.1957, p.2.

“Palavra, letras e poesia”, *Jornal do Brasil*, 17 Fev.1957, p.2.

“Exame de consciência dum crítico”, *Jornal do Brasil*, 24 Fev.1957, p.1.

“Variações sobre um tema de Mário de Andrade”, *Jornal do Brasil*, 3 Mar.1957, p.1.

“Literatura, Crítica e História”, *Jornal do Brasil*, 17 Mar.1957, p.1.

“Vida e obra”, *Jornal do Brasil*, 31 Mar.1957, p.1.

“Dizer não dizendo”, *Jornal do Brasil*, 21 Abr.1957, p.1.

“André Gide”, *Jornal do Brasil*, 12 Mai.1957, p.1.

“As metamorfoses do realismo”, *Jornal do Brasil*, 19 Mai.1957, p.1.

“Fernando Pessoa e Ezra Pound”, *Jornal do Brasil*, 26 Mai.1957, p.8.

“O ‘rural’ e o ‘urbano’ na obra de Camilo”, *Jornal do Brasil*, 2 Jun.1957, p.1.

“Sacerdotes e profetas”, *Jornal do Brasil*, 9 Jun.1957, p.1.

“Apresentação – Suplemento dedicado a Portugal”, *Jornal do Brasil*, 13 Jun.1957, p.1.

“Uma interpretação da cultura portuguesa”, *Jornal do Brasil*, 14 Jul.1957, p.1.

“Sobre a missão de Portugal”, *Jornal do Brasil*, 21 Jul.1957, p.1.

“Estilística externa e interna”, *Jornal do Brasil*, 28 Jul.1957, p.1.

“Pensar de dentro”, *Jornal do Brasil*, 11 Ago.1957, p.1.

“Meditação sobre a modernidade”, *Jornal do Brasil*, 18 Ago.1957, p.10.

“Comentários de comentários”, *Jornal do Brasil*, 1 Set.1957, p.10.

“Três revoluções literárias”, *Jornal do Brasil*, 8 Set.1957, p.4.

“Poemas de António Ramos Rosa”, *Jornal do Brasil*, 15 Set.1957, p.11.

“Lições da IV Bienal”, *Jornal do Brasil*, 29 Set.1957, p.6.

“Lições da IV Bienal II”, *Jornal do Brasil*, 4 Out.1957, p.6.

“Ainda os clássicos ‘Nossos’ e ‘Deles’”, *Jornal do Brasil*, 10 Nov.1957, p.1.

“Forma e Formalismo”, *Jornal do Brasil*, 17 Nov.1957, p.6.

“Cultura e espírito nacional”, *Jornal do Brasil*, 8 Dez.1957, p.6.

“Um Camilo invulgar”, *Jornal do Brasil*, 15 Dez.1957, p.4.

“Verdade, História e Literatura ”, *Jornal do Brasil*, 12 Jan.1958, p.6.

“Vocação para a crítica”, *Jornal do Brasil*, 17 Jan.1958, p.3.

“Literatura e Sociedade”, *Jornal do Brasil*, 8 Fev.1958, p.3.

“Preciosismo no Sertão”, *Jornal do Brasil*, 15 Fev.1958, p.3.

“Guimarães Rosa não é escritor regionalista”, *Jornal do Brasil*, 8 Mar.1958, p.3.

“O Quinze: uma obra para sempre”, *Jornal do Brasil*, 15 Mar.1958, p.3.

“Ainda sobre Raquel de Queirós”, *Jornal do Brasil*, 22 Mar.1958, p.3.

“Fronteiras e gerações na literatura”, *Jornal do Brasil*, 29 Mar.1958, p.3.

“Uma malfeitoria (literária) útil”, *Jornal do Brasil*, 12 Abr.1958, p.3.

“O evasivo romance”, *Jornal do Brasil*, 26 Abr.1958, p.3.

“Romance urbano e romance rural”, *Jornal do Brasil*, 10 Mai.1958, p.3.

“Fernando Namora e a cidade”, *Jornal do Brasil*, 17 Mai.1958, p.3.

“A difícil verdade romanesca ”, *Jornal do Brasil*, 24 Mai.1958, p.3.

“Pseudo-problemas do romance português”, *Jornal do Brasil*, 31 Mai.1958, p.3.

“O escritor ‘participante’”, *Jornal do Brasil*, 7 Jun.1958, p.3.

“Fernando Pessoa e o preconceito da ordem”, *Jornal do Brasil*, 14 Jun.1958, p.3.

“Estilo a mais e a menos”, *Jornal do Brasil*, 21 Jun.1958, p.3.

“Um falso precursor”, *Jornal do Brasil*, 12 Jul.1958, p.3.

“Uma teoria que não tem prática”, *Jornal do Brasil*, 19 Jul.1958, p.3.

“A arte entre Freud e Jung”, *Jornal do Brasil*, 26 Jul.1958, p.3.

“Estilo”, *Jornal do Brasil*, 2 Ago.1958, p.3.

“John dos Passos”, *Jornal do Brasil*, 9 Ago.1958, p.3.

“Fernando Lopes Graça”, *Jornal do Brasil*, 17 Ago.1958, p.8.

“Nem só de fichas vive o homem”, *Jornal do Brasil*, 23 Ago.1958, p.3.

“Uma história da *Presença*”, *Jornal do Brasil*, 30 Ago.1958, p.3.

“As verdades inconciliáveis”, *Jornal do Brasil*, 13 Set.1958, p.3.

“O atrevido academismo”, *Jornal do Brasil*, 14 Set.1958, p.8.

“Relendo Teixeira Gomes”, *Jornal do Brasil*, 20 Set.1958, p.3.

Revista do Livro (Rio de Janeiro):

“Tentativa de síntese da poesia portuguesa”, *Revista do Livro*, n.ºs 1 e 2, Jun.1956, p.35-41.

O Globo – Quinzenário estudos, vulgarização cultural, crítica:

“Segredo e aparência da arte”, *O Globo*, n.º26, Jun.1944, p.1.

“Saber quem somos”, *O Globo*, n.º27, Jul.1944, p.1.

“Sobre as *Obras Completas de Fernando Pessoa* – II Poesias de Álvaro de Campos”, *O Globo*, n.º27, Jul.1944, p.4.

“Cartas e Poesias inéditas de Fernando Pessoa”, *O Globo*, n.º28, Ago.1944, p.5.

“Poesia – 3 poemas de Adolfo Casais Monteiro”, *O Globo*, n.º29, Ago.1944, p.5.

“Crítica da crítica”, *O Globo*, n.º30, Set.1944, p.12.

“Quando a cultura está em perigo”, *O Globo*, n.º32, Out.1944, pp.6-7.

Obs: Nota do jornal, Lisboa, 15 de outubro de 1944, Ano II, p.1:

“Aos leitores de *O Globo*

Motivos independentes do espírito que tem presidido à orientação de *O Globo* a partir do número 23, fazem com que não possamos contar, na nossa Redacção, desde o número 32 com a cooperação do Dr. Adolfo Casais Monteiro, que desde aquele número assumira a responsabilidade pela orientação cultural e literária deste quinzenário.

Deixam, igualmente, de colaborar em *O Globo*: Jaime Casimiro, Jorge de Sena e Antonio Dacosta, que durante igual período pertenceram à Redacção.”

O Tempo e o Modo – revista de pensamento e acção:

“Três poemas de Adolfo Casais Monteiro: Puro e simples; Calendário da inocência; O castelo”, *O Tempo e o Modo*, 1ª série, n.º24, Fev.1965, pp.197-98.

“Tendências predominantes da crítica”, *O Tempo e o Modo*, 1ª série, n.º38-39, Mai.-Jun.1966, pp.631-36.

“A literatura portuguesa no Brasil”, *O Tempo e o Modo*, Caderno especial n.º1, Jun.1967, pp.8-11.

“Teoria da Impessoalidade: Fernando Pessoa e T. S. Eliot”, *O Tempo e o Modo*, n.º68, Fev.1969, pp.204-9.

Portucale – Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística:

“Divagação a propósito de algumas palavras imprecisas”, *Portucale*, n.º33, Mai-Jun.1933, pp.98-108.

“Uma geração que desperta (Sobre alguns anos de actividade “neo-humanista”)”, *Portucale*, n.ºs10-11, Jul-Out.1947, pp.145-50.

“Cor do Tempo; Acto de contrição; Agulha de marear; A salvação do mundo; e Pobre palavra vã [versos]”, *Portucale*, n.º15, Mai-Jun.1948, pp.85-9.

“Princípio e Fim; Um Lugar ao Sol; Poeta; A Última Trincheira; Não queiras ler o destino; Movimento perpétuo; Nua; A canção Auroral; Os Condenados; Metafísica; Calor da Vida; A Vida Inteira [versos]”, *Portucale*, n.ºs16-17, Jul-Out.1948, p.165-171.

“Ode a Gomes Leal; Tango; Pégaso [versos]”, *Portucale*, n.º18, Nov-Dez.1948, pp.244-46.

“Presença actual dos escritores d’A *Águia* – de António de Portucale a António de Sousa (A propósito do seu *Livro de Bordo*)”, *Portucale*, n.ºs1-2, 3ª série, pp.76-80.

“A propósito dum centenário – Garrett e o *Frei Luis de Sousa*”, *Portucale*, n.º3, Primavera 1955, 3ª série, pp.171-73.

Presença – folha de arte e crítica:

“Sobre Eça de Queirós”, *Presença*, n.º17, Dez.1928, pp.1/11.

“Poemas: Viagem. Mais longe... Jazz. Trapézio. O que foge...”, *Presença*, n.º19, Fev.-Mar. 1929, p.4.

“Espetáculo. Castelos tombados. Abandono. Fantasia.”, *Presença*, n.º20, Abr.-Mai.1929, p.3.

“Mário de Sá Carneiro”, *Presença*, n.º21, Jun.-Ago.1929, pp.2-3.

“Benjamín Jarnés”, *Presença*, n.º22, Set.-Nov.1929, pp.9-12.

“Pingas de chuva. Canção doente”, *Presença*, n.º23, Dez.1929, p.3.

“2 notas de cinema: *A queda da casa Usher*, por Jean Epstein; *Thérèse Raquin*, por Jacques Feyder”, *Presença*, n.º26, Abr.-Mai.1930, p.14.

“Mais além da poesia pura”, *Presença*, n.º28, Ago.-Out.1930, pp.5-7.

“Disponibilidade. Inocência. Pausa. Excesso de velocidade. Imoralidade. Ressurreição. Eco.”, *Presença*, n.º29, Nov.-Dez.1930, p.12.

“Segunda exposição dos alunos das Belas Artes, no Porto”, *Presença*, n.º31/32, Mar.- Jun.1931, p.28.

“Cartas inéditas de António Nobre”, *Presença*, n.º33, Jul.- Out.1931, p.4.

“Intimidade.”, *Presença*, n.º33, Jul.- Out.1931, p.8.

“Notas sobre poetas novos do Brasil: I – Ribeiro Couto. II – Manuel Bandeira”, *Presença*, n.º34, Nov.- Fev.1932, pp.14-15.

“O homem Goethe”, *Presença*, n.º35, Mar.-Mai.1932, pp.6-8.

“Crítica: *Acrónios*, poemas de Luiz Pedro”, *Presença*, n.º35, Mar.-Mai.1932, pp.18-9.

“Exorcismos contra o nefelibatismo: Domínio. Aço. Desfloramento. Profecia.”, *Presença*, n.º36, Nov.1932, p.4.

“O que Alfredo Pimenta pensa da cultura, e o que nós pensamos da cultura de Alfredo Pimenta”, *Presença*, n.º37, Fev.1933, pp.15-6.

“A realidade poética”, *Presença*, n.º38, Abr.1933, pp.2-3.

“Crítica: *Litoral*, versos de João Cabral do Nascimento; *Novos sonetos*, versos de Sidonio Miguel”, *Presença*, n.º39, Jul.1933, pp.13-4.

“Crítica: *Estudos críticos*, por Castelo Branco Chaves”, *Presença*, n.º40, Dez.1933, p.12-3.

“Primeiro e segundo capítulos do ensaio *Os caminhos da verdade*: I - da fabricação dos mitos; II - o mito da “verdade” e a mentira necessária”, *Presença*, n.º41/42, Mai.1934, pp.6-8.

“*O Anjo* por Jorge de Lima”, *Presença*, n.º43, Dez.1934, p.13.

“Panorama da poesia italiana de hoje, por Lionello Fiumi e tradução de Adolfo Casais Monteiro”, *Presença*, n.º44, Abr.1935, p.6-7.

“Poemas: *Culpa*. Um canto, de Aldo Capasso. Versão de Adolfo Casais Monteiro”, *Presença*, n.º44, Abr.1935, p.8.

“2 poetas italianos de vanguarda: Lionello Fiumi e Aldo Capasso”, *Presença*, n.º44, Abr.1935, p.9-10.

“Crítica: *Soluções críticas*, por Manuel Anselmo”, *Presença*, n.º44, Abr.1935, pp.15-6.

“Introdução a *Um ensaio sobre a poesia de Jules Supervielle*”, *Presença*, n.º45, Jun.1935, pp.12-4.

“*As pupilas do senhor reitor*, filme de Leitão de Barros”, *Presença*, n.º45, Jun.1935, pp.17-8.

“Crítica: *Varanda*, poemas de Alberto de Serpa”, *Presença*, n.º45, Jun.1935, p.18-9.

“Poemas de Lionello Fiumi: Poesia. Trapézio. Intrusa (tradução de Adolfo Casais Monteiro)”, *Presença*, n.º46, Out.1935, p.2.

“Henri Michaux”, *Presença*, n.º47, Dez.1935, p.2.

“Comentário: o sr. dr. Agostinho de Campos e a poesia “utilitária””, *Presença*, n.º47, Dez.1935, pp.18-9.

“*Desaparecido*, poemas de Carlos Queiroz. *Poemas de Narciso*, de Marques Matias”, *Presença*, n.º47, Dez.1935, pp.21-3.

“Sobre a carta que antecede”, *Presença*, n.º49, Jun.1937, pp.5-6.

“Comentário: Burro velho não toma andadura”, *Presença*, n.º49, Jun.1937, pp.12-13.

“Um capítulo dum romance: *Madrugada*”, *Presença*, n.º50, Dez.1937, pp.5-6.

“Crítica: *História e crítica da poesia brasileira*, Edison Lins. *Pureza*, romance de José Lins do Rego”, *Presença*, n.º50, Dez.1937, pp.13-14.

“Traduções”, *Presença*, n.º51, Mar.1938, p.14.

“*As esperanças comuns* - um capítulo da primeira parte”, *Presença*, n.º52, Jul.1938, pp.2-3.

“Colecção de clássicos Sá da Costa”, *Presença*, n.º52, Jul.1938, pp.12-3.

“Poema. Fácil”, *Presença*, n.º53-54, Nov.1938, pp.23-4.

“Crítica: *Bússula doída*, romance de Aleixo Ribeiro”, *Presença*, n.º53-54, Nov.1938, pp.27-29.

“Comentário: Estado presente do intercâmbio intelectual luso-brasileiro. Sobre um pseudo órgão do intercâmbio luso-brasileiro”, *Presença*, n.º53-54, Nov.1938, pp.29-30.

“Uma caricatura involuntária do sr. Ressano Garcia paladino da cristandade”, *Presença*, 2.ª série, n.º1, Nov.1939, pp.62-3.

“A poesia de Jorge de Lima (ensaio de interpretação crítica), por Manuel Anselmo, Edição do autor, 1939”, *Presença*, 2.^a série, n.º1, Nov.1939, pp.50-52.

“Poesia – intuição e razão”, *Presença*, 2.^a série, n.º2, Fev.1940, pp.109-115.

Princípio – publicação de cultura e política:

“O intelectual e a vida”, *Princípio*, n.º1, Mai.1930, p.4.

“Um romance?”, *Princípio*, n.º2, Jun.1930, pp.8-9.

“Tagarro”, *Princípio*, n.º3, Jun.1930, p.7.

“A propósito de *Tempestade na Ásia*”, *Princípio*, n.º4, Jul.1930, pp.8-9.

Revista **Prisma**:

“Júlio”, *Prisma*, n.º3, Mar.1937, pp.153-160.

Revista de Portugal:

“A poesia de Jules Supervielle”, *Revista de Portugal*, n.º1, Out.1937, pp.59-82.

“O outro livro de Job, por Miguel Torga”, *Revista de Portugal*, n.º1, Out.1937, pp.119-21.

“Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica, por Manuel Bandeira”, *Revista de Portugal*, n.º1, Out.1937, pp.137-8.

“*Salgueiro* (1935), por Lúcio Cardoso; *Os Corumbas* (1933), por Amando Fontes; *A Bagaceira* (1928), por José Américo de Almeida”, *Revista de Portugal*, n.º1, Out.1937, pp.138-41.

“A poesia de Jules Supervielle II”, *Revista de Portugal*, n.º2, Jan.1938, pp.224-235.

“*A casa fechada*, por Vitorino Nemésio; *Aventura*, por José Osório de Oliveira; *Um fio de música*, por Rachel Bastos”, *Revista de Portugal*, n.º2, Jan.1938, pp.308-13.

“*Nove de Abril*, por António Botto”, *Revista de Portugal*, n.º2, Jan.1938, pp.315-17.

“Literatura francesa: *Les chevaliers de la table ronde*, piece en trois actes, por Jean Cocteau”, *Revista de Portugal*, n.º2, Jan.1938, pp.326-328.

“Tradução, com Alice Gomes, da *Nota sobre Umberto Saba*, de Aldo Capasso”, *Revista de Portugal*, n.º3, Abr.1938, pp.420-25.

“Manuel Bandeira”, *Revista de Portugal*, n.º3, Abr.1938, pp.425-433.

“*O amanuense Belmiro*, romance por Ciro dos Anjos”, *Revista de Portugal*, n.º3, Abr.1938, pp.477-479.

“Vozes da noite/ Terra morta/ Presença da morte - poesia”, *Revista de Portugal*, n.º4, Jul.1938, pp.572-574.

“Manuel Bandeira - continuação”, *Revista de Portugal*, n.º4, Jul.1938, pp.597-608.

“*A vida que te dei*, por António Botto”, *Revista de Portugal*, n.º4, Jul.1938, pp.615-617.

“*Le Drame de Marcel Proust*, por Henri Massis”, *Revista de Portugal*, n.º4, Jul.1938, pp.640-41.

“*Very Heaven*, de Richard Aldington”, *Revista de Portugal*, n.º4, Jul.1938, pp.641-44.

Sol Nascente:

“Simples comentário a um artigo do Sr. Dr. Abel Salazar”, *Sol Nascente*, n.º4, Mar.1937, p.4/13.

“Continuando a comentar (A propósito duma carta do Sr. Dr. Abel Salazar)”, *Sol Nascente*, n.º6, Abr.1937, pp.4-5.

“Uma carta (escrita do Aljube do Porto, bem polémica contra a direção de *O Diabo*”, *Sol Nascente*, n.º8, Mai.1937, p.11.

“Procurando evitar equívocos (carta ao Sr. Dr. Abel Salazar)”, *Sol Nascente*, n.º10, Jun.1937, pp.12-13.

“Sobre o pintor Ventura Porfírio”, *Sol Nascente*, n.º12, Ago.1937, pp.6-7.

“O senhor Júlio Dantas traiu M. ^{me} X”, *Sol Nascente*, n.º14, Set.1937, pp.5 e 15.

“*Maria Papoila*, de Leitão Barros”, *Sol Nascente*, n.º17, Out.1937, pp.8-9.

***Sudoeste* – Cadernos de Almada Negreiros:**

“Andanças do poeta solitário”, *Sudoeste*, n.º3, Nov.1935, pp.24-25.

***Távola Redonda* – Folhas de Poesia:**

“Sobre os ‘Poemas de Deus e do Diabo’”, *Távola Redonda*, n.º8, Nov.1950, p.1/7.

Variante:

“Mistério Longínquo”, *Variante*, número da primavera, 1942, p.29.

“Desenho de compasso e esquadro...”, *Variante*, número do inverno, 1943, pp.69-73.

Ver e crer:

“*Adolescentes* – O próximo romance de Casais Monteiro”, *Ver e Crer*, n.º8, Dez. 1945, pp. 99-106.

“Balzac e o seu mundo”, *Ver e Crer*, n.º57, Abr. 1950, pp. 41-47.

3. ALGUMAS DEDICATÓRIAS DE ESCRITORES BRASILEIROS A ADOLFO CASAIS MONTEIRO (antes do seu exílio no Brasil)

N. B.: palavras ou trechos não decifrados são assinalados com colchetes ([...]).

Aurelio Buarque de Hollanda

1

Dois mundos – 1942

Para Adolfo Casais Monteiro, com muita admiração,
Aurélio Buarque de Hollanda
15.1.1943

Aven. Atlântica, 320 – ap 44

ou

Revista do Brasil Av. Rio Branco, 131 – 3º Rio de Janeiro

Braga Montenegro

1

Uma chama ao vento – 1946

A Adolfo Casais Monteiro, grande crítico que honra as letras portuguesas dos nossos dias, cordialmente oferece

Braga Montenegro

Fortaleza Outubro de 1946

End: Cx Postal 598

Fortaleza - Ceará - Brasil

Cassiano Ricardo

1

A face perdida – 1950

A Adolfo Casais Monteiro – com alta admiração-

Cassiano Ricardo

1950

Cecília Meireles

1

Viagem – 1939

A Casais Monteiro, com a minha admiração.

Cecília

1939 - Rio

2

Retrato natural – 1949

A Casais Monteiro, com a admiração muito cordial de Cecília Meireles
Maio, 1949.

Graciliano Ramos

1

Vidas secas – 1947

A Adolfo Casais Monteiro remeto, suponho que pela segunda vez, esta coisa velha, desarrumada.

Graciliano Ramos

Rio - 1947

2

Insônia – 1947

Adolfo Casais Monteiro: numa dedicatória-bilhete, V. me pediu coisas novas. O que tenho de mais novo é isto, umas histórias bem [...].

Abraços.

Graciliano Ramos

Rio - 1947

3

Caetés – 1947

A Adolfo Casais Monteiro envio esta horrível [...], reeditada porque os tempos aqui estão [...].

Graciliano Ramos

Rio - 1947

4

S. Bernardo – 1947

Para Adolfo Casais Monteiro, com a muita sincera admiração de
Graciliano Ramos

Rio - 1947

5

Angústia – 1947

Graciliano Ramos a Adolfo Casais Monteiro

Rio - 1947

Haroldo de Campos

1

Auto do Possesso – 1950

Para Adolfo Casais Monteiro
com o apreço intelectual
de
Haroldo de Campos
S. Paulo, 6 de Abril. 50

R. Cândido Espinheira, 635
S. Paulo - Brasil.

Hilda Hilst

1

Balada de Alzira – 1951

Ao Dr Adolfo Casais Monteiro com sincera admiração
[...]
Hilda Hilst
1951

João Cabral de Melo Neto

1

O engenheiro – 1945

A Adolfo Casais Monteiro, homenagem de João Cabral de Melo Neto
Rio, 1945

Jorge de Lima

1

Poemas escolhidos – 1932

Abraço fraternalmente a Adolfo Casais Monteiro - ofereço-lhe “Poemas Escolhidos”
com a minha grande admiração.
Jorge de Lima

Rio, 20-10-33
Rua Alcindo Guanabara
15 A
(8º)
Rio de Janeiro.

2

O anjo – 1934

Ao Adolfo Casais Monteiro, admiração, apreço
Jorge de Lima
4.4.34
Rua Alcindo Guanabara 15 A (8º) Rio

3

A túnica inconsútil – 1938

Ao Adolfo Casais Monteiro – grande poeta, grande crítico, grande amigo,
fraternalmente: Jorge de Lima
23.8.38.

4

Poemas – 1939

Adolfo Casais Monteiro, recebi ‘Presença’; muito agradeço as referências. Então,
que silêncio foi este? Daqui - um abraço votivo de feliz ano-novo, e as homenagens
ao seu alto espírito:
Jorge de Lima
9.1.40

5

Livro de sonetos – 1949

Ao muito querido Adolfo Casais Monteiro, fraternalmente.
Jorge de Lima
Rio de Janeiro, 21.1.50

José Lins do Rego

1

O moleque Ricardo – 1935

Para Adolfo Casais Monteiro com a admiração de
José Lins do Rego

2

Pureza – 1937

Para Adolfo Casais Monteiro com um grande abraço [...] de
José Lins do Rego

3

Pedra bonita – 1938

Para Adolfo Casais Monteiro, crítico que se juntou ao poeta admiravelmente, um
abraço do
José Lins do Rego
Abril de 1938.

4

Riacho doce – 1939

Ao Adolfo Casais Monteiro com a grande admiração e a [...] de
José Lins do Rego
[Ano ilegível pela tinta desbotada]

5

Bota de sete léguas – 1951

Para Adolfo Casais Monteiro, admirável crítico, de
José Lins do Rego

6

Cangaceiros – 1953

Para o caro amigo Adolfo Casais Monteiro, com um abraço de
José Lins do Rego
1953

Lêdo Ivo

1

Linguagem – 1951

A Adolfo Casais Monteiro, com o apreço de

Lêdo Ivo

Rua Farani 61 apto.710

Botafogo - Rio

Manuel Bandeira

1

*Oração do paraninfo*²²⁴ – 1946

A Adolfo Casais Monteiro com um abraço de amizade e admiração.

Manuel Bandeira

Rio 1946.

2

*Poesias*²²⁵ – 1938

A Adolfo Casais Monteiro

oferece

Manuel Bandeira

Rio 1938

Mário de Andrade

1

Remate de males – 1939

Casais Monteiro

²²⁴ Pequeno volume com a seguinte informação na capa: “Proferida em 1945 na cerimônia de colação de grau dos bachareis da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil”, hoje denominada Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ).

²²⁵ Obra de Alphonsus de Guimaraens, mas com dedicatória de Bandeira. Edição dirigida e revista por Manuel Bandeira.

lhe mando os livros que tenho em casa, de todo o coração. Mas coração inquieto... Talvez dentre os brasileiros da minha geração nenhum esteja tão próximo dos portugueses quanto eu. Parece isto ironia no indivíduo que tanto se libertou da regra portuguesa nas suas obras e é por isso tido como o revoltado contra Portugal. Mas Osório de Oliveira poderá lhe dizer o que isso representa em mim. Nenhuma revolta. E mesmo esse gosto de diferenciação não representa psicologicamente mais um traço de amor? Estou hoje certo que sim, pois não se encontrará nessa diferenciação o mais mínimo gesto de desprezo, nem a mais mínima palavra de arrogância. Foi ainda amoresse instinto de diferenciação que leva a conhecer melhor e a conhecer-se distinto, para mais gostar, sem identificação. O amar Portugal por Portugal, por ser português, e não porque seja tradição minha.

Seu livro tem versos [...] que me encantaram. Meu desejo é que você tenha em algumas páginas dos meus o mesmo encanto que encontrei nos Poemas do Tempo Incerto²²⁶.

Muito cordialmente,

Mario de Andrade

S. Paulo XI/1934

Odorico Tavares

1

A sombra do mundo – 1939

Ao crítico e poeta Adolfo Casais Monteiro, nome a quem, no Brasil, queremos e admiramos, com um abraço cordeal de

Odorico Tavares

Endereço: Odorico Tavares

Rua 13 de maio, 86

Recife - Pernambuco

Brasil

2

Poesias – 1945

Ao crítico e poeta Adolfo Casais Monteiro, que tanto admiramos e estimamos como um dos mais entranhadamente nossos, com o maior apreço pela sua admirável obra, Odorico Tavares

Bahia – 24.1.46

²²⁶ Livro de poemas de Adolfo Casais Monteiro publicado em 1934.

Odorico Tavares - Caixa Postal, 629

Bahia - Brasil.

Paulo Hecker Filho

1

Diário – 1949

A Adolfo Casais Monteiro, homenagem sincera de
Paulo Hecker Filho
Riachuelo, 265

2

Ah! Terra. Diário em Poemas – 1950

A Adolfo Casais Monteiro, que acaba de publicar seu melhor livro - “O Romance e os seus problemas”, oferece, com um abraço de parabéns,
Paulo Hecker Filho
10.11.50

3

Na paz da lua. Contos – 1951

A Casais Monteiro
Perguntando se recebeu meus outros livros e cordialmente oferece
Paulo Hecker Filho
29.10.51

Riachuelo, 269 - P. Alegre - Brasil.

4

A vida nos braços– 1954

A Adolfo Casais Monteiro
Cordialmente
Paulo Hecker Filho
P. Alegre, 17.4.1954
(Riachuelo, 269)

Rui Ribeiro Couto²²⁷

1

Um homem na multidão: poemas – 1926

Ao admirável poeta Adolfo Casais Monteiro, [...].

Ribeiro Couto

Marselha/Abril 1931.

2

Chão de França -1935

Para Adolfo

e

Alice,

com todo o bem que

lhe quero

Ruy,

Haia nov. 1935.

3

Cabocla – 1939

Ao Adolfo Casais Monteiro,

esta mensagem das

coisas simples da minha

terra.

Ruy.

4

Cancioneiro de Dom Afonso – 1939

Ao Adolfo e à Alice,

com a amizade sem

palavras do

Ruy

Fev. 1940.

²²⁷ É de Ribeiro Couto o maior número de obras com dedicatórias encontradas na biblioteca pessoal de Adolfo Casais Monteiro, num total de 15, que vão desde 1926 até 1952.

Até breve!

5

Prima Belinha - 1940

Ao Adolfo e à Alice, este retrato ingênuo – cara-e-coroa da gente do Brasil meridional – de um lado o Rio e do outro lado a serra – Assim como quem diz: Lisboa e Sinfães...

Ruy

Se não estiver parecido, a culpa não será tanto do fotógrafo: é que o paciente não estava quieto na cadeira.

6

Largo da matriz e outras histórias – 1940

Ao Adolfo e à Alice

queridos amigos

sempre presentes.

Ruy.

7

Cancioneiro do ausente – 1943

Ao querido Adolfo, com a admiração e a fraterna amizade do seu

Ruy

Lisboa

Dez. 1943.

8

Uma noite de chuva e outros contos – 1944

Ao Adolfo Casais Monteiro, amigo que eu amo com [...] fraternas.

Ribeiro Couto.

Lisboa/Fev de 1945.

9

Isaura – 1944

Ao Adolfo, pai de um menino pagão que um dia virá a pecar com algumas Isauras, oferece o quase futuro padrinho do referido infante.

Ruy
Lisboa, Fev – 1945.

10

Dia longo– 1944

Ao Adolfo, que tanto admiro,
com fraterno afeto,
respeito de homem e
gratidão de amigo
- sem ti, meu Portugal,
estaria incompleto –
Ruy
Lisboa
24 de outubro de 1944.

11

Mal du Pays– 1949

Ao Adolfo – estas canções também simples e também da terra – e de outras terras.
Ruy.
Belgrado, 5.VIII.50.

12

Arc em ciel – 1949

Ao Adolfo, com saudades,
Ruy
Belgrado
5.VIII.50

13

Rive étrangère – 1951

Ao Adolfo e à Alice, tão desejosos de viver e sonhar na margem estrangeira,
afetuosamente envio esta parca cinza das invisíveis queimadas do exílio. Cinza só...
Belgrado
Natal de 1951.
Ruy.

14

Dikter – 1951

Adolfo, como verás, à fl. 39, a poesia que dediquei à Portugal, [verificar novamente]

15

Entre mar e rio – 1952

Para Adolfito, Alice e João Paulo, este livro (e esta alma) – do portuense convertido a Lisboa – velho amigo, sem mais palavras!

[...]Ruy

Belgrado

Junho

1952.

16

*Libertinagem*²²⁸ – 1930

A Adolfo Casais Monteiro com a admiração e a amizade do Ribeiro Couto

Endereço do autor:

51, rua do Curvello

(S^{ta} Thereza) Rio de Janeiro

Sérgio Viotti

1

Invenção triste – 1952

Para o Casais, sem quem este livro não existiria, com tudo que há entre amizade e reconhecimento

Sempre

Sérgio

Lisboa

23.2.53

Vinícius de Moraes

1

Ariana, a mulher – 1936

²²⁸ Obra de Manuel Bandeira, mas com dedicatória de Ribeiro Couto.

A Antonio Casais Monteiro
Sinceramente
Vinicius de Moraes
Rio, Agosto de 37

[com um pós-escrito não decifrado]